

MARCIA DE PAULA GREGORIO RAZZINI

ANTOLOGIA NACIONAL

(1895 - 1969)

MUSEU LITERARIO OU DOCTRINA?

Este exemplar é a redação final da tese
defendida por *Marcia de Paula*

Gregorio Razzini

e aprovada pela Comissão Julgadora em

25 / 12 / 92

MPR
PROF. DRª. MARISA PHILBERT LAJOLO

Dissertação apresentada ao
Departamento de Teoria
Literária do Instituto de
Estudos da Linguagem da
Universidade Estadual de
Campinas como requisito
parcial para a obtenção do
grau de Mestre em Teoria
Literária, sob orientação da
Profª. Drª. Marisa (Philbert)
Lajolo. 1394-

INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
UNICAMP
1992

AGRADECIMENTOS

Recebi inúmeras sugestões e contribuições.

Agradeço aos professores da UNICAMP e da USP que me ouviram com muita paciência na sala de aula e nas conversas informais de corredor.

Agradeço ao Prof. Antonio Dimas e ao Prof. Luiz Dantas pelas valiosas sugestões no Exame de Qualificação.

Agradeço à Monica e à Clélia que me receberam em 1988 na sede da Livraria Francisco Alves, no Rio de Janeiro, permitindo que eu pesquisasse no acervo; ao Prof. Aloysio Jorge e ao Prof. Antonio José Chediak que me receberam no Colégio Pedro II, em 1990, no Campo de São Cristóvão, permitindo a pesquisa nos arquivos antigos e nas bibliotecas do Colégio e fornecendo material valioso para este trabalho; à Eliane, à Marita e à Gersina do Instituto de Estudos Brasileiros da USP; ao Rizio Bruno Santana da Seção de Obras Raras da Biblioteca Mário de Andrade que me deu várias indicações de livros e me recebeu este ano, quando a Biblioteca estava em obras; à Nivea Faria O. Cândido e ao Toninho do Arquivo do Estado de São Paulo que me ajudaram este ano com os microfiches de jornais antigos; e especialmente ao Carlos Bastos do Centro de Informática do IEL, que tornou possível a inclusão dos Apêndices informatizados neste trabalho.

Agradeço aos meus amigos da pós-graduação Babi, Carlos, Cris e, especialmente ao Vagner, pelo companheirismo, sugestões e incentivo.

Finalmente, agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro, sem o qual este trabalho nunca teria deixado de ser um projeto.

Ao FABIO,
com carinho.

ANTOLOGIA NACIONAL DE FAUSTO BARRETO E CARLOS DE LAET (1895-1969)

MUSEU LITERARIO OU DOCTRINA?

S U M A R I O

I	- Introdução	3
II	- Apresentação da Antologia Nacional	7
	1. Editora	7
	2. Adoção	8
	3. Contra-capa	11
	4. Origem	12
	5. Autores	13
	6. Título	17
	7. Inversão da ordem cronológica	20
	8. Epígrafes	22
	9. Introdução gramatical	28
	10. Resumos bio-bibliográficos	32
III	- Comparação Interna	34
IV	- Depoimentos de Pedro Nava e Manuel Bandeira	42
V	- Comparação Externa com obras anteriores	48
	A) Com algumas obras de história literária	48
	B) Com algumas obras didáticas	61
	B.1. Curso Elementar	61
	B.2. Seleção Literária	65
	C) Banco de dados	68

VI	- Especulações Interpretativas ... ou Interpretações Especulativas	73
	A) Literatura e Compromisso com a nacionalidade.	73
	B) Temas Nacionalistas na <i>Antologia Nacional</i> ...	82
	C) Um português adotado pelo Brasil	89
	D) O Indianismo	95
	D.1. <i>O Caramuru</i>	101
	D.2. <i>O Uruguai</i>	110
VI	- Conclusão	117
VII	- Bibliografia	124
VIII	- Apêndices	129
	Apêndice 1	129
	Apêndice 2	155
	Apêndice 3	181
	Apêndice 4	191
IX	- Xerocópias	195

I - INTRODUÇÃO

O que o público infanto-juvenil brasileiro lia no entre-séculos?, era a pergunta que norteava o curso de extensão universitária da ECA-USP no primeiro semestre de 1988, ministrado pela professora Marisa Lajolo. Intitulado "Leituras Infanto-Juvenis", privilegiava o percurso histórico da literatura infantil no Brasil, em particular sua nascente, o final do século XIX.

Na tentativa de responder a esta pergunta no trabalho de conclusão do referido curso, fui pesquisar os arquivos da Livraria Francisco Alves no Rio de Janeiro, onde levantei alguns dados sobre os primeiros livros de leitura editados pela Casa. À medida que a pesquisa ia avançando, ficava cada vez mais evidente o papel do ensino no desenvolvimento da Livraria Francisco Alves e, por analogia e extensão, a importância da escola no mercado livreiro, respondendo também, em parte, à pergunta que norteava o curso.

A história desta editora com mais de 130 anos de existência registra que na última década do século XIX ela contava com mais de 150 títulos, dentre os quais, 90% eram destinados ao consumo escolar.¹

1. Histórico da Livraria Francisco Alves. Rio de Janeiro, Ed. Paulo de Azevedo Ltda., 1984, p. 4.

O parentesco escola/movimento editorial e o destaque da Livraria Francisco Alves nesta parceria reponta de diferentes fontes, como Laurence Hallewell, que em seu volumoso e importante trabalho O Livro no Brasil, destaca o interesse de Francisco Alves pelos livros didáticos:

Baptiste Garnier já tinha começado a desenvolver a publicação de livros didáticos, mas Francisco Alves foi o primeiro editor brasileiro a fazer disso o principal esteio de seu negócio. ²

Também o jornal Correio Paulistano aponta para a mesma direção. Em janeiro de 1895, após uma extensa lista de títulos que a Livraria Francisco Alves oferecia, encontra-se o seguinte anúncio:

A LIVRARIA CLASSICA, de Alves & Comp., dedica-se especialmente à publicação de livros de ensino primário e secundário e tem sempre grande sortimento de dicionários, livros de Antonio Trajano, Kopke e outros autores. Vendas a dinheiro - Preços baratíssimos. ³

Encerrado o curso da ECA-USP, continuei recolhendo dados. Tornei-me frequentadora assídua de arquivos históricos e seções de obras raras de bibliotecas públicas e escolares. A cor e o cheiro do tempo passaram a fazer parte da minha

2. HALLEWELL, Laurence. O Livro no Brasil. São Paulo, T.A. Queiros/EDUSP, 1985, p. 207.

3. Antonio Trajano era autor didático de Aritmética e Algebra, enquanto que João Kopke era autor didático de livros de leituras "práticas", "morais e instrutivas".

rotina de visitas aos sebos de São Paulo, onde me interessavam livros didáticos antigos.

Frequentei como ouvinte um curso de História Literária ministrado pela professora Marisa Lajolo na UNICAMP e, em uma das aulas, foi sugerido um estudo da **Antologia Nacional** e de suas edições.

Este era o gancho que me faltava para continuar as pesquisas, podendo transformar-se, como de fato ocorreu, em projeto de mestrado.

No ano seguinte, em 1989, ingressei na pós-graduação da UNICAMP, onde apresentei projeto de pesquisa voltado para a **Antologia Nacional**, projeto que direcionou a escolha de cursos exigidos para os créditos necessários ao Mestrado, bem como norteou minha participação em simpósios, encontros, discussões. Fiz também duas comunicações sobre a **Antologia Nacional**, uma em abril de 1990, no I Simpósio de Estudos Teóricos e Críticos de Literatura Infantil, na USP, e outra em julho de 1991, no 8º Congresso de Leitura do Brasil, na UNICAMP.

Dos cursos que fiz na pós-graduação, três tiveram como resultado estudos que diretamente se vinculam ao projeto, ("A **Antologia Nacional** e Algumas Perspectivas de seus Leitores no Colégio Pedro II", "A **Antologia Nacional** e a História Literária" e "Estudo Comparativo de Compêndios

Escolares"), enquanto outros dois cursos contribuíram para a configuração de um panorama do século XIX.

Hoje, fazendo parte do projeto "MEMÓRIA DE LEITURA", coordenado pela professora Marisa Lajolo e desenvolvido no CEDAE - Centro de Documentação Alexandre Eulálio, do IEL, minha dissertação de mestrado tem como objetivo principal traçar o percurso histórico da **Antologia Nacional**, tecendo comparações internas, entre suas edições, e externas com obras anteriores; examinando o fenômeno de sua longevidade, assim como seu declínio; destacando-lhe os pontos de convergência com o ensino, com a literatura e com a produção cultural brasileira.

E, por ser um trabalho ligado ao resgate histórico, darei ênfase na análise das circunstâncias de produção, edição e difusão, assim como das linhas que norteiam o projeto da **Antologia Nacional**, deixando para mais tarde, possivelmente o doutorado, a análise aprofundada dos textos que foram selecionados por Fausto Barreto e Carlos de Laet.

Com o resgate de práticas e projetos de leitura do passado, que certamente a **Antologia Nacional** representa e ilustra, este trabalho pretende contribuir para a preservação da memória da leitura em nosso país, enquanto rascunho de um capítulo de sua história, e também fornecer subsídios para projetos e práticas de leitura de hoje.

II - APRESENTAÇÃO DA ANTOLOGIA NACIONAL.

O hábito das antologias - tão característico do nosso tempo - parece ter sido uma das vias por que se estabeleceram a análise e o estudo da literatura portuguesa e brasileira.

Antonio Candido *

A Antologia Nacional (1895-1969) de Fausto Barreto (1852-1915) e Carlos de Laet (1847-1927), sucesso por mais de 70 anos ao longo de 43 edições, foi uma das compilações literárias mais lidas pela mocidade brasileira que passou pela escola secundária, por várias gerações: adotada oficialmente nos principais colégios do país, teve carreira excepcional, sucesso de público sem precedentes, enquanto as minguadas edições brasileiras, não-didáticas, demoravam anos e anos para vender.

1) EDITORA - Da 1ª. à 5ª. edição a Antologia Nacional foi editada por J.G. de Azevedo e, depois de sua morte, por sua viúva com a denominação "Livraria da Viúva Azevedo e Cia. Editores".

A partir da 6ª. edição, em 1913, (xerocópia 2, da página de rosto, anexa) a obra passa para a Livraria Francisco

*. CANDIDO, Antonio. O Método Crítico de Silvio Romero. 3ª. ed. São Paulo, EDUSP, 1988, p. 18.

Alves, onde permanecerá até sua última edição, a 43ª., de 1969.

Laurence Hallewell, ao registrar a transferência de editora, atribui à mudança razões de interesse comercial da Francisco Alves:

Muitas dessas aquisições - houve pelo menos dez delas - foram feitas apenas para conseguir determinados direitos de edição. Francisco Alves comprou a pequenina livraria da Viúva Azevedo, no Rio de Janeiro apenas para obter os direitos da Antologia Nacional de Fausto Barreto e Carlos de Laet, amplamente adotada nas escolas. ⁵

2) ADOÇÃO (capa e página de rosto) - Enquanto editada, a Antologia Nacional foi adotada oficialmente pelas escolas mais tradicionais do país: o Colégio Pedro II, o Colégio Militar e a Escola Normal no Rio de Janeiro, fundados ainda no Império. Também significativo é o fato de que a adoção da Antologia nestas instituições vinha registrada em sua página de rosto até a 24ª. edição e, em algumas edições, vinha também na capa, como uma espécie de selo de qualidade, o que pode levantar a hipótese de que o aval destas instituições, além de nobilitar o consumo do livro, incentivou sua adoção e pode ter sido um dos fatores de sua longa permanência no mercado.

5. Op.cit., p. 210-211.

A adoção no Pedro II, particularmente, era muito importante: escola modelo, o Colégio Pedro II sempre gozou de muito prestígio, principalmente durante o Segundo Império, quando o Imperador fiscalizava pessoalmente algumas atividades da escola que levava seu nome e o tinha como patrono.

Escragnolle Doria, no texto em que celebra o centenário do referido colégio, comenta que o aspecto exemplar da instituição parecia contagiar os livros que lá se adotavam e se produziam:

Era freqüente reduzirem os professores do Pedro Segundo lições a compêndios declarando-os para o uso dos alunos do Imperial Colégio. Não impedia isso de serem aqueles compêndios adotados em outros estabelecimentos de instrução secundária. Consideravam o Pedro Segundo colégio tipo, sabiam-no sujeito à fiscalização suprema do Imperador, jamais nela esmorecida. ⁶

Depois da Proclamação da República, em 1890, o nome do colégio foi mudado para "Ginásio Nacional", entretanto sua importância de colégio modelo permaneceu.

O Colégio Pedro II, através de regulamento republicano aprovado por decreto federal, incentivava seus professores a escrever compêndios escolares. Além da edição de três mil exemplares, dependendo da aceitação do trabalho, estaria

6. DORIA, Escragnolle. Memória Histórica (comemorativa do 10. centenário do Colégio Pedro Segundo 1837-1937). Rio de Janeiro, Ministério da Educação, 1937, p. 190.

também incluída uma gratificação em dinheiro.⁷ Tal informação vem realçar o comentário de Escragnolle Doria e ilustrar a continuidade do prestígio da instituição e de "seus" livros.

O registro da adoção na página de rosto da *Antologia Nacional* documenta as diferentes denominações da escola. As primeiras edições da *Antologia* traziam estampadas a informação "*Adotada no Ginásio Nacional*". Depois de 1909, quando o colégio voltou a ter o nome de seu patrono, mudou-se também a indicação na *Antologia* para "*Adotada no Colégio Pedro II*" (vide xerocópias 1 e 2). Só a partir da 25ª. edição, em 1942, o registro de adoções individuais foi substituído pela informação de que a obra era "*Anotada e Adaptada ao Programa do Segundo Ciclo do Curso Secundário*", rótulo sem dúvida mais condizente para um compêndio que pretendia adequar-se à renovação por que passava o sistema

7. Por exemplo, Decreto 1184 de 28.12.1892 que aprova o Regulamento para o Ginásio Nacional:

"Artigo 83. O diretor, ou qualquer membro do magistério que escrever compêndios sobre as doutrinas professadas no Ginásio, terá direito à impressão de seu trabalho, por conta do Governo da República, se julgar essa obra valiosa e de grande utilidade para o ensino, não excedendo de 3.000 o número de exemplares impressos à custa dos cofres públicos. No caso de mérito verdadeiramente excepcional da obra, a juízo da congregação, o autor terá direito a uma gratificação pecuniária, arbitrada pelo Governo e nunca inferior a 2:000\$000 nem superior a 5:000\$000."

Para se ter idéia do prêmio em dinheiro, a título de comparação, neste mesmo Decreto encontra-se o valor ANUAL dos vencimentos de todos os funcionários do Ginásio, sendo que, um lente (professor catedrático) recebia a mesma quantia que o diretor, 6:000\$000 (4:000\$000 de salário e mais 2:000\$000 de gratificação), e um professor 3:600\$000 (2:400\$000 de salário e 1:200\$000 de gratificação).

escolar brasileiro. Ou seja, esta última substituição da denominação elitista de uma escola modelo pela indicação de um anônimo grau de escolaridade, combinava bem com o movimento de democratização do ensino que a Reforma Capanema, de 1942, no final do Estado Novo, parecia pregar.⁸

3) CONTRA-CAPA - Sendo um livro didático de sucesso da Livraria Francisco Alves, (como já vimos, editora que se especializou nesta área no final do século XIX), a *Antologia Nacional* traz sempre em sua contra-capa um pequeno catálogo de obras didáticas incluindo o nome da obra e do autor, o preço e algum comentário sobre o livro ou sobre o autor. Por exemplo, na contra-capa da 6ª. edição (1913), encontra-se a propaganda de onze livros, "A venda na Livraria FRANCISCO ALVES", entre eles:

Compêndio de História da Literatura Brasileira, pelos Drs. Sylvio Romero e João Ribeiro (da Academia Brasileira), 2a. ed. refundida. Obra adotada no Ginásio Nacional, no Colégio Militar, etc., I vol., in-16 de 570 p. cart..... 5\$000.

Tratado de Versificação - A Poesia no Brasil - A Métrica - Gêneros literários, por Olavo Bilac e Guimarães Passos, 2a. edição melhorada. I vol. cart. 3\$000.

Compêndio de Literatura Brasileira, para uso dos Ginásios e Escolas Normais, por Coelho Netto (da Academia Brasileira) I vol. cart. 2\$000.

B. ROMANELLI, Otáiza de Oliveira. História da Educação no Brasil. 13a. ed., Petrópolis, Vozes, 1991, p. 158.

As três obras citadas revelam que escritores da Academia Brasileira de Letras transitavam em lides menos nobres, como o magistério e a edição de livros didáticos, opções mais rentáveis e retaguarda profissional mais sólida, dada a segurança de seu consumo, tendo como avalista o Estado.

4) ORIGEM - Como informa o prefácio ⁹ de sua 1ª. edição (1895), a *Antologia Nacional* vem de uma compilação anterior intitulada Seleção Literária:

Convidados pelo prestimoso editor J. G. de Azevedo para corrigir a *Seleção Literária* compilada por um dos coletores desta *Antologia* e outro professor, mais acertado nos pareceu refundi-la de todo, dando-lhe a forma com que ora a deparamos à publicidade.

10

A obra de Sacramento Blake ¹¹, informa que a Seleção Literária (1ª. edição 1887, 2ª. e última edição 1892), é de autoria de Fausto Barreto e Vicente de Souza, ambos professores do Colégio Pedro II, onde até 1894 tinha sido adotada oficialmente para o programa de português do primeiro ao quinto ano do curso secundário. No Programa de Ensino para o ano de 1895, a *Antologia Nacional* substitui a

9. O fato de se reproduzirem os vários prefácios da Antologia Nacional em suas sucessivas edições, além de ser muito esclarecedor para quem estuda a obra, pode significar que os próprios prefácios são mantenedores da sua tradição.

10. BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de. Antologia Nacional. 6a. ed., Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1918, p. 7.

11. BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. Dicionário Bibliográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1898, vol. 2, p. 320-321.

Seleção Literária.¹² Nos Programas de Ensino do Ginásio Nacional para os anos de 1893, 1894, 1895, 1897 e 1898, que encontrei na biblioteca do Colégio Pedro II, vêm registrados, além do currículo, os livros que eram adotados oficialmente. A leitura destes programas é muito interessante na medida que amplia e revela o uso da Seleção Literária e da Antologia Nacional. O uso desses compêndios não se restringia aos currículos de português, mas eles eram também indicados para os segundos e terceiros anos, nos cursos de francês, inglês e alemão, onde os textos serviam de modelos para exercícios de tradução.

5) AUTORES - É curioso que Carlos de Laet¹³ tenha sido convidado pelo editor J. G. de Azevedo para emendar a Seleção Literária no lugar de Vicente de Souza, pois Laet, professor do Colégio Pedro II desde 1873, foi demitido em 1890 por ter protestado contra a mudança de nome do Colégio em virtude da Proclamação da República e só seria readmitido em setembro de 1915. Ou seja, quando a primeira edição da Antologia Nacional saiu e foi adotada oficialmente no Colégio Pedro II (então Ginásio Nacional), Carlos de Laet

12. Programa de Ensino do Ginásio Nacional. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1895, p.4 e 15.

13. As informações bio-bibliográficas sobre Carlos de Laet se baseiam nas seguintes obras:

NOGUEIRA, Ataliba. Centenário de Carlos de Laet. (Reproduzido da Revista da Academia Brasileira de Letras, vol. 74, p.73-104). São Paulo, Empresa Gráfica da "Revista dos Tribunais" Ltda., 1958.

LOPES S.J., Pe. Francisco Leme. Carlos de Laet - textos escolhidos. Rio de Janeiro, Coleção Nossos Clássicos, Livraria Agir Editora, 1964.

tinha ingressado no magistério particular do Rio de Janeiro (Ginásio de São Bento, Colégio da Tijuca) e estava bem longe de uma reversão no Pedro II.

Carlos de Laet tinha ligação antiga com o Colégio Pedro II, onde fez seu curso de Humanidades de 1861 a 1867. Em 1871 formou-se "*Engenheiro-geógrafo pela antiga Escola Central (depois Politécnica)*", e no final de 1872, recebeu o grau de Bacharel em Ciências Físicas e Matemáticas pela mesma escola, o que o habilitou para o cargo de Professor de Português, Geografia e Aritmética do 1º. ano do Internato do Imperial Colégio de Pedro II, que tinha pleiteado e ganho em concurso, em 1873.

Ele começou sua carreira jornalística em 1876. Em 1878, Carlos de Laet inicia sua série de artigos no Jornal do Comércio do Rio de Janeiro, intitulada "Microcosmos".

Em 1879, através das colunas da Revista Brasiliense, Laet rebate as críticas de Camilo Castelo Branco feitas em seu Cancioneiro Alegre a alguns escritores brasileiros, em particular a Fagundes Varela.

Em junho de 1913 recebeu do Vaticano o título de Conde de Santa Sé. A 7 de março de 1915 recebeu o título de Doutor pela Faculdade de Filosofia e Letras de São Paulo, (anexa à Universidade de Louvain), no Mosteiro de São Bento, onde Mário de Andrade cursou o primeiro ano em 1910.

Carlos de Laet, defensor ardoroso da monarquia e do catolicismo, era conhecido por seu espírito combativo e polêmico. Em 1893 refugiou-se em Minas Gerais, perseguido pelos republicanos. Provavelmente foi convidado para fazer a **Antologia Nacional** com Fausto Barreto devido seu sucesso como jornalista (considerado profundo conhecedor da língua portuguesa, polemizou com Rui Barbosa, João Ribeiro, Artur Azevedo, Valentim Magalhães, entre outros) e devido seu prestígio político e intelectual (Laet foi redator de debates no Senado entre 1877 e 1888 e membro fundador da Academia Brasileira de Letras em 1896).

Se a **Antologia Nacional** dependeu do prestígio social e cultural de Carlos de Laet nas primeiras décadas do século XX para ser consumida em várias instituições tradicionais, teve seu sucesso garantido, pois Laet foi diretor do Colégio Pedro II de 1918 até 1925 e presidente da Academia Brasileira de Letras de 1919 até novembro de 1922.

A convivência entre os autores da **Antologia Nacional** não se restringia só ao ambiente escolar do Pedro II (Carlos de Laet foi examinador de Fausto Barreto, em 1883, quando este último venceu o concurso para professor de português do Colégio Pedro II). Ambos escreviam lado a lado na Tribuna Liberal, jornal dirigido pelo Visconde de Ouro Preto, figura ilustre do Império, a quem Carlos de Laet serviu como Oficial de Gabinete em 1889.

Fausto Barreto ¹⁴ era também considerado profundo conhecedor da língua portuguesa. Em 1887, organizou o Programa de Português que seria adotado nos exames gerais de preparatórios, estruturando, segundo alguns "uma reforma de cunho científico". No mesmo ano, Lameira de Andrade e Pacheco da Silva Junior fizeram a primeira gramática com base na reforma de Fausto Barreto.¹⁵ Esta reforma, seus elogios, assim como a obra didática que dela resultou podem refletir, a grosso modo, a preocupação dos filólogos com o estudo mais "científico" da língua, orientação pela qual se pautavam todas as áreas do conhecimento desde os trabalhos de Charles Darwin e Hebert Spencer.

Assim como Laet, Fausto Barreto era monarquista. Em 1889 foi nomeado Presidente do Rio Grande do Norte, mas afastou-se da política após 15 de Novembro. Talvez, devido a este afastamento, Fausto tenha conseguido se acomodar na estrutura educacional republicana, pois em 1892 foi nomeado

14. As informações bio-bibliográficas sobre Fausto Barreto se baseiam no texto de:

MALVEIRA, Antonio Nunes. Fausto Carlos Barreto, o reformador dos estudos da Língua Portuguesa. Introdução bio-bibliográfica da reedição das Teses de Concurso de Fausto Barreto: Arcaísmos e Neologismos (1878) e Temas e Raiças (1883), no Caderno 4 dos Cadernos Avulsos da Biblioteca do Professor do Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 1984. Esta introdução foi gentilmente cedida pelo Prof. Antonio José Chediak, Diretor-Geral do Colégio Pedro II, em 1980.

15. Nos Programas de Ensino de 1883, 1885, 1897 esta obra de Pacheco Junior e Lameira de Andrade, chamada de Noções de Gramática Portuguesa (2a. edição) é adotada nos terceiros e quartos anos do Curso Clássico (7 anos) e do Curso Realista (8 anos).

lente de Gramática Histórica do Colégio Militar, instituição republicana por excelência.

É muito curiosa também a adoção oficial da *Antologia* no Colégio Militar, palco de inúmeros discursos republicanos de Benjamin Constant. Provavelmente a admissão de Fausto Barreto no seu quadro de professores em 1892 tenha contribuído para a adoção.

Assim como o Colégio Pedro II manteve seu prestígio da época imperial, a nomeação de Fausto Barreto como lente e a adoção da *Antologia Nacional* no Colégio Militar, podem indicar que a República aproveitou o espólio educacional do Império. Por outro lado, o afastamento de Carlos de Laet do Pedro II, pode indicar também que o aproveitamento desta herança era seletivo, ou seja, era preciso se acomodar à nova ordem.

De qualquer forma, parece importante salientar que a *Antologia Nacional*, apesar de ser um livro didático de orientação imperial e católica, conseguiu sobreviver mais de setenta anos no ensino de orientação republicana.

6) TÍTULO - O título completo da obra anuncia, entre outras, a informação de que se trata de livro exemplar, ou melhor, de uma seleção de modelos em português:

ANTOLOGIA NACIONAL ou Coleção de excertos
dos Principais escritores da língua
Portuguesa, do 19^o. ao 16^o. século por

Fausto Barreto e Carlos Laet. (Precedida de uma introdução gramatical e estremeada de breves notícias bio-bibliográficas). 1^o

Fausto Barreto e Carlos de Laet detém-se em comentário, no prefácio da 1^a. edição, sobre a escolha do termo **Antologia**:

Se os vocábulos podem ter cheiro, este é de certo um dos mais odoríferos. Em seus dois elementos efetivamente reúne a idéia da flor e a da palavra, que é a flor do entendimento. Não havia senão os Gregos para formarem vocábulos como esse! Aproveitemo-lo.
17

Note-se o elogio aos inventores da palavra *anthologia*, os gregos. Se juntarmos este elogio com a epígrafe de Quintiliano, da qual trataremos adiante, pode-se dizer que os autores da *Antologia* gostavam de meter sabor clássico em sua seleta.

O termo *antologia* parece não ter sido comum no Brasil - ao menos até o advento da *Antologia Nacional* - na denominação deste tipo de obra. É apenas após a publicação da obra de Fausto Barreto e Carlos de Laet, que "antologia" ganha força e se multiplica no batismo de obras voltadas para a escola, como atesta outra obra de sucesso da Livraria Francisco Alves, a *Antologia Brasileira* de Eugenio Werneck.¹⁸

18. Op.cit., 6a. ed., página de rosto.

17. Idem, ibidem, "Prefácio da Primeira Edição", p. 8-9.

Até o fim do século XIX as denominações mais usuais para obras de história literária brasileira, voltadas para o ensino ou não, eram Curso de Literatura, Seleta, Compêndio, Parnaso, Florilégio.

O destaque da Antologia Nacional decorre ainda de outros fatores. Sua publicação em 1895 ocorreu em plena campanha pela nacionalização do livro escolar, cujo circuito era, até então, dominado pelo livro português, o que atribui sentido mais amplo à observação do professor mineiro Wilton Cardoso, autor de Um Livro e Uma Época (texto inédito de 1989) que destaca:

o título "Antologia Nacional", cujo primeiro termo, pouco corrente em obras congêneres, dá ensejo à pitoresca explicação helenística, passa a ser duplamente expressivo: é nacional, porque contempla um número crescente a cada edição de autores brasileiros, e é nacional, porque se opõe, numa perspectiva brasileira, ao nacional português da Seleta Nacional, de Caldas Aulete. 18

18. Segundo informações do Prefácio da 7a. Edição, de 1918, a Antologia Brasileira foi publicada pela primeira vez em 1900-1901, comemorando o quarto centenário do descobrimento do Brasil. É uma antologia parecida com a Seleta Nacional de Caldas Aulete, principalmente quanto à apresentação de autores e excertos, por gêneros literários, mas só com autores brasileiros, que até esta 7a. edição atingiu os 20.000 exemplares. Só a partir da 8a. edição, em 1922, é que a Antologia Brasileira passa a ser editada na Livraria Francisco Alves.

19. CARDOSO, Wilton. Um Livro e Uma Época. in "Miscelânea em Homenagem ao Prof. Antonio Jose Chediak", inédito, 1989. (Homenagem ao Prof. Chediak por ocasião da sua posse como diretor-geral do Colégio Pedro II, sendo ele um especialista em Carlos de Laet).

É interessante salientar que nos Programas de Ensino do Ginásio Nacional para os anos de 1895, 1897 e 1898, a Seleção Nacional de Caldas Aulete, assim como a Antologia Portuguesa de Teófilo Braga, eram compêndios portugueses adotados para os terceiros e quartos anos, juntamente com a Antologia Nacional de Barreto e Laet.

Se tais são as leituras que sugerem capa, contra-capas, folha de rosto, título, apresentação dos autores e de sucessivas edições da Antologia Nacional, seus conteúdos e a disposição deles devassam outros recantos da vida escolar brasileira que se passava em suas entrelinhas.

7) INVERSAO DA ORDEM CRONOLÓGICA (estudo da língua) - O estudo da língua é apontado como causa da inversão da ordem cronológica, anunciada desde o título (do 19º. ao 16º. século) ²⁰, e depois explicada no prefácio da 1ª. edição:

Acertado julgamos principiarmos pela fase contemporânea, e desta forma remontar às nascentes da língua, pois que tal é o caminho natural do estudioso, que primeiro sabe como fala para depois aprender como se falava. ²¹

Entretanto, tal itinerário na contra-mão, além de ser incomum, ao menos em antologias e estudos históricos literários, que geralmente adotam a ordem direta e

20. A partir da 7ª. edição o registro inclui o século XX, "Do 20º. ao 16º. século".

21. Op.cit., "Prefácio da Primeira Edição", p. 7.

evolucionista do tempo, tem consequências muito importantes quanto ao, por assim dizer, estatuto, que a partir daí a literatura brasileira assume num livro didático, colocando-a em primeiro plano.

Portanto, ao mesmo tempo que a ordem inversa de apresentação confere à *Antologia Nacional* um cunho anti-lusitano, ela também a caracteriza como uma obra de cunho nacionalista.

A *Antologia Nacional*, apesar da sua preocupação com o ensino da língua materna, é anti-lusitana, pois deixa de rezar na cartilha lusíada, detentora da origem da língua e de sua tradição literária, atenuando a dependência da literatura do Brasil em relação à de Portugal ao colocar os autores portugueses depois dos brasileiros, é como se já tivéssemos uma maneira própria e diversa de estudar língua e literatura.

Simultaneamente a *Antologia Nacional* é nacionalista, porque ao contemplar brasileiros e portugueses, apresenta em primeiro plano os autores brasileiros contemporâneos, já independentes de seus pares de além mar. Quanto às razões da separação dos autores da fase contemporânea, esclarecem Fausto Barreto e Carlos de Laet:

O apartamento de escritores em brasileiros e portugueses fizemo-lo só na fase contemporânea, em que claramente se afastaram

as duas literaturas como galhos vicejantes a partirem do mesmo tronco. 22

Assinalando de passagem que a metáfora vegetal da citação anterior tem longa tradição nos estudos literários, vamos observar que ela atribui autonomia à literatura brasileira apenas a partir do século XIX, ao mesmo tempo que confere também à nossa literatura *status* de igualdade em relação à literatura portuguesa, que de *tronco* passou (como a brasileira no romantismo) a *galho vicejante*.

8) EPIGRAFES - Por outro lado, se a ordem cronológica inversa é usada para a apresentação dos autores e excertos, as epígrafes que abrem a *Antologia Nacional* estão dispostas na mais tradicional ordem direta, primeiro a citação de Quintiliano (pode-se dizer o *tronco* latino), depois a de Antonio Ferreira (o *galho* português) e, por último, a de José de Alencar (o *galho* brasileiro), incluídas em todas as edições da *Antologia Nacional*.

A epígrafe de Quintiliano é a única que recebe os créditos de localização da obra, dificultando assim a pesquisa na obra dos outros dois autores.

O primeiro livro das Instituições Oratórias de Marcus Fabius Quintilianus, de onde foi tirada a epígrafe da *Antologia Nacional*, *est presque tout entier consacré à la*

préparation de l'enfant aux études supérieures et, presque exclusivement, à la pratique de la langue. 23

A preocupação formativa de Quintiliano (prática da língua, aquisição da arte retórica, reabilitação de autores clássicos) reflete-se na epígrafe escolhida por Fausto Barreto e Carlos de Laet:

Utiles tragoediae; alunt et lyrici, si tamen in iis nom auctores modo, sed etiam partes operis elegeris.

La lecture des tragédies est utile; les poètes lyriques aussi nourrissent l'esprit, pourvu que l'on choisisse les auteurs, mais aussi les passages de leurs oeuvres. 24

Em 1895, o *corpus* de leituras úteis de Quintiliano é evocado, talvez na tentativa de apadrinhar uma seleta de autores e excertos que também se pretende formadora e alimento para o espírito de seus leitores. Parece que a missão do formador é selecionar o cardápio de textos dos autores exemplares para desenvolver o bom gosto dos leitores secundaristas, é como se tentasse formar um bom *gourmet* de língua e literatura, (no caso da Antologia Nacional, língua portuguesa e literaturas brasileira e portuguesa).

Entretanto, se por um lado Quintiliano defendeu a leitura dos clássicos, ele também foi apontado como um inovador:

23. QUINTILIEN, M.F. *Institution Oratoire. Texte établi et Traduit par Jean Cousin. Paris, Les Belles Lettres, 1975.* "Notice", p. 3. (tradução bilingue francês-latim)

24. Idem, *ibidem*, p. 125.

L'originalité de Quintilien réside dans l'esprit de son ouvrage: l'*Institution oratoire* est le manifeste de la réaction classique contre le mauvais goût contemporain et la réhabilitation des anciens orateurs de la République, de Cicéron surtout, injustement méprisés par les admirateurs de l'éloquence nouvelle. Elle réside en outre dans *certaines questions* qui, pour la première fois, se trouvent débattues dans une oeuvre de ce genre: ce sont celles qui ont trait à l'importance de la rhétorique, à l'éducation, à la critique littéraire. 25

Quanto a Antonio Ferreira, encontrei no Curso de Literatura Portuguesa de José Maria de Andrade Ferreira, a informação de que ele foi o único de sua geração que escreveu só em português, ao contrário de Sá de Miranda e Camões que seguiram a moda e escreveram também em castelhano. Diz o compilador que Antonio Ferreira tinha consciência que escrevendo em vernáculo ele prestava grande serviço à sua pátria e arremata com a citação do terceto que serviu de epígrafe à Antologia Nacional:

E bem certo estava ele [Antonio Ferreira] disso, quando, apurando já o idioma, e encadeando-o em versos admiráveis de concisão e vigoroso conceito, exclamava:

Floresça, fale, cante, ouça-se e viva
A portuguesa língua, e já onde fôr
Senhora vá de si, soberba e altiva! 26

25. BERTHAUT, H. E. GEORGIN, Ch. Histoire Illustrée de la Littérature Latine. 6a. ed., Paris, Librairie A. Hatier, 1947, p. 377.

26. FERREIRA, José Maria de Andrade. Curso de Literatura Portuguesa. Lisboa, Livraria Ed. de Mattos Moreira & Cia., 1875, p.352. Em virtude da morte de José Maria, a continuação deste Curso dedicado aos séculos XVII, XVIII e XIX, publicada em 1878 pela mesma editora, ficou ao encargo de Camilo Castelo Branco. [grifos meus]

Numa certa *Antologia Portuguesa organizada por Agostinho de Campos*, encontrada na Biblioteca da Faculdade de Letras da USP, com o título bizarro de Paladinos da Linguagem,²⁷ encontrei a obra de Antonio Ferreira de onde foi tirada a epigrafe da *Antologia Nacional*: "Carta III a Pero de Andrade Caminha", inserida no volume II de seus Poemas Lusitanos.

O título sugestivo do compêndio onde foi encontrada a carta, passando a idéia do escritor como o defensor estrênuo da linguagem, somado à intenção de Antonio Ferreira na Carta a Andrade Caminha, que era a de convencê-lo a escrever em língua portuguesa, dimensiona a importância do uso de três versos desta carta como epigrafe da *Antologia Nacional*.

Diz Antonio Ferreira na referida carta a Pero de Andrade Caminha:

Mostraste-te até agora tão esquecido
 Meu Andrade, da terra, em que nasceste,
 Como se nela não foras nascido.
 [...]
 É a boa tenção, e obra à pátria sirva,
 Demos a quem nos deu, e devemos mais.
 Floresça, fale, cante, ouça-se, e viva
 A Portuguesa língua, e já onde for
 Senhora vá de si soberba, e altiva.
 Se até aqui esteve baixa, e sem louvor,
 Culpa é dos que a mal exercitaram:
 Esquecimento nosso, e desamor.

27. CAMPOS, Agostinho de. Paladinos da Linguagem. *Antologia Portuguesa*. Paris/Lisboa, Livrarias Aillaud e Bertrand, 1921. Este compêndio era distribuído pela *Livraria Chardron* da cidade do Porto e pela *Livraria Francisco Alves* do Rio de Janeiro.

Mas tu farás, que os que a mal julgaram,
 E inda as estranhas línguas mais desejam,
 Confessem cedo ante ela quanto erraram. 28

É muito importante a inclusão de José de Alencar como o representante brasileiro nas epígrafes, pois ele sempre defendeu o "dialeto" brasileiro, tão criticado pelos escritores portugueses, contra os quais Alencar se insurgia:

Increpando-nos a ignorância do português que só falam no Brasil dois ou três felizes *atenienses* desterrados no crasso fumeiro desta Beócia; acusando-nos de degeneração da língua de Barros e Camões; ainda não se deram contudo os censores ao trabalho de tirar a limpo as deformidades e máculas de nossa maneira de falar e escrever. 29

Afrânio Coutinho em nota editorial às obras completas do autor considera que *José de Alencar é o patriarca da literatura brasileira.*

Encontrei a epígrafe de Alencar num excerto da Antologia Brasileira de Eugenio Werneck, intitulado "A palavra",³⁰ com créditos para *Carta sobre a Confederação dos Tamoiós*. Fausto Barreto e Carlos de Laet fizeram cortes no texto de Alencar ao transpô-lo, eis o parágrafo completo da epígrafe, que está em negrito:

28. FERREIRA, Antonio. Poemas Lusitanos. Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1900, vol. II, p. 43-48. [grifos meus]

29. ALENCAR, José Martiniano de. O Nosso Cancioneiro. (Cartas ao Sr. Joaquim Serra). Carta de 20.12.1874. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1962, p.81.

30. WERNECK, Eugenio. Antologia Brasileira. 12a. ed., Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1927, p.12-14.

Assim, pois, todo homem, orador, escritor, ou poeta, todo homem que usa da palavra, não como um meio de comunicação às suas idéias, mas como um instrumento de trabalho; todo aquele que fala ou escreve, não por uma necessidade da vida, mas sim para cumprir uma alta missão social; todo aquele que faz da linguagem, não um prazer, mas uma bela e nobre profissão, deve estudar e conhecer a fundo a força e os recursos desse elemento de sua atividade. 31

Interessante ressaltar que o parágrafo escolhido para a epígrafe de Alencar é prescritivo e vem depois de doze parágrafos metafóricos que tencionam descrever a "palavra" e sua função.

O fato de ter encontrado as epígrafes de Antonio Ferreira e de José de Alencar em outros compêndios escolares pode significar que existia uma certa tradição da repetição quanto ao que deveria ser selecionado num livro didático.

Parece que os autores da Antologia Nacional tentavam, através das epígrafes escolhidas, registrar a opinião dos epigrafados sobre a língua que, de certa maneira, eles eram os fundadores ou consolidadores. Teríamos desta forma, o latim de Quintiliano, que lutou a favor de sua pureza, reabilitando antigos oradores, e contra sua dialeção pelas línguas modernas; o português de Antonio Ferreira, que defendeu do latim e do espanhol; e o por assim dizer

31. ALENCAR, José Martiniano de. Cartas sobre a Confederação dos Tambores, por Ig. "Última Carta" In Obras Completas. Rio de Janeiro, Aguilar, v.4, p. 888-890. [grifos meus]

português americano, o dialeto brasileiro que tanto José de Alencar não cansou de apregoar e defender em sua obra.

A presença destas três epígrafes na *Antologia Nacional*, além de poder emprestar-lhe algum brilho ou sabor clássico de Quintiliano, Ferreira e Alencar, ou até alguma prova de erudição de seus compiladores, porque existe um consenso literário quanto ao valor de tais autores, também pode indicar que Fausto Barreto e Carlos de Laet criavam rapidamente e cronologicamente (dado a ordem das epígrafes) uma espécie de histórico de autores e obras consagradas onde a *Antologia* se encaixaria plenamente como seu mais novo elo. Desta forma, seguindo a mesma missão dos epigrafados, a *Antologia Nacional* representaria a defesa e a resabilitação dos autores e obras que ela compila.

9) INTRODUÇÃO GRAMATICAL - A preocupação dos autores da *Antologia Nacional*, ambos filólogos, com o estudo da língua, já apontada nos comentários sobre o percurso escolhido, fica mais evidente no estudo introdutório de análise sintática que antecede os excertos, anunciado desde o título, chamado pelos autores da *Antologia* de "*Noções Elementares de Sintaxe da Proposição Simples e da Proposição Composta*".³² Esta tendência da *Antologia Nacional*, aproxima-a do projeto

32. *Op.cit.*, 8a. ed., p.15-23.

Por terem caído em desuso as "*Noções Elementares de Sintaxe da Proposição Simples e da Proposição Composta*" foram substituídas pela "*Nomenclatura Gramatical Brasileira*" na 38a. edição (1961) da *Antologia Nacional*, aconselhada pelo Ministério da Educação.

pedagógico tradicional, apontando para a aliança entre o ensino de literatura e o de língua materna, onde o texto literário é usado como intermediário no ensino de gramática.

O pacto língua/literatura ultrapassa as páginas do compêndio difundindo-se no dia-a-dia da prática escolar. Nesse sentido, algumas provas garimpadas no arquivo do Colégio Pedro II (xerocópias 5,6,7,8, anexas) registram o uso dos textos da *Antologia* nos ditados e exercícios de análise sintática dos "Exames Preparatórios", como eram conhecidos os exames de admissão do Pedro II, informação confirmada adiante pelo depoimento de Pedro Nava.

Wilton Cardoso, ao apontar uma exceção, reafirma a prática que acabava por priorizar o ensino de língua sobre o de literatura nas aulas de português no Colégio Pedro II:

Silva Ramos, antigo catedrático da casa, distinguia-se da maioria de seus colegas pelo fato de, numa época em que o ensino da língua materna era predominantemente o ensino da gramática portuguesa, nunca ter adotado um compêndio da espécie e mesmo nunca prelecionar sobre matéria estritamente gramatical. Homem de bom gosto literário, poeta e prosador elegante, só adotava a *Antologia Nacional* e suas aulas resumiam-se na leitura dos textos e no comentário que deles fazia, mais preocupado em ressaltar as belezas literárias do que em ilustrar secas regras de gramática. ^{ss}

Wilton Cardoso está chamando a atenção para a didática de Silva Ramos, que procurava seduzir seus alunos com a leitura

dos textos da *Antologia Nacional*, ao invés de mostrar as regras de gramática que os construíam.

Parece que a didática de Silva Ramos era tão diversa da dos outros professores que deixou marcas em alunos como Manuel Bandeira, referindo-se a ela numa crônica de tom nostálgico:

Silva Ramos era o catedrático de Português. [...] É de fato bastava que um aluno, mau leitor, estropiasse a dicção de uma bela página da *Antologia Nacional* para que a sensibilidade do mestre, ferida em suas fibras mais finas, estremecesse e buscasse evadir-se conosco para fora da sombria sala de aula: de todo esquecido da gramática, da seca análise gramatical e da "chamada análise lógica, que de lógica muitas vezes nada tem", como ele mesmo escreveu em prefácio a um livro de Sousa da Silveira, Silva Ramos interrompia o aluno, talvez bem seguro de todas as subordinadas conjuntivas do período, para lhe fazer sentir a beleza do trecho, que passava a ler com o entusiasmo mais vibrante e comunicativo. Toda classe ficava fascinadamente presa à sua palavra, em que havia um leve sabor da fala portuguesa. 34

Este conjunto de textos literários e "exemplares" tantas vezes transformado em pretexto para ensino de língua tem tradição longa no mundo ocidental. Carpeaux relata, na introdução de sua *História da Literatura Ocidental*, que Quintiliano, professor de língua e retórica (e não de literatura, pois ela não existia enquanto matéria de ensino), preocupado com a decadência estilística e moral

34. BANDEIRA, Manuel. *Crônicas da Província do Brasil*. "Presente", In *Obras Completas*, 4a. ed., Rio de Janeiro, Ed. Nova Aguilar, 1977, p.458-460.

Para se ter idéia da *Análise Lógica*, vide xerocópias 3 e 4 anexas.

entre os profissionais da sua arte, escreveu no décimo livro de suas Instituições Oratórias (a mesma obra citada na epígrafe da Antologia Nacional) *uma espécie de biblioteca mínima do aluno de Retórica* ³⁵, onde incluía autores clássicos da retórica, em especial Cícero, que tinha por escopo preservar a pureza do latim, ameaçado pela dialeção que o fragmentava nas línguas chamadas, a partir disso, de neo-latinas.

Creio ser muito significativa a preocupação com o ensino da língua portuguesa numa seleta literária como a Antologia Nacional, surgida no final do século XIX, principalmente se levarmos em conta sua longa permanência nos currículos da escola secundária brasileira, pois ela demonstra que o conservadorismo do ensino da língua materna, sempre preso à poética, oratória e retórica clássicas, sobreviveu até recentemente (a última edição da Antologia é de 1969).

Apesar da Antologia Nacional refletir o compromisso conservador da oratória e da retórica com o "bem falar" e com o "bem escrever", que, segundo o Prof. Antonio Cândido -

durante todo o século XIX (pode-se dizer até os nossos dias), o ensino da literatura se fez como mero capítulo do ensino da língua, para não escrever de gramática, pautando-se por aquela orientação clássica, em muitos

35. CARPEAUX, Otto Maria. História da Literatura Ocidental. 2a. ed., Rio de Janeiro, Ed. O Cruzeiro, 1966, p. 15-16.

pontos incompatível com a literatura que se desenvolveu após 1830. ³⁸

- ela privilegiou a prosa, apresentando-a antes da poesia, dedicando-lhe um número maior de páginas em relação à poesia (317 páginas de prosa contra 224 de poesia na 6ª. edição, 335 páginas de prosa contra 237 de poesia na 7ª. edição), e destacando em primeiro lugar a prosa contemporânea dos autores românticos.

O movimento pendular imposto pela *Antologia Nacional* reúne, de um lado, o conservadorismo do ensino retórico, do ensino de literatura, das instituições por onde ela circulava e, de outro, certa inovação na ordem inversa de apresentação dos autores e excertos, escolhendo uma cronologia às avessas, do moderno para o antigo, que faz do passado ponto de chegada de uma jornada que se inicia com os autores contemporâneos brasileiros, destacando a prosa antes da poesia, sempre a reboque da crítica e história literárias, como a maioria das obras didáticas, uma vez que só se entrava na *Antologia* depois de morto.

10) RESUMOS BIO-BIBLIOGRAFICOS - A apresentação dos autores compilados acompanhada de estudos bio-bibliográficos indica certa pesquisa de crítica e história literária, provavelmente com a intenção de avalizar uma seleta que se

38. CANDIDO, Antonio. Formação da Literatura Brasileira. "Crítica Retórica" 6ª. ed., Belo Horizonte, Ed. Itatiaia, 1981, vol. 2, p. 345.

propõe incluir todas *culminâncias da pátria literatura*,
ressaltando que:

são as notícias bio-bibliográficas antepostas
ao primeiro trecho de cada autor. Nesses
pequenos resumos são as sentenças críticas
quase sempre proferidas por juizes especiais
e competentes. ³⁷

Muitas *sentenças críticas* são proferidas pelo próprio
Carlos de Laet, organizador das *notícias bio-bibliográficas*.
Os críticos evocados nestes resumos são brasileiros e
portugueses conhecidos como: Fernandes Pinheiro, Capistrano
de Abreu, Silvio Romero, Araripe Junior, Inocêncio Francisco
da Silva, Almeida Garrett, Alexandre Herculano, Camilo
Castelo Branco, José Feliciano de Castilho, Teófilo Braga,
entre outros.

37. Op.cit., 5a. ed., "Prefácio da Primeira Edição", p. 8.

III - COMPARAÇÃO INTERNA ENTRE SUAS EDIÇÕES

Tanto a 1ª.(1895) quanto a 2ª. edição (1896) da *Antologia* saem sob a chancela de J.G. de Azevedo, sendo que na 2ª. edição a ortografia de alguns trechos antigos foi retificada:

As irregularidades gráficas que muito de indústria deixáramos em alguns trechos de escritores antigos, como elemento para estudos de ortografia comparada, nós as emendamos agora, por nos haver a prática ensinado que a não poucos alunos induziam a erro tais anomalias. ³⁸

Da 3ª. à 5ª. edição não se tem notícia de alterações, permanecendo a obra no catálogo da mesma editora, com o mesmo quadro de autores. A 4ª. edição, de 1903, confirma tais informações, reproduz os prefácios da 1ª. e 2ª. edições, assinala como editora a "Livraria da Viúva Azevedo e Cia. Editores" (xerocópia 1, da página de rosto, anexa)

O sentido de "nacionalização", ressaltado do progressivo acréscimo de brasileiros ao longo de diferentes edições da *Antologia*, ganha significado maior no exame comparativo das diferentes edições, onde se verifica que o quadro de autores compilados, num total de 78 (sendo 33 brasileiros e 45 portugueses), permanece estável da 1ª. à 5ª. edição. A 4ª. reproduz o prefácio da 2ª. edição, o qual informa que -

38. Op.cit., 6a. ed., "Prefácio da Segunda Edição" , p. 10.

Não desejando, por ora, o honrado editor alongar um livro oficialmente adotado em várias casas de ensino, e que cumpre não tornar caro, principalmente na quadra atual, resolvemos não ampliar a obra, limitando-nos a expurgá-la de alguns senões. ³⁹

- e exhibe o quadro de autores encontrado na 6ª. edição sem asterisco. ⁴⁰

Para a 6ª. edição, de 1913, quando a *Antologia* passa a ser editada na Livraria Francisco Alves, comparecem 100 autores, sendo 49 brasileiros (entram 16 brasileiros: Pereira da Silva, Joaquim Norberto, Ouro Preto, Couto de Magalhães, Machado de Assis, Franklin Távora, Taunay, Barão do Rio Branco, Joaquim Nabuco, José do Patrocínio, Eduardo Prado, Raul Pompéia, Euclides da Cunha, Luis Guimarães, Artur Azevedo, Raimundo Correa) e 51 portugueses (entram 6 portugueses: Pinheiro Chagas, Eça de Queirós, Gervasio Lobato, João de Deus, Tomás Ribeiro, Antero de Quental), portanto quase em pé de igualdade, o que acontecerá, efetivamente, na 7ª. edição (impressa aproximadamente em 1915), onde figuram 53 autores brasileiros (entram: Martins Pena, Silvio Romero, Paranapiacaba e Botelho de Oliveira) ao lado de 53 portugueses (entram: Frei Amador Arrais e Frei Antonio Brandão).

39. *Idem, ibidem.*

40. No final do índice de autores da 6ª. edição tem uma nota esclarecendo que "os nomes precedidos de um asterisco são os dos autores de que se extraíram os trechos aumentados nesta edição."

Quase certamente a 7ª. edição da Antologia Nacional, foi a última preparada pelos seus autores, então ainda vivos, verificando-se nas edições seguintes, até a 18ª., a repetição do prefácio desta 7ª. edição.

Em 1933, na 19ª. edição, Jorge Jobim ⁴¹ foi incumbido pelo então editor da Francisco Alves, Paulo de Azevedo, ⁴² de rever e adaptar o texto à nova grafia, já que Mário Barreto, filho de Fausto Barreto, morrera antes de poder executar tal tarefa. ⁴³

O quadro de autores contemplados, entretanto, permanece o mesmo da 7ª. edição (53 brasileiros e 53 portugueses) até a 24ª. edição. ⁴⁴ Tal permanência parece sugerir que se por um lado (o editorial) os editores não se animavam em alterar uma "fórmula" que tinha dado certo, por outro, infere-se também que as exigências curriculares permaneceram as

41. Jorge Jobim editou pela Francisco Alves, em 1932 Colônia Cristã.

42. Paulo Ernesto de Azevedo era gerente da filial de São Paulo e foi chamado por Francisco Alves em 1918 para substituir seu sócio Manuel Pacheco Leão, que tinha falecido. Depois da morte de Francisco Alves (1917), Paulo de Azevedo comprou de sua herdeira legal, a Academia Brasileira de Letras, o acervo mercantil da Livraria em 1918, fundando a firma Paulo de Azevedo & Cia., a qual dirigiu até 1943.

43. BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de. Antologia Nacional. 22a. ed., Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1939, "Prefácio da 19a. edição." p. 17-18.

44. No final do índice de autores encontra-se a seguinte nota: "Os nomes precedidos de asterisco são os dos autores de que se extraíram os trechos aumentados na 6a. edição; dois asteriscos designam os acrescentados nesta 7a. edição."

mesmas. A repetição sistemática do quadro de autores da 7ª. edição, que na verdade é a soma de autores das edições anteriores, fez com que as atenções desta dissertação se voltassem mais para o estudo da Antologia Nacional deste período.

Para a 25ª. edição, impressa em 1942, foi convidado para rever e adaptar a obra ao programa do "Segundo Ciclo" dos estudos secundários, o professor M. Daltro Santos, que incluiu na obra *alguns dos nossos maiores das letras, já vencidos pela morte*, e excluiu outros escritores, além de suprimir alguns trechos, já que as características da Antologia como *livro econômico e portátil* deveriam prevalecer. O Professor Daltro Santos incluiu também nesta edição várias notas de rodapé, as quais chamou de *rápidas notas esclarecedoras*, com o intuito de dar a sinonímia, a etimologia ou a função sintática de algumas palavras. ⁴⁵

Nesta edição, as alterações no quadro de autores compilados são significativas: entram na Antologia 16 autores brasileiros (Manuel Antonio de Almeida, França Junior, Rui Barbosa, Aluísio Azevedo, Coelho Neto, Farias Brito, Olavo Bilac, Graça Aranha, Alberto de Oliveira, Cruz e Souza, Vicente de Carvalho, Mário Pederneiras, Alphonsus de Guimaraens, Augusto dos Anjos, Hermes Fontes e Domingos

45. ————. Antologia Nacional. 33a. ed., Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1956, "Prefácio da 25a. edição", p. 13-14.

Caldas Barbosa), e 9 portugueses (D. Afonso II, D. Duarte, Fernão Lopes, Garcia de Resende e 5 trovadores).

Pela primeira vez, há exclusão de 1 autor brasileiro (José do Patrocínio) e de 5 portugueses (Silva Tulio, Pinheiro Chagas, Gervasio Lobato, João de Lucena e João de Lemos), perfazendo um total de 125 autores, 68 brasileiros e 57 portugueses, quadro que se estabiliza para todas as edições subsequentes, até a última, a 43ª., de 1969.

(Quadro de Autores) ANTOLOGIA NACIONAL

(1ª. ed.)	33 brasileiros	e	45 portugueses	=	78
(6ª. ed.)	49 brasileiros	e	51 portugueses	=	100
	+ 16 brasileiros	e	6 portugueses		
(7ª. ed.)	53 brasileiros	e	53 portugueses	=	106
	+ 4 brasileiros	e	2 portugueses		
(25ª. ed.)	68 brasileiros	e	57 portugueses	=	125
	+ 16 brasileiros	e	9 portugueses		
	- 1 brasileiro	e	5 portugueses		

Os excertos compilados permanecem sempre os mesmos de edição para edição, entretanto, na medida em que o número de autores ia crescendo, alguns pedaços de excertos eram cortados para que o livro não ficasse muito grosso. No prefácio da 7ª. edição há o registro da supressão de um trecho considerado *alongado do romancista Francisco de Moraes*. Verificou-se que o maior número de cortes ocorreu na 25ª. edição, quando a quantidade de excertos novos foi bastante ampliada.

Entre as alterações que se verificaram no quadro de autores ao longo das diferentes edições da *Antologia Nacional*, destaca-se a inclusão de escritores dos movimentos literários do século XIX (na *Antologia* intitulada "*Fase Contemporânea*"), pois o princípio básico de só incluir neste compêndio autores falecidos era respeitado.

Porém, nem sempre os acréscimos e/ou substituições pautavam-se pelo critério exclusivo do "contemporâneo". Na 7ª. edição, por exemplo, além de três autores contemporâneos, incluiu-se também Botelho de Oliveira na "*Fase Seiscentista*", em nome de ter sido ele o *que primeiro poetou sobre a natureza da nossa pátria.* ⁴⁸

Tal inclusão é sugestiva: além de apontar para uma revisão histórico-crítica da literatura brasileira, sugere também a força e a permanência do ufanismo e do lustro das raízes, compromissos declaradamente assumidos desde a primeira edição da *Antologia Nacional* como critérios de seleção. Os autores da *Antologia*, no prefácio da 1ª. edição, estendem tal critério até a seleção de textos estrangeiros:

Já não se nos afigurou desarrazoado, na escolha dos assuntos, optarmos por aqueles que entendessem com a nossa terra; e por isto nos sorriu que do Brasil falassem, não somente Rocha Pita, Magalhães ou Alencar, mas ainda o quinhentista João de Barros, o seiscentista Francisco Manoel de Melo e o

48. ————. *Antologia Nacional*. 8a. ed., Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1918. "Convém Ler", p. 14.

coevo Latino Coelho. Ouvir da pátria por boca estrangeira e imparcial é sempre delícia para todo o coração bem nascido. 47

Talvez este critério de incluir preferencialmente textos comprometidos com a nacionalidade, remetendo ao tema da "nossa terra", seja marca fundamental, não só do livro de Fausto Barreto e Carlos de Laet, mas de um dos projetos o qual tal obra refletia: para os românticos, era necessário tematizar a pátria, mesmo que do ponto de vista europeu, salientando o exotismo de nossa natureza exuberante, ou o índio como símbolo, no passado, da resistência à dominação estrangeira.

Mitos caríssimos à sensibilidade nacional, tais elementos talvez respondam, ao menos parcialmente, pela longevidade da *Antologia Nacional*, como já se viu, também bafejada pelas adoções oficiais.

Antonio Candido em *Literatura de Dois Gumes* discute a dicotomia que marca a literatura européia transplantada para o novo mundo: talvez a *Antologia Nacional* não fuja ao destino das letras que são ao mesmo tempo instrumento de colonização e instrumento de construção da nacionalidade:

Nos países da América Latina a literatura sempre foi algo profundamente empenhado na construção e na aquisição de uma consciência nacional, de modo que o ponto de vista histórico-sociológico é indispensável para estudá-la. Entre nós tudo se banhou de

47. Op.cit., 6a. ed., "Prefácio da Primeira Edição", p. 8.

literatura, desde o formalismo jurídico até o senso humanitário e a expressão familiar dos sentimentos. 48

Nesta perspectiva, pode-se considerar a **Antologia Nacional** em sintonia com o projeto de construção da nacionalidade, impulsionado desde a Independência e favorecido pela estética do Romantismo que ampliou sua difusão, e ainda em vigor às vésperas do século XX, quando o recém modernizado sistema cultural brasileiro põe a serviço deste ideário, as possibilidades abertas por uma infraestrutura mais eficiente.

48. CANDIDO, Antonio. A Educação Pela Noite e Outros Ensaios. 2a. ed., São Paulo, Atica, 1989, p. 180.

V - DEPOIMENTO DE PEDRO NAVA E DE MANUEL BANDEIRA

A *Antologia Nacional* presenciou ao longo de seus 74 anos e 43 edições muitas mudanças históricas, políticas, econômicas, educacionais, editoriais e literárias. Como as sucessivas versões da *Antologia Nacional*, um compêndio escolar que influenciou a formação de muitas gerações de brasileiros, dialogam com tais mudanças?

Ao lado das respostas sugeridas por comparações internas entre diferentes edições da *Antologia Nacional*, ela deixou outros rastros, registrados em outro tom: as evocações dela em relatos de cunho biográfico.

Manuel Bandeira e Pedro Nava, por exemplo, mencionam a *Antologia Nacional* em suas "memórias" e comentam a função formadora que ela teve em suas vidas.

Pedro Nava, que no seu segundo livro de memórias fala do Colégio Pedro II, mais precisamente do Internato do Colégio Pedro II, no Campo de São Cristovão, ⁴⁹ veio de Belo Horizonte em 1916 para prestar os exames de admissão no Pedro II e hospedou-se com seus tios Salles e Modesto, que o ajudaram a estudar para as provas. No relato, Nava ressalta a presença da *Antologia Nacional* no seu cotidiano de candidato ao exame preparatório, e que devia, portanto,

49. NAVA, Pedro. *Balão Cativo. Memórias 2*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 4a. ed., 1986, cap. III-IV.

familiarizar-se, não só com os conteúdos, mas também com os exemplos presentes na *Antologia*:

De sujeito (Antonio) e predicado (vive) eu não sabia patavina. Vendo-me assim *in albis* os tios não me largaram mais até o vestibular. Tio Salles encarregou-se do vernáculo e me esfocinhava todas as tardes na *Antologia* de Fausto Barreto e Carlos de Laet. De noite era Modesto com a Geografia, a Corografia, ⁵⁰

Os exemplos anteriores de sujeito e predicado são os da *Antologia Nacional*, relativos ao estudo de análise sintática, chamado de *Noções Elementares de Sintaxe da Proposição Simples e da Proposição Composta*, que precedia os excertos e que era matéria exigida nos exames de admissão do Pedro II. Nava, apesar de aprovado *plenamente*, acredita ter sido aprovado por benevolência do professor Silva Ramos, por causa de sua amizade com a tia Dona Candida Nava de Luna Freire. ⁵¹

Em pesquisa nos arquivos do Colegio Pedro II localizei algumas atas e algumas provas de admissão dos então chamados *Exames de Preparatórios*.

Em atas de 1894, assinadas por Fausto Barreto (xerocópias 9,10,11,12, anexas), verifica-se que a avaliação dos exames expressava-se nos conceitos *inabilitado* para os reprovados e *habilitado* para os aprovados, sendo esta categoria

50. *Idem*, *ibidem*, p. 334.

51. *Idem*, *ibidem*, p. 335.

subdividida em *simplesmente*, *plenamente* e *distinção* de acordo com o desempenho do candidato. Pelo resultado obtido por Pedro Nava, aprovado *plenamente*, deduz-se que os conceitos de avaliação em 1916 eram os mesmos de 1894. 52

Não foi possível localizar a prova de admissão de Pedro Nava, mas seu comentário sobre o fato dele ter estudado português pela Antologia Nacional antes de prestar os exames do Colégio Pedro II, juntamente com a informação de que trechos da Antologia eram usados como texto-base de ditados e de exercícios de análise sintática nas provas de admissão daquele colégio, testemunham o pacto língua/literatura, anteriormente apontado.

Tal pacto extra-classe amplifica o consumo da obra de Fausto Barreto e Carlos de Laet, usada também fora dos domínios da instituição escolar que a adotava oficialmente, quer seja no ambiente familiar, como é o caso de Pedro Nava, quer seja nos cursos e aulas particulares que preparavam os meninos para o exame de admissão do Colégio Pedro II, como é o caso dos cursos e professores que ofereciam seus serviços nos jornais (xerocópias 13,14,15,16, anexas).

52. Constavam nestas atas a data do exame, e a matéria examinada (no caso português), os nomes dos alunos com o respectivo conceito na frente e as assinaturas do presidente e dos dois examinadores.

Em Chão de Ferro, seu terceiro volume de memórias, Pedro Nava fala da Antologia Nacional, primeiro como um livro amigo, das horas de distração:

Cedo descobri minha distração. Logo fiquei fiel a quatro amigos que me valiam na hora em que eu não tinha vontade de estudar. Sonhava com eles. Me acompanharam o curso todo. Foram *Os Lusíadas*, o *Théâtre Classique* de Régnier, a *Antologia Nacional* de Fausto Barreto e Carlos de Laet e o irreal, o inimaginável *Atlas* de Crosselin-Delamarche. ⁵³

Depois Nava destaca autores e trechos da Antologia, (esclarecendo ser a sua da 6ª. edição, de 1913), que, aparentemente, são evocados pelo valor sentimental. São trechos que se referem às suas Minas natais, ou então são trechos e autores que o cativaram na adolescência. Sempre com o prazer que a lembrança lhe traz, Nava passa dos trechos de prosa para os de poesia (na mesma ordem apresentada pela Antologia) e relata que na época promoveu para si mesmo o *concurso do mais lindo verso da Antologia*, tendo como resultado o empate de quatro versos de Raimundo Correia. Mais adiante, Pedro Nava registra que os versos da Antologia Nacional ficaram gravados em sua memória para sempre, mas desordenadamente, ⁵⁴ o que - para além do compreensível arbítrio da lembrança - é explicável pela adoção do livro extra e depois oficialmente no colégio, não

53. NAVA, Pedro. Chão de Ferro. Memórias 3. Rio de Janeiro, 2a. ed., Livraria José Olympio Editora, 1976, p. 42.

54. Idem, *ibidem*, p. 44-49.

só nas aulas de português, mas também nas de francês, inglês e alemão.

Manuel Bandeira, na evocação da *Antologia Nacional* em seu Itinerário de Pasárgada destaca Camões e Garção:

Do Camões lírico apenas sabia o que vinha nas antologias escolares, especialmente na que era adotada no Ginásio, a de Fausto Barreto e Carlos de Laet. Eis outro livro que fez as delícias de minha meninice e de certo modo me iniciou na literatura de minha língua. Antes dos parnasianos a cantata Dido de Garção, (meu pai fez-me decorá-la), já me dera a emoção da forma pela forma, e era com verdadeiro deleite que eu repetia certos versos de beleza puramente verbal:

E nas douradas grimpas
Das cúpulas soberbas
Piam noturnas agoureiras aves... 55

Manuel Bandeira estudou durante seis anos no Colégio Pedro II (então Ginásio Nacional) até 1902. Portanto, a edição da *Antologia Nacional* que ele conheceu (provavelmente a 2ª. edição), tinha 78 autores, (33 brasileiros e 45 portugueses), sendo possível que a preponderância dos autores portugueses seja responsável pela confessada lusitanidade de seu gosto no livro que, segundo ele, o *iniciou na literatura* de sua língua.

Já a *Antologia* que Pedro Nava conheceu, a da 6ª. edição, de 1913, conforme ele aponta em Chão de Ferro, apresenta 100

55. BANDEIRA, Manuel. Itinerário de Pasárgada. in *Obras Completas*. 4a. ed., Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1977, p.35-36.

autores, (49 brasileiros e 51 portugueses). Talvez este aumento de autores brasileiros explique a preferência de Nava pelos brasileiros em suas lembranças, (dos 28 autores que ele elenca, 17 são brasileiros) em oposição ao relato de Bandeira. Ou pode indicar ainda que Nava está mais comprometido em suas memórias com a idéia de que a literatura contribui para a formação de uma consciência nacional, principalmente se levarmos em conta o projeto memorialista de sua obra, de tendência genealógica.

Contrastando a "brasilidade" das evocações de Pedro Nava com os traços portugueses que marcam as evocações de Manuel Bandeira, pode-se concluir pela força que maior ou menor número de autores brasileiros tem na formação da sensibilidade dos jovens leitores.

IV - COMPARAÇÃO EXTERNA COM OBRAS ANTERIORES.

Com o intuito de verificar a possível filiação da **Antologia Nacional** a obras anteriores e talvez esclarecer seus pressupostos de seleção, tive que retroceder no tempo e abrir caminho para uma outra contextualização da **Antologia Nacional**: seu diálogo com as histórias literárias brasileiras e com obras didáticas anteriores.

Tentei assinalar o que essas obras têm em comum, desde os objetivos expressos em prefácios e prólogos, até a comparação dos autores e excertos compilados em cada obra estudada.

Dentre os traços comuns nas obras confrontadas, destacam-se o objetivo de prestar serviço à pátria e a evocação do público leitor.

A) COMPARAÇÃO DA ANTOLOGIA NACIONAL COM OBRAS DE HISTÓRIA LITERARIA:

Como a posterior obra de Fausto Barreto e Carlos de Laet, (mas sem a vertente lusitana), tanto o Parnaso Brasileiro (1843) ⁵⁶ de João Manuel Pereira da Silva, como o Florilégio

56. SILVA, João Manuel Pereira da. Parnaso Brasileiro. Rio de Janeiro, Laemmert, tomo I 1843, tomo II 1848.

da Poesia Brasileira (1850) ⁵⁷ de Francisco Adolfo de Varnhagen, reúnem textos e notas bio-bibliográficas dos autores que, por sua vez, são introduzidos por ensaios de história literária no Brasil, que parecem justificar ou fundamentar a escolha dos autores e trechos compilados, providência essencial dado que a idéia de que existia uma literatura brasileira era muito recente, e portanto carecia do discurso competente que a proclamasse.

É talvez a formatação historiográfica -com sua inevitável contra-face crítica- um dos méritos indiscutíveis dos projetos de Pereira da Silva e de Varnhagen, que por assim dizer, fizeram avanços para os complexos domínios da história e da crítica, antepondo às suas antologias esboços históricos sobre a literatura brasileira, que até então limitava-se a ter discutida sua existência.

A semelhança entre tais obras e a Antologia Nacional, é explícita na proximidade semântica dos termos que as nomeiam: antologia, parnaso e florilégio, são apontados no verbete do dicionário de Aurélio Buarque de Holanda como sinônimos:

Antologia (do gr. *anthologia*) S.f. 1. Tratado acerca das flores. 2. Coleção de trechos em

57. VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. Florilégio da Poesia Brasileira. Lisboa, Imprensa Nacional, tomo I e II 1850, (tomo III, Madri, Laemmert, 1858).

prosa e/ou verso; analecto, crestomatia, florilégio, especilégio, seleta, parnaso. ⁵⁸

No Parnaso de Pereira da Silva não há explicação sobre a escolha do título, mas as palavras *Seleção* e *Melhores* incluídas no título extenso da obra indicam que a intenção é semelhante à do Florilégio e à da Antologia:

PARNASO BRASILEIRO ou Seleção de poesias dos melhores poetas brasileiros desde o descobrimento do Brasil precedida de uma Introdução Histórica e Biográfica sobre a Literatura Brasileira por João Manuel Pereira da Silva.

No Florilégio, Varnhagen explica sua escolha de título:

O leitor perdoará a pretensão do título que vai no rosto. [...] Escolhemos as flores que julgamos mais adequadas para o nosso fim, embora seja alguma menos vistosa, outra pique por alguns espinhos, esta não tenha aroma, aquela pareça antes uma descorada orquídea, e aquela outra uma parasita criada com ajuda de seiva alheia, etc. ⁵⁹

Na Antologia Nacional os autores também recorrem a metáforas florais para explicar a escolha do termo antologia:

58. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário Aurélio. 1a. ed., 11a. impr., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, s/d, p.107.

59. VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. Florilégio da Poesia Brasileira. Publicações da Academia Brasileira de Letras, Coleção Afrânio Peixoto. Rio de Janeiro, s/ed., 1948, tomo I, "Prólogo", p. 4. Afrânio Peixoto, em "Nota Preliminar" nesta edição da Academia, distingue o Florilégio de Varnhagen como obra de ótima erudição, comparando-o com outras antologias, entre elas a ANTOLOGIA NACIONAL.

O título de *Antologia* muito de indústria o adotamos. Se os vocábulos podem ter cheiro, este é de certo um dos mais odoríferos. Em seus dois elementos efetivamente reúne a idéia da *flor* e a da *palavra*, que é a flor do entendimento. Não havia senão os Gregos para formarem vocábulos como esse! Aproveitemo-lo. E ele também prevenirá o leitor benigno de que se não escandalize de quaisquer lacunas. Um ramallete não é um horto botânico. Basta que formosas e aromáticas sejam as flores aqui reunidas, e que oferecemos à mocidade de ambos os países onde se fala o português. ⁶⁰

Há, porém, na sinonímia dos termos empregados pelos três trabalhos objetivos diferentes. No *Parnaso* a intenção de prestar serviço ao país recolhendo grandes obras nacionais para que os filhos da terra as conheçam e se orgulhem delas é absolutamente explícita nos prefácios dos dois volumes, feitos pelos editores Laemmert:

Na intenção de fazermos um serviço ao país, imprimindo uma escolhida coleção dos melhores escritos de seus poetas, ⁶¹

O PARNASO BRASILEIRO tende a grandes e nobres fins - reabilitar obras já esquecidas - lembrar nomes que ilustraram seu país - dar emulação aos poetas modernos, [...] chamar enfim o gosto e a atenção dos Brasileiros para a literatura de seu país. ⁶²

A mesma intenção está no *Florilégio*, porém com caráter mais universalizante, pois o público a que Varnhagen se dirige é sobretudo o europeu. Enquanto Pereira da Silva buscava a atenção dos brasileiros para sua literatura,

60. Op.cit., 3a.ed., "Prefácio da Primeira Edição", p. 8-9.

61. Op.cit., 1843, tomo I, "A Quem Ler".

62. Op.cit., tomo II, "A Quem Ler", P. v.

Varnhagen tentava captar o interesse do europeu, na verdade o avalista desta literatura emergente, apresentando-lhe as flores mais americanas, as mais exóticas, ainda desconhecidas:

Inimigos do monopólio literário, não podemos resistir à tentação de repartir com o público tantas poesias inéditas ou raras, por antigas ou por extraviadas, [...] cremos que esta coleção adquirirá com isso mais interesse para o leitor europeu, ao passo que deve lisongear o americano vendo que vai já para dois séculos havia no Brasil quem julgava que se podia fazer poesia sem ser só com coisas de Grécia e de Roma. ^{es}

Na *Antologia Nacional*, a intenção é apresentar para os alunos do curso secundário um buquê das melhores flores produzidas em língua portuguesa, lado a lado com as flores da mãe-pátria. Sendo um livro didático, os autores oferecem o ramalhete a seus consumidores potenciais, à *mocidade*.

Além do caráter utilitário ufanista, mais ou menos presente em cada uma dessas obras, a forma de organizar cronologicamente autores, trechos e notas bio-bibliográficas também é semelhante, o que sem dúvida sugere uma certa proximidade entre os caminhos que percorrem o historiador de literatura e o compilador de textos para uma seleta.

O Parnaso Brasileiro e o Florilégio da Poesia Brasileira circularam bem antes da *Antologia Nacional*, porém não gozaram do mesmo sucesso de público, talvez por não se

^{es}. *Op.cit.*, "Prólogo", p. 3.

voltarem para o mesmo público. São obras consagradas e, apesar de sua modesta difusão, na medida em que não foram reeditadas em sua época, configuram-se interlocutoras dos projetos de história literária posteriores a elas.

Sobre ambas debruçaram-se críticos e historiadores literários importantes, como Ferdinand Wolf, autor de Le Brésil Littéraire (1863) ⁶⁴, obra encomendada pelo Imperador Pedro II. Escrita em alemão pelo austríaco Wolf, a obra foi traduzida e editada em francês, acrescida dos excertos dos autores compilados, com a intenção de divulgá-los na Europa:

Sob um só aspecto o Brasil continua até agora desconhecido dos Europeus: sua literatura nativa e nacional permanece na obscuridade. [...]

Tais são as circunstâncias que me levaram a preencher a lacuna importante que apontei na história literária.

Tentei expor o desenvolvimento das letras no Brasil. Juntei à minha narração uma antologia de obras dos escritores estudados. O que me decidiu a isto foi primeiramente a raridade de tais obras, e depois o intuito de oferecer ao leitor a oportunidade de julgar por si mesmo. ⁶⁵

64. WOLF, Ferdinand. Le Brésil Littéraire. Histoire de la Littérature Brésilienne. (suivée d'Un Choix de Morceaux Tirés des Meilleurs Auteurs Brésiliens). Berlin, A. Asher & CO., 1863.

Ferdinand Wolf era doutor em Filosofia, filólogo, historiador e especialista em estudos ibéricos. Ocupou o cargo de conservador da Biblioteca Imperial de Viena e era membro efetivo da Academia Imperial da Ciências de Viena.

65. Idem, "Prefácio" Apud e trad. CESAR, Guilhermino. Historiadores e Críticos do Romantismo. Rio de Janeiro/São Paulo, LTC/EDUEP, 1978, p.141-143.

É possível cogitar que o Imperador Pedro II, a quem Wolf ofereceu sua obra, tentava reconhecer institucionalmente a literatura brasileira, a tal nível que esta tornara-se historiável, aliás é a primeira vez que se fala em história da literatura brasileira sem a idéia de resumo, bosquejo, discurso, introdução, ensaio, palavras tão usadas em trabalhos anteriores.

Para esta história oficial da nossa literatura o Imperador contratou um europeu de renome (Wolf tinha ótima reputação intelectual na Europa) e a editou em francês, a língua européia de maior penetração no século XIX, providências capazes de projetar a literatura brasileira no cenário das letras mundiais.

A *História* de Wolf repercutiu muito no Brasil, apesar das queixas de autores não contemplados. Silvio Romero, em sua História da Literatura Brasileira, assinala que a obra de Ferdinand Wolf não só registra obras que a antecederam, como é resgatada depois:

O livro de Ferdinand Wolf, *Le Brésil Littéraire* (1863), tem sido, e continua a ser com razão, o oráculo de todos na matéria, porque é único em seu gênero. O escritor austríaco foi o primeiro a fazer um quadro mais ou menos inteiro de nossa literatura, quadro pálido e incorreto, é certo, mas que se impõe por estar no singular. E já lá vão

bastantes anos que o livro foi publicado, e até bem pouco era o compêndio oficial de nossos cursos! ⁶⁶

Assim, a informação de Silvio Romero engata a obra de Ferdinand Wolf na longa cadeia de obras, cuja utilização em sala de aula irmana-as à Antologia Nacional.

É importante ressaltar que a divisão adotada por todas estas obras foi a que secciona a literatura no tempo, ou melhor, uma divisão mais moderna da literatura, por séculos, e não mais por gêneros como mandava a cartilha da retórica, começando no século XVI até o século XIX. Apenas a Antologia inclui os prosadores junto aos poetas, fazendo o caminho inverso, do século XIX ao XVI.

Apesar da diferença de público alvo que estas obras procuram atingir, todas elas fazem apelos a seu leitor, principalmente nos volumes e edições subseqüentes, vejamos alguns exemplos:

Do Parnaso Brasileiro (1843-1848),

Esperamos que o público nos faça justiça, e nos anime a continuar. ⁶⁷

Cinco anos são decorridos depois que publicamos o primeiro volume do Parnaso Brasileiro. [...] Comprometemo-nos para com o Público a dar-lhe um segundo volume, que compreendesse as poesias do século décimo nono, se fosse nossa empresa animada pelo seu

66. ROMERO, Silvio. História da Literatura Brasileira. 2a. ed. Rio de Janeiro, Garnier, 1902, tomo I, p. 1-2.

67. Op.cit., tomo I, "A Quem Ler", p. VI.

sufragio. O sucesso do primeiro volume, muito superior à nossa expectativa, obriga-nos a realizar a nossa promessa. 68

Do Florilégio da Poesia Brasileira (1850-1853),

[...] não podemos resistir à tentação de repartir com o público tantas poesias inéditas ou raras, [...] esta coleção adquirirá com isso mais interesse para o leitor europeu, ao passo que deve lisonjear o americano, [...] quando o público é em poesia tão competente juiz. [...] O leitor perdoará a pretensão do título 69

Pedimos, pois, desculpa pelas irregularidades, e pelas emendas que vão em notas e erratas, esperando merecê-la em atenção ao serviço que em todo caso fazemos, e aos bons desejos que nos animam. 70

O inesperado acolhimento que receberam do Público os dois primeiros voluminhos desta obra, imperfeita como saiu, nos obrigou tanto que nos propusemos a melhorá-la, logo que isso nos fosse possível. [...] decidimo-nos a dar à luz este terceiro tomo, e pedimos ao leitor que o receba, senão com tanta indulgência, que bem a necessita, como os dois primeiros, ao menos sem muito desfavor. Ao que for benigno e justo equivale a pedir justiça.

Aos leitores menos benévolos não pediremos nada, nem daremos aqui satisfações; 71

Do Le Brésil Littéraire,

Acrescentei à minha história uma antologia das obras dos escritores de que falei. [...] o desejo de permitir ao leitor que julgasse

68. Op.cit., tomo II, "A Quem Ler", p. V.

69. Op.cit., tomo I, "Prólogo", p. 3-4.

70. Op.cit., tomo II, "Prólogo", p. 3.

por si mesmo. [...] Deixo que os leitores julguem o fruto desse trabalho de três anos. Peço-lhes somente alguma condescendência para o fato de o autor não conhecer o Brasil a não ser pelos livros, 72

Da Antologia Nacional,

Idéia tivemos também de anotar os trechos solvendo as maiores dúvidas que a jovens leitores neles pudessem ocorrer; [...] E ele também prevenirá o leitor benigno de que se não escandalize de quaisquer lacunas. 73

Tão rápido consumo bem claro demonstra quão benévolo acolhimento obteve este opúsculo, [...] confiados no favorável veredito que já logrou no tribunal dos competentes, respeitosos solicitamos a confirmação da sentença. 74

e por contentes nos damos se continuar merecendo o favor do público que até hoje o tem galardoado. 75

Todo esse respeito exagerado ao leitor, sobretudo nas três primeiras obras que se destinam ao público "adulto e culto", talvez deva-se ao fato de que o público consumidor de livros era extremamente ralo no Brasil do Segundo Império, a menção ao público europeu pode ser também um indício dessa rarefação. O mercado editorial só ganha

71. Op.cit., tomo III, "Prefação deste terceiro tomo", p. 7.

72. WOLF, Ferdinand. O Brasil Literário. História da Literatura Brasileira. Tradução, prefácio e notas de Jamil Almansur Haddad. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1955, p.5.

73. Op.cit., 8a.ed., "Prefácio da Primeira Edição", p. 8-9.

74. Op.cit., 8a.ed., "Prefácio da Segunda Edição", p. 10-11.

75. Op.cit., 8a.ed., "Convém Ler", p. 14.

forças com os livros didáticos que eram adotados oficialmente, ou seja, tinham consumo garantido.

O sucesso de público destas obras pode ser aferido pelo número de edições de cada uma: tanto o Parnaso, como o Florilégio e o Le Brésil, não ultrapassaram uma única edição no século passado. O Florilégio teve uma edição fac-similada pela Academia Brasileira de Letras em 1946, e o Le Brésil Littéraire foi traduzido por Jamil Almansur Haddad, publicado pela Cia. Editora Nacional em 1955, sem a antologia de excertos. A Antologia Nacional, como já foi dito neste trabalho, foi *best-seller* durante toda sua existência, 43 edições em mais de 70 anos.

Comprometidos com o resgate e preservação de obras inéditas de autores brasileiros do período colonial, os trabalhos de Pereira da Silva, Varnhagen e Wolf contribuíram para a formação do cânon literário brasileiro num momento mais adverso a livros e editoras do que no final do século XIX, quando a Antologia Nacional parece ter consolidado, ao menos a nível institucional e escolar, o cânon literário proposto pelos críticos e historiadores literários do século XIX.

A proximidade dessas histórias literárias com a Antologia Nacional mais se acentua quando todos os textos se encontram nos objetivos pedagógicos *lato e stricto sensu* a que servem,

como já expressos pelos editores do Parnaso Brasileiro de Pereira da Silva:

Por este modo torna-se a obra, sobre agradável e interessante, muito útil a todos os Brasileiros, que com sua leitura adquirirão gosto e instrução, equivalendo ela a um curso de literatura, e seleção de modelos de boa e sã poesia.

Pretendemos publicar outra parte da obra, que compreenda o século que atualmente decorre. Por ora esta só trata dos brasileiros, desde o descobrimento do país até o fim do passado século, guardando-se a época moderna para ocasião mais apropriada. Esperamos que o público nos faça justiça e nos anime a continuar. 78

Tais objetivos, no entanto, parecem concretizar-se plenamente apenas na Antologia Nacional que, além de incluir autores portugueses, dá grande ênfase aos brasileiros nela contemplados, como exigiam os programas escolares de então, sendo produzida e circulando num momento mais amadurecido do aparelho cultural.

Cinqüenta anos após o Parnaso Brasileiro de Pereira da Silva, a intensa receptividade da Antologia Nacional parece articular-se tanto com a ampliação da rede escolar brasileira, como com a decisiva modernização da infra e superestrutura disponíveis para assuntos culturais: da maior profissionalização do movimento editorial à criação da Academia Brasileira de Letras, as letras nacionais crescem em visibilidade social na última década do século XIX.

78. Op.cit., tomo I, "A Quem Ler", p. VI.

Para se ter idéia da importância das diferentes condições respectivamente disponíveis para a obra de Pereira da Silva (1843) e para a *Antologia Nacional* (1895), é importante a relação que Laurence Hallewell estabelece entre a produção de livros no Brasil e a expansão do sistema educacional, apontando que esta viabiliza aquela:

Os últimos anos do Império assistiram a alguma melhora, pelo menos quantitativamente, com a duplicação do número de escolas (de 3.561 para 7.500), e na proporção de escolares relativamente à população (de 1,2% para 2,1%). ⁷⁷

Ao assinalar a triplicação de livrarias entre 1850 e 1890 (de 12 para 45), Hallewell reforça a óbvia importância da infra-estrutura na trajetória dos livros, fornecendo assim outros argumentos para o sucesso da *Antologia Nacional*.

No entanto, se a modernidade do momento histórico, representada pela Abolição e República, e a ampliação do sistema educacional e editorial auxiliam na compreensão do grande sucesso da *Antologia Nacional*, tais fatores são insuficientes para justificar sua longevidade.

Para compreender a longa duração do sucesso de venda da *Antologia Nacional* talvez seja preciso recorrer ao tradicionalismo da instituição escolar brasileira por onde a *Antologia* circulava, conservadorismo este representado tanto pela manutenção dos mesmos conteúdos programáticos, tendendo

77. *Op.cit.*, p. 207-208.

assim o ensino para o estudo dos clássicos, combinado com uma certa atitude inovadora de ver a literatura brasileira segundo a perspectiva de brasileiros, ou seja, em primeiro plano.

Quanto ao declínio da *Antologia Nacional* pode-se dizer que no final dos anos 60, ou antes, começou a prevalecer a tendência pedagógica do estudo individual dos autores, sendo necessária a leitura das obras inteiras e não mais dos trechos "seletos". Acrescem a essa tendência o interesse pelo estudo dos autores vivos, o crescimento da rede escolar e a explosão editorial da literatura infanto-juvenil nos inícios dos anos 70.

B) COMPARAÇÃO DA ANTOLOGIA NACIONAL COM OBRAS DIDÁTICAS:

B.1.) CURSO ELEMENTAR DE LITERATURA NACIONAL:

Escolhi o Curso Elementar de Literatura Nacional (1862) do Cônego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro porque ele encerra autores portugueses e brasileiros e, como a *Antologia Nacional*, foi usado no Colégio Pedro II.

É interessante salientar que na metade do século XIX o ensino de literatura nacional era novidade no currículo do Colégio Pedro II, o que não acontecia em relação ao ensino de retórica e poética, e talvez seja por isso que Fernandes

Pinheiro atribui à sua iniciativa o objetivo de minorar a falta que compêndios de literatura faziam nas suas aulas:

Quando em 1857 fomos nomeado professor de retórica, poética e literatura nacional do Imperial Colégio de Pedro II, reconhecemos praticamente a falta de um compêndio adaptado à última parte do nosso curso. Para preencher esse vazio tomamos sobre nossos débeis ombros uma empresa que a outros melhor caberia; e o resultado é o que ora apresentamos ao público. 78

O Cônego Fernandes Pinheiro, também professor do Colégio Pedro II, achava que não podia existir literatura brasileira antes do Romantismo, discordando da opinião de Joaquim Noberto de Sousa e Silva. Com o intuito de fortalecer sua convicção, cita o Ensaio sobre a História da Literatura do Brasil de Domingos José Gonçalves de Magalhães, que comparava as relações de dependência da nossa literatura com a de Portugal ora como uma árvore enxertada de onde vêm-se pender dos galhos de um mesmo tronco frutos de diversas espécies, ora como as águas de dois rios, que num confluente se anexam, e confundidas num só leito se deslisam, as duas literaturas de tal jeito se aliam, que impossível é separá-las. 79

78. PINHEIRO. Cônego Joaquim Caetano Fernandes. Curso Elementar de Literatura Nacional. Rio de Janeiro, Garnier, 1862, "Ao Leitor", p. VII.

79. Idem, *ibidem*, p. 533-534.

Depois de falar da "*Origem da Língua Portuguesa*" na "*Lição I*" e refutar a idéia de que ela seria um dialeto espanhol, Fernandes Pinheiro discute na "*Lição II*" a "*Noção e Divisão da Literatura*":

Vê-se pois que não é a língua que serve de divisão às literaturas [...] Fazendo aplicação dos princípios que acabamos de estabelecer julgamos bem que pese ao nosso patriotismo, que nas faixas infantis ainda se acha envolta a literatura brasileira. [...] numerosos são os elementos que se aglomeram para a sua constituição, e o movimento impresso em 1836 pelo Sr. Magalhães vai produzindo brilhantes resultados. Discordamos porém da opinião dos que pretendem enxergar uma nacionalidade, um cunho particular nos escritos de alguns ilustres brasileiros, compostos durante o regime colonial, ou ao crepúsculo da aurora boreal da independência. [...] Impossível é pedir originalidade a quem não tem idéias suas. Se por empregarem alguns nomes indígenas devem esses autores serem classificados na literatura brasileira, injusto fora excluir da indostânica Camões, Barros e Castanheda. ⁸⁰

O Cônego Fernandes Pinheiro concebe um curso de literatura, adjetivando-o de "nacional", com a presença maciça de autores portugueses (224 autores) e pontilhado de autores brasileiros (105 autores), que cobre desde o século XII, quando, segundo ele e baseado em Alexandre Herculano, Portugal se constitui enquanto nação, até o século XIX. ⁸¹

80. Idem, *ibidem*, p. 8-10.

81. O Curso Elementar do Cônego Fernandes Pinheiro é dividido em Épocas e Lições, subdividindo os excertos em Gêneros: lírico, didático, épico, dramático, romance, diálogos, oratória, epistolografia, biografia e

O Curso Elementar de Literatura Nacional adota a ordem cronológica de apresentação da literatura, dividindo-a em fases que coincidem com o desenvolvimento humano:

Pensamos com o Sr. Borges de Figueiredo que por cinco fases, ou épocas, passou a literatura portuguesa a que denominou de infância, adolescência, virilidade, velhice e renascimento, a que acrescentaremos outra com nome de reforma, inaugurada em Portugal pelo exímio poeta Visconde de Almeida Garrett, e no Brasil pelo Sr. D. J. Gonçalves de Magalhães. ⁸²

A fase acrescentada pelo Cônego Fernandes Pinheiro, chamada de *reforma*, separa os escritores brasileiros dos portugueses posteriores a 1826 em *Escola romântica portuguesa* e *Escola romântica brasileira*, (tal como a *Antologia Nacional* fará depois), atestando assim a autonomia da literatura brasileira que, no entanto, era considerada em 1862 ainda envolta *nas faixas infantis*, quando comparada com a portuguesa.

Outro aspecto pelo qual a *Antologia* de 1895 coincide com a obra que o Cônego editou mais de 30 anos antes é a largueza com que ambas intitulam com o adjetivo nacional obras que incluem autores portugueses.

Parece que o termo "nacional" estava mais ligado ao idioma português e não à nação, pois quando se publica a

historiografia, como era de praxe nos compêndios de retórica.

82. Op.cit., p. 10.

Antologia Brasileira do professor Eugenio Werneck,⁸³ só com autores tupiniquins, em 1900, prefere-se o adjetivo pátrio. Fausto Barreto e Carlos de Laet não comentam sobre a escolha do segundo termo de sua Antologia, enquanto que o Cônego Fernandes Pinheiro, ao comentar, parece apossar-se da literatura portuguesa devido o uso da mesma língua nos dois países:

Reservando para mais tarde o desenvolvimento desta proposição procedamos à divisão das épocas da literatura portuguesa, que, por também ser nossa, chamaremos de nacional. ⁸⁴

B.2.) SELEÇÃO LITERÁRIA:

Como já foi assinalado antes neste trabalho, a Seleção Literária (1ª. edição 1887 e 2ª. 1892) de Fausto Barreto e Vicente de Souza, foi o compêndio escolar que deu origem à Antologia Nacional, refundida pelo mesmo Fausto Barreto com Carlos de Laet, todos professores do Colégio Pedro II, onde ela foi adotada até 1894.

83. Interessante salientar que Eugenio Werneck, como o Cônego Fernandes Pinheiro, (e Caldas Aulete, como já foi apontado) também divide os excertos conforme os gêneros. Assim na 1ª. parte dedicada à prosa temos: descrições e narrações, contos, humorismo, teatro, retratos, dissertações, história e geografia, etc. Na 2ª. parte, reservada à poesia temos: sonetos, lírica, cânticos, elegias, poesia patriótica, descritiva, épica, dramática, etc.

84. Op.cit., p. 10.

A 2ª. edição da Seleção Literária (1892), cujo microfilme consegui na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, divide-se em duas partes. A primeira, dedicada aos prosadores, é introduzida pelo estudo de análise sintática "*Noções Elementares da Sintaxe da Proposição Simples e da Proposição Composta*", feito por Fausto Barreto, e a segunda parte é dedicada aos poetas e é também introduzida por um estudo, de poesia, "*Noções Elementares de Versificação Portuguesa*", feito por Vicente de Souza.

Quando Fausto Barreto e Carlos de Laet refundiram a Seleção Literária conservaram, na Antologia Nacional, a divisão e a apresentação primeiro da prosa e depois da poesia, mas introduziram a ordem cronológica inversa de apresentação e separaram brasileiros e portugueses na fase contemporânea. Os autores e excertos na Seleção Literária estão na ordem direta, do mais antigo para o mais moderno e não há separação entre brasileiros e portugueses.

É curioso que o nome mais contemporâneo que aparece no fim da Seleção, tanto na parte da prosa como na da poesia é Carlos de Laet. A presença deste e de outros autores ainda vivos na época da 2ª. edição, como Machado de Assis, Mello Moraes Filho, J. M. Velho da Silva, Barão de Paranapiacaba, indicam que o critério de seleção de incluir só autores mortos é exclusivo da Antologia Nacional.

Da Seleção Literária (1892) composta de 48 autores, (sendo 30 portugueses e 18 brasileiros), foram aproveitados para a 1ª. edição da Antologia Nacional (1895), 27 autores portugueses e 11 autores brasileiros. Machado de Assis e o Barão de Paranapiacaba, presentes na Seleção Literária, só entraram na 6ª. e na 7ª. edição, respectivamente, pois não tinham morrido ainda por ocasião da 1ª. edição da Antologia Nacional.

Talvez a predominância de autores portugueses na 1ª. edição da Antologia Nacional (45 portugueses e 33 brasileiros) seja decorrente da mesma predominância na Seleção Literária, ou ainda, seja uma tendência de compilações literárias voltadas para o ensino, se pensarmos que o Curso Elementar do Cônego Fernandes Pinheiro também privilegia a presença de autores portugueses.

Quanto aos excertos da Seleção Literária, muitos foram aproveitados na Antologia. Dos 27 autores portugueses aproveitados na Antologia Nacional, 13 autores e exertos migram intactos, são eles: Francisco de Sá de Miranda, Gil Vicente, Francisco de Moraes, Frei Heitor Pinto, Bernardim Ribeiro, Diogo do Couto, Francisco Rodrigues Lobo, Mousinho de Quevedo, Gabriel Pereira de Castro, Domingos dos Reis Quita, Garção, Bocage e Latino Coelho. A maioria destes textos privilegia a história portuguesa, especialmente a época dos descobrimentos, ou apresenta trechos moralizantes e de pregação religiosa.

Quanto aos autores brasileiros que se mudam para a Antologia com os mesmos excertos, (Rocha Pita, Basílio da Gama, Santa Rita Durão, Tomás Antonio Gonzaga, Gonçalves de Magalhães, Castro Alves, José de Alencar e Machado de Assis), nota-se o aproveitamento de passagens clássicas da nossa literatura, que enfocam a natureza ou o índio.

(Quadro de Autores) SELEÇÃO LITERÁRIA

(2ª. edição) 18 brasileiros e 30 portugueses = 48

Autores aproveitados na Antologia Nacional

1ª. edição 11 autores brasileiros e 27 autores portugueses
 6ª. edição 1 autor (Machado de Assis)
 7ª. edição 1 autor (Barão de Paranapiacaba)

C) BANCO DE DADOS:

Para tornar operante a comparação entre a Antologia Nacional e as obras de história literária e didáticas, elaborei um BANCO DE DADOS com o nome dos autores e excertos compilados nestas obras. Estas, foram chamadas de Livros para não confundir com a fonte do excerto citado de cada autor. Foram computados os autores e excertos dos seguintes livros:

Parnaso Brasileiro (1843-1848) de João Manuel Pereira da Silva

Florilégio da Poesia Brasileira (1850-1853) de Francisco Adolfo de Varnhagen

Curso Elementar de Literatura Nacional (1862) do Cônego João Caetano Fernandes Pinheiro

Le Brésil Littéraire (1863) de Ferdinand Wolf

Seleção Literária (1887) de Fausto Barreto e Vicente de Souza

Antologia Nacional (1895-1969) de Fausto Barreto e Carlos de Laet, subdividida em:

- 1ª. edição (1895)
- 6ª. edição (1913)
- 7ª. edição (1915)
- 25ª. edição (1942)

Vários aspectos que foram discutidos anteriormente podem ser visualizados nos apêndices organizados a partir do cruzamento destes dados, entretanto, também espera-se que este trabalho de catalogação de nomes de autores e excertos possa servir de fonte de informação para outras análises.

Este Banco de Dados, chamado de Apêndice 1, gerou alguns relatórios estatísticos, que foram numerados em outros apêndices. Cada Livro estudado recebeu um número sequencial pela ordem da data de edição:

- Livro 1 Parnaso Brasileiro (1843-1848)
- Livro 2 Florilégio da Poesia Brasileira (1850-1853)
- Livro 3 Curso Elementar de Literatura Nacional (1862)
- Livro 4 Le Brésil Littéraire (1863)
- Livro 5 Seleção Literária (1887-1892)
- Livro 6 Antologia Nacional - 1ª. edição (1895)
- Livro 7 Antologia Nacional - 6ª. edição (1913)
- Livro 8 Antologia Nacional - 7ª. edição (1915)
- Livro 9 Antologia Nacional - 25ª. edição (1942)

No Apêndice 1 os autores e excertos estão na seqüência que entram nos Livros, ou seja, é como se folheássemos cada Livro.

O nome dos autores e excertos aparecem sem a acentuação da língua portuguesa, pois o programa usado (dBase III plus) não permitiu sua utilização na época que os dados foram digitados.

Precisei uniformizar a ortografia dos nomes de autores para que o programa pudesse reconhecer os dados. Portanto, todos os autores de nome Luis, por exemplo, aparecem grafados com "s", todos de nome Manuel aparecem grafados com "u", e assim por diante. Os padres e freis conservam o título antes do nome, enquanto alguns barões e viscondes aparecem só com o título. É o caso do Barão de Paranapiacaba, Barão do Rio Branco e Visconde de Ouro Preto, mais conhecidos pelo título de nobreza.

No que diz respeito à ortografia dos excertos, a uniformização foi bem mais complicada e, até agora, não foi possível sua total correção, devido ao grande número de excertos encontrado de formas variáveis nas compilações. Alguns excertos aparecem com título, outros não. Assim, optei por registrar o título quando há, e/ou o primeiro verso (quando o excerto é de poesia) ou as primeiras palavras (quando o excerto é de prosa).

No Apêndice 2 os autores foram colocados em ordem alfabética pelo primeiro nome, para facilitar a consulta por autor e, para identificar a repetição dos excertos nos Livros, eles também estão em ordem alfabética. Machado de Assis, por exemplo, está em Joaquim Maria Machado de Assis e seu excerto (Bailando no ar gemia inquieto vagalume) é compilado no Livro 5 e no Livro 7.

No Apêndice 3 pode-se identificar a regularidade ou não dos autores selecionados nos Livros. Eles são apresentados neste apêndice em ordem alfabética pelo primeiro nome e o número do Livro se repete de acordo com a quantidade de excertos reunidos em cada Livro. Assim pode-se ver, por exemplo, que Gregorio de Matos (40 vezes = 40 excertos) e Antonio José da Silva (27 vezes = 27 excertos) são os autores mais citados no Livro 2, ou seja, os que aparecem com o maior número de excertos no Florilégio da Poesia Brasileira de Francisco Adolfo de Varnhagen.

No Apêndice 4 encontra-se a distribuição estatística de excertos dos três autores comuns a todos os Livros consultados: Frei José de Santa Rita Durão, José Basilio da Gama e Tomás Antonio Gonzaga.

Em face deste resultado estatístico, procedeu-se a análise dos excertos mais comuns destes autores em busca de uma eventual tradição ou preponderância literária.

Verificou-se que os excertos comuns a todos os Livros são o "da morte de Moema" no Caramuru de Frei José de Santa Rita Durão e o "da morte de Lindóia" no Uruguai de José Basílio da Gama.

Quanto a Tomás Antonio Gonzaga, sua obra Marília de Dirceu é compilada em todos os Livros reunidos no Banco de Dados. A lira que aparece na Antologia Nacional "Alexandre, Marília, qual o rio" é a mesma da Seleção Literária ⁸⁵, e é uma das escolhidas no Curso Elementar de Literatura Nacional. Entretanto, a lira mais frequente é "Tu não verás, Marília, cem cativos/ tirarem o cascalho, e a rica terra", que aparece em quatro, dos seis Livros consultados (1-2-3-4), ou seja, no Farnaso Brasileiro, no Florilégio da Poesia Brasileira, no Curso Elementar de Literatura Nacional e no Le Brésil Littéraire.

85. Existe um erro de impressão na Seleção Literária, ao invés de "rio" está "raio".

VI - ESPECULAÇÕES INTERPRETATIVAS OU ...

... INTERPRETAÇÕES ESPECULATIVAS

A) LITERATURA E COMPROMISSO COM A NACIONALIDADE

Os estudiosos conhecem a abundância, durante o Romantismo, de referências a Durão e a Basílio da Gama como verdadeiros poetas nacionais, precursores e, mesmo, segundo alguns, fundadores da tendência que então se preconizava.

Antonio Candido ⁸⁸

As primeiras notícias sobre a produção literária brasileira, contadas por estrangeiros como Sismondi, Bouterwek, Denis e Garrett, eram inseridas em obras maiores sobre a história da literatura portuguesa como uma espécie de apêndice, contendo os poetas da colônia, uma vez que, poetas, colônia e língua eram todos de propriedade portuguesa.

Entre os estrangeiros, o que exerceu maior influência foi Ferdinand Denis com seu Résumé de l'Histoire Littéraire du Portugal, suivi du Résumé de l'Histoire Littéraire du Brésil (1826) (Considerações gerais sobre o caráter que a poesia deve assumir no Novo Mundo) [grifo meu], que ao estudar a literatura brasileira já existente, prescreve a nossa futura literatura:

⁸⁸. CANDIDO, Antonio. Literatura e Sociedade. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1980, Cap. VIII, p. 169.

[...] o Brasil experimenta já a necessidade de ir beber inspirações poéticas a uma fonte que verdadeiramente lhe pertença; [...] deve rejeitar as idéias mitológicas devidas às fábulas da Grécia: [...]

Nessas belas paragens, tão favorecidas pela natureza, o pensamento deve alargar-se como o espetáculo que se lhe oferece; majestoso, graças às obras-primas do passado, tal pensamento deve permanecer independente, não procurando outro guia que a observação. Enfim, a América deve ser livre tanto na sua poesia como no seu governo. [...] Se os poetas dessas regiões fitarem a natureza, se se penetrarem da grandeza que ela oferece, dentro de poucos anos serão iguais a nós, talvez nossos mestres. 87

A citação anterior privilegia o caráter receituário da obra de Denis, na tentativa de modelar uma literatura emergente, que por sua vez, faz parte de um processo civilizatório desta nova nação, em que a formação de uma literatura nacional é índice de tal processo e onde o ponto de vista europeu deve prevalecer enquanto modelo de civilização.

As idéias do Romantismo sobre a busca de raízes nacionais só ganharam impulso no Brasil a partir de sua independência, em 1822. Aos poucos aquelas notícias literárias introduzidas por estrangeiros vão sendo estudadas e ampliadas por uma classe emergente de brasileiros intelectuais, formada às pressas, para dar conta de todo um processo constituidor da nova nação americana.

87. Apud CESAR, Guilhermino. Op. cit., p. 88.

A receita européia de nação civilizada incluía, além de uma literatura voltada para sua cor local (entenda-se por cor local a visão exótica que os próprios europeus privilegiavam, em relação ao que lhes chamava mais atenção: a natureza exuberante, os índios), uma série de instituições políticas, sociais, educacionais, científicas, históricas, artísticas, etc., que, se eram raras desde a chegada de D. João VI ao Brasil, passaram a ser incentivadas e financiadas pelo Imperador Pedro II durante todo seu reinado.

Desta forma, todos os homens letrados eram patrocinados direta ou indiretamente pelo Estado, na figura do Imperador mecenas, que em troca devem legitimar e apoiar seu governo.

É neste contexto que intelectuais como Januário da Cunha Barbosa, Abreu e Lima, Gonçalves de Magalhães, Porto Alegre, Pereira da Silva, Joaquim Norberto, Santiago Nunes Ribeiro, Varnhagen, Fernandes Pinheiro, entre outros, vão tomando forma, não raro mais de uma forma: historiadores e críticos literários, compiladores, poetas, pesquisadores da História Brasileira, etc., atividades estas, quase sempre conjuminadas com algum cargo público e notório.

A idéia de nação autônoma propicia a existência de sua literatura nacional, e vice-versa, ou seja, a existência da literatura brasileira é indicio de independência cultural da metrópole. Assim, ao longo do século XIX, nossa literatura

vai se consolidando e se institucionalizando até chegar à criação da Academia Brasileira de Letras, em 1896.

A crítica e a história literária, apesar de lentas e reflexas do movimento literário, também vão se consolidando, enfileirando autores e obras, elegendo uns e descartando outros.

Ferdinand Denis ao aviar a receita de exaltação nacionalista da natureza, propiciou a nossa diferenciação da literatura de Portugal e, é principalmente nas obras de Basílio e Durão que a diferença é exemplificada.

Vejamos a seguir o julgamento de Denis sobre o Caramuru de Santa Rita Durão:

O *Caramuru*, no qual se recordam as aventuras de um europeu jovem, lançado pelo destino àquelas praias, apresenta excelente pintura do espírito inflamado e aventureiro dos portugueses daquela época, em oposição à simplicidade selvagem de um povo ainda na infância. [...] A descrição da natureza grandiosa, cheia de pompa, assim como dos costumes que lembram os tempos primitivos, tudo isso era digno de inspirar um poeta de primeira categoria; e quase se pode prever que tal acontecimento terá de encontrar, em conseqüência, um novo cantor a quem nobremente inspire. ⁸⁸

Seguindo as prescrições de Ferdinand Denis e influenciada pelas idéias do "*Bosquejo da História da Poesia e Língua Portuguesa*", introdução do Parnaso Lusitano (1826) de

88. *Idem, ibidem, p. 47.*

Almeida Garrett sobre originalidade e nacionalismo, a crítica literária brasileira tirou do limbo autores como Manuel Botelho de Oliveira, Gregório de Matos Guerra e seu irmão Eusébio, e vestiu os poetas do século XVIII com plumagem brasileira, organizando-os em seletas ou imprimindo estudos individuais.

Embora apontasse como defeitos a pressa de Basílio em seu poema "pouco limado", a fidelidade de Durão à poética clássica camoniana e as metáforas mitológicas de Gonzaga, esses autores do século XVIII foram considerados pela crítica romântica poetas nacionais por excelência, principalmente Basílio e Durão, que escolheram como palco de suas composições épicas o Brasil, privilegiando assim as cenas de sua paisagem, ou melhor, as descrições da terra e de seus habitantes nativos, apesar de ambos elegerem como herói principal o colonizador português.

Talvez a procura desse caráter nacional pelos críticos do século XIX, seja responsável pela repetição, apontada anteriormente no estudo comparativo das seletas (Apêndice 4), da Lira de Gonzaga "*Tu não verás, Marília, cem cativos*", uma das poucas que ele retrata a paisagem nacional, tida por Rodrigues Lapa como:

Uma das mais curiosas composições de Gonzaga, de mais acentuado americanismo. Ao Ideal industrialista da vida brasileira, a mineração, o aproveitamento da floresta virgem, a cultura do tabaco, o fabrico do açúcar, a essa vida agitada opõe ele um ideal

de paz burguesa e sedentária, toda orientada nos deveres da profissão e perfumada com as graças da poesia. 88

O "reconhecimento" desse caráter nacional específico, além de determinar a produção literária do romantismo entre nós, vai patrocinar a discussão sobre a autonomia da literatura brasileira em relação à portuguesa durante todo o século XIX, dividindo as opiniões em dois blocos distintos.

De um lado estão os que apostam na especificidade e na independência da nossa literatura argumentando que a língua portuguesa transplantada para o Brasil assumira tom próprio. Assim, procuram ávidamente nas produções literárias brasileiras da fase colonial o chamado caráter nacional, expresso sobretudo nas descrições da nossa terra e de seus primeiros habitantes. Destacam-se neste grupo mais ufanista Santiago Nunes Ribeiro e Joaquim Norberto de Sousa e Silva.

Santiago Nunes Ribeiro em artigo para a revista Mínerva Brasiliense de 1843, refuta principalmente as idéias do crítico português José da Gama e Castro, procurando argumentar que existe uma literatura brasileira:

Agora perguntaremos se um país, cuja posição geográfica e constituição geognóstica, cujas instituições, costumes e hábitos tanto diferem da sua metrópole de outrora, não deve ter sua índole especial, seu modo próprio de sentir e conceber, dimanante destas diversas causas, modificadas umas pelas outras; se numa palavra, não deve ter caráter nacional.

Ora, se os brasileiros tem seu caráter nacional, também devem possuir uma literatura pátria. ⁸⁰

Santiago Nunes discorda também da opinião de Gonçalves de Magalhães, defendendo a nacionalidade da literatura brasileira:

não a declaremos estrangeira só porque a vimos vestida à grega ou à romana. A poesia brasileira da época anterior à independência foi o que devia ser. Porventura poderia ela ser a expressão das idéias e sentimentos de outros tempos? ⁸¹

Adiante, Santiago Nunes Ribeiro defende a literatura brasileira da acusação de ser mera imitação da portuguesa, e salientando que ela apenas seguia o modismo da época, ele cita alguns autores nacionais ilustrativos:

Outro clamor se levanta contra ela. Acusam-na de ser imitativa: dizem-na cópia, reflexo, eco da poesia portuguesa. Imitação, imitação! Mas nos tempos em que a poesia brasilica teve essa brilhante Plêiade, honra e glória do Brasil, Cláudio Manuel da Costa, Santa Rita Durão, J. Basílio, os dois Alvarengas, Gonzaga (na hipótese a que nos inclinamos, que ele é Brasileiro), Caldas (A. P. de Sousa) e o Padre Fr. Francisco de S. Carlos, nesse tempo dizemos, que espécie de originalidade reinava na literatura de outros países? ⁸²

⁸⁰. RIBEIRO, Santiago Nunes. Da Nacionalidade da Literatura Brasileira. Minerva Brasiliense, RJ, 1, 1848. Apud COUTINHO, Afrânio. Caminhos do Pensamento Crítico. Rio de Janeiro, Ed. Americana, Prolivro, 1974, p. 86.

⁸¹. Idem, *ibidem*, p. 88.

⁸². Idem, *ibidem*, p. 43.

Note-se a hipótese de Gonzaga ser brasileiro.

Os que consideram a literatura nacional como sendo o conjunto da produção literária do Brasil e de Portugal já que em ambos os países a língua falada é a mesma, (partidários da tese de que é a língua que define a literatura), não aceitam a independência literária brasileira, pelo menos até o movimento romântico. Figuram neste grupo, entre outros, José da Gama e Castro, Abreu e Lima, Alvares de Azevedo, Cônego Fernandes Pinheiro, Camilo Castelo Branco, Sotero dos Reis e, mais tarde, a *Antologia Nacional*.

Alvares de Azevedo parece resumir o sentimento deste grupo que é contra a separação da nossa literatura da de Portugal:

E demais, ignoro eu que lucro houvera - se ganha a demada (sic) - em que queremos derramar nossa mão cheia de jóias nesse cofre mais abundante da literatura pátria; por causa de Durão, não poderemos chamar Camões nosso; por causa, por causa de quem? ... (de Alvarenga?) nos resignarmos a dizer estrangeiro o livro de sonetos de Bocage!" [...]. Daí ve-se: os vezos e usanças das colonias do Brasil eram os mesmos dos Portugueses: a língua foi sempre a mesma. Os poetas, cuja nascença tanto honra ao Brasil, alcançaram seus vãos de águia na mãe pátria. Com pouca exceção, todos os nossos patricios que se haviam erguido poetas, tinham-se ido inspirar em *terra portuguesa*, na leitura dos velhos livros, e nas grandezas da mãe pátria. José Basílio e Durão não foram tão poetas brasileiros como se pensa. Os heróis do Uruguai e do Caramurú eram portugueses. Não

há nada nesses homens que resumbre
brasileirismo; nem sequer um brado de homem
livre da colônia - nada - es

Como se vê, os poetas do século XVIII são invocados pelos dois grupos, quer seja para atestar a existência de literatura brasileira na fase colonial, quer seja para negá-la.

Famosas polêmicas entre literatos brasileiros e portugueses sobre o uso da língua portuguesa com suas variantes locais nos dois lados do Atlântico vão marcar a imprensa do século XIX, entre elas, a polêmica entre José de Alencar e Antonio Feliciano de Castilho e a polêmica entre Carlos de Laet e Camilo Castelo Branco.

Sendo ou não a língua portuguesa a divisora de águas das literaturas, existe a idéia de que a independência política do Brasil propiciou a sua independência literária e, com o passar do tempo, esta versão vai se consolidando entre os grupos rivais.

Parece quase unânime a separação da literatura brasileira, enquanto literatura autônoma, a partir do Romantismo, e a Antologia Nacional demonstra isso no fim do século XIX (1895) com a separação dos autores contemporâneos

99. AZEVEDO, Manoel Antonio Alvares de. Literatura e Civilização em Portugal. in Obras completas, 5a. ed., org. e anotada por Homero Pires, Rio de Janeiro, Cia. Editora Nacional, 1942, vol. II., p.340-341.

em *Escritores e Poetas Brasileiros* em oposição aos *Escritores e Poetas Portugueses* somente depois de 1820.

A forma de organização da *Antologia Nacional* por autores, e não mais por gêneros literários, e a inversão da ordem cronológica de apresentação, colocando em evidência os autores brasileiros contemporâneos, podem indicar a renovação fundamental que propiciou sua longevidade.

Por outro lado, tal separação da fase contemporânea na *Antologia Nacional* durante toda sua existência não leva em conta as várias correntes literárias contidas neste bloco de autores, considerando até 1969 (data da última edição) num só segmento literário, escritores de diferentes tendências. Este pode ter sido um dos fatores que contribuiu para o seu desaparecimento.

B) TEMAS NACIONALISTAS NA ANTOLOGIA NACIONAL

Era opinião corrente entre os críticos do século XIX que os excertos que privilegiavam a descrição da terra e de seus habitantes constituíam-se índices do caráter nacional brasileiro.

Com o passar do tempo, tais excertos ilustrativos do nacionalismo vão se tornando mitos da nossa nacionalidade, os excertos indianistas são ótimos exemplos disso.

É neste sentido que a *Antologia Nacional* parece contribuir substancialmente para a manutenção destes mitos, pois foi um livro didático que conservou a maioria dos autores e excertos compilados desde sua 1ª. edição, acrescentando novos autores à medida que iam morrendo.

Como já foi apontado na "Comparação Interna" deste estudo, Fausto Barreto e Carlos de Laet apontam a descrição da terra e de seus habitantes nativos como critério de seleção dos textos no prefácio da 1ª. edição da *Antologia Nacional*.

Fiz um rápido levantamento na *Antologia de excertos*, cujo assunto entendesse *com a nossa terra*. Considerei até a 7ª. edição, pois esta foi a última edição preparada pelos autores e foi também a que permaneceu nos currículos escolares até o começo da década de 40. Os textos indianistas serão tratados adiante, separadamente, enumerarei os textos descritivos e os de história, que são apresentados na seguinte ordem:

A) Descrição da terra e/ou de seus habitantes.
(nome do autor, título do excerto, título da obra)

- 1) Joaquim Manuel de Macedo
 - a) O torrão Natal - Rio do Quarto
 - b) Itaboraí - Idem
- 2) Francisco Otaviano de Almeida Rosa
Minas (da Tribuna Liberal)
- 3) Franklin Távora
A cruz do Patrão - Lendas do Norte

- 4) Alfredo de Escragnolle Taunay
Aspectos do Sertão - Inocência.
- 5) Joaquim Aurélio Nabuco de Araújo
Massangana - Minha Formação.
- 6) Euclides da Cunha
O Sertanejo - Os Sertões
- 7) Antonio Francisco Dutra e Melo
"Madrugada e tarde na ilha dos Ferreiros"
(da Minerva Brasileira)
- 8) Barão de Paranapiacaba
A Serra de Paranapiacaba - Poesias e Prosas Seletas
- 9) Luis Guimarães Junior
"Fora da Barra"
- 10) José Bonifácio de Andrada e Silva
"Ode aos Baianos" - Poesias de Américo Elísio
- 11) Manuel Botelho de Oliveira
Frutas do Brasil - "Ilha da Maré" Música do Parnaso

B) História Pátria

(nome do autor, título do excerto, título da obra)

- 1) Francisco Adolfo de Varnhagen
Escritores do Reinado de D. João VI - História Geral do Brasil
- 2) João Manuel Pereira da Silva
A revolução de 1831 - Segundo Período do Reinado de D. Pedro I no Brasil.
- 3) Visconde de Ouro Preto
A batalha do Riachuelo - A Marinha de Outrora.
- 4) Eduardo Prado
A História do Brasil - Coletâneas.
- 5) Raul Pompéia
Uma noite Histórica - artigo
- 6) Sebastião da Rocha Pita
Belezas e Opulência do Brasil - História da América Portuguesa
- 7) Frei Vicente do Salvador
Fundação do Rio de Janeiro - História do Brasil

- 8) Francisco Manuel de Melo
Revolução Pernambucana - Epanáforas
- 9) João de Barros
Descoberta do Brasil - Década I

A maioria dos excertos descritivos e históricos têm um tom de exaltação do objeto que está sendo descrito ou narrado, ou ainda, procuram enaltecer os feitos dos "grandes" homens que representavam a pátria.

A preponderância dessa tendência que elege e cultiva os heróis nacionais é patente no estudo de Emília Viotti da Costa, que ao passar a limpo as versões históricas sobre José Bonifácio de Andrada e Silva, reconhece a cristalização da versão histórica que o enaltecia como o Patriarca da nossa Independência:

A historiografia erudita de Varnhagen não romperia com a tradição grandiloquente, e, apesar de filiar-se à versão antiandradina, não conseguiria esmaecer o prestígio do Patriarca. A versão andradina continuaria a vicejar alimentada pelo patriotismo nacionalista, pelo culto positivista dos heróis e, mais tarde, já no século XX, pelo regionalismo paulista. ⁹⁴

Tudo me leva a crer que a Antologia Nacional está intimamente ligada com a idéia de *patriotismo nacionalista* e *culto positivista dos heróis*, principalmente se considerarmos os critérios de seleção dos textos que privilegiam os assuntos e os homens ligados ao Brasil,

94. COSTA, Emília Viotti da. Da Monarquia à República. Momentos Decisivos. 5a. edição. São Paulo, Brasiliense, s/d, p. 105-108.

exibindo uma galeria de heróis nacionais, reforçada pelos ensaios bio-bibliográficos antes dos excertos.

A *Antologia Nacional* reúne biografias de homens ilustres que de alguma forma poderiam servir de exemplo e influenciar a formação dos leitores secundaristas. Os biografados são, em geral, padres, poetas ou políticos:

Biografias

(nome do autor, título do excerto, título da obra)

- 1) João Francisco Lisboa
 - a) Vocação de Vieira - A Vida do Padre Vieira
 - b) Importância política de Vieira - Idem
- 2) Joaquim Norberto de Sousa e Silva

Alvarenga Peixoto e a Inconfidência - Notícia sobre I. J. de Alvarenga Peixoto e suas obras.
- 3) Machado de Assis

O Visconde do Rio Branco - Páginas Recolhidas.
- 4) Barão do Rio Branco

Barão de Serro-Largo - Esboço biográfico do General José de Abreu. Barão do Serro-Largo.
- 5) Antonio Feliciano de Castilho
 - a) O padre Manuel Bernardes - Vida e Obra de Manuel Bernardes
 - b) Paralelo entre Bernardes e Vieira - Idem
- 6) Camilo Castelo Branco

Casamento de Sá de Miranda - História e Sentimentalismo
- 7) Diogo Barbosa Machado

Santo Antonio - Biblioteca Lusitana
- 8) Frei Luis de Sousa
 - a) O Arcebispo e o pastorinho - Vida do Arcebispo
 - b) Caridade do Arcebispo - Idem
- 9) Jacinto Freire de Andrade

Morte de D. João de Castro - Vida de D. João de Castro
- 10) Almeida Garret

Morte de Camões - Camões

Outros assuntos que mereceram a atenção dos compiladores da Antologia Nacional, mas que não estão diretamente ligados ao tema do nacionalismo, foram os preceitos de moral e religião, expressos em vários excertos, como parte desejável da formação dos alunos do curso secundário, futuros cidadãos brasileiros. Pode-se depreender que não era suficiente incutir nos alunos apenas as idéias nacionalistas, mas também o ideal moral e religioso cristão era desejável como sustentáculo da nova nação. Dentre os excertos levantados, destacam-se:

Religião e Moral

(nome do autor, título do excerto, título da obra)

- 1) D. Antonio de Macedo Costa
Restauração Religiosa - discurso 28.09.1888.
- 2) José Carlos do Patrocínio
Jesus
- 3) Alexandre Herculano
Perseguição Religiosa - Opúsculos
- 4) Frei Francisco de São Carlos
Que tesouro - Panegírico de Santana
- 5) Frei Francisco de Santa Tereza de Jesus Sampaio
Dies Irae - Sermão do 1º. domingo do Advento de 1811
- 6) Frei Francisco de Monte Alverne
 - a) Causas das revoluções - Sermão de 25.03.1831
 - b) É muito tarde - Panegírico de S. Pedro de Alcântara
 - c) Missão caridosa da Igreja - Idem
- 7) Padre Antonio Vieira
 - a) Apóstrofe atrevida - Sermão Pelo Bom Sucesso das Armas de Portugal Contra as da Holanda
 - b) Conjugação do verbo rapio - Sermões

- 8) Padre Manuel Bernardes
 a) Os três risos - Nova Floresta
 b) Consolação - Idem
 c) Quem quer vai... - Idem
 d) Amigos! - Idem
 e) Vaidades feminis - Idem
 f) Generosidade - Idem
 g) Impostores de ciência - Idem
 h) Contemplação - Luz e Calor
 i) Como passa o tempo... - Nova Floresta
- 9) Francisco de Sá de Miranda
 Misteres das diversas profissões - Os estrangeiros
- 10) João de Barros
 Excelência da paz - Panegírico a el-rei D. João III
- 11) Frei Heitor Pinto
 a) Louvores da justiça - Imagem da Vida Cristã
 b) Prática com um ermitão - Idem
- 12) Alexandre Herculano
 A Cruz Mutilada - Harpa do Crente
- 13) Antonio Pereira de Sousa Caldas
 a) Salmo 18 - Obras Poéticas
 b) Outra versão do Salmo 18 - Idem

A maioria destes textos de fundo moral e religioso foi aproveitada da Seleção Literária de Fausto Barreto e Vicente de Souza, o compêndio que deu origem à Antologia Nacional. O cotejamento no Apêndice 2 do Livro 5 (Seleção Literária) e do Livro 6 (Antologia Nacional - 1ª. edição), poderá esclarecer a quantidade de excertos da Seleção Literária que imigraram para a Antologia Nacional.

Apesar deste trabalho estar mais preocupado com o levantamento de dados que influenciaram a produção, edição e circulação da Antologia Nacional, deixando para o doutorado a análise dos seus excertos, o cruzamento dos dados estatísticos apontados nos vários apêndices, feito a partir

do Banco de Dados, que elegeu Tomás Antonio Gonzaga, Frei José de Santa Rita Durão e José Basílio da Gama, os autores comuns a todas as obras aqui estudadas, convida à reflexão das causas da repetição destes autores e de alguns de seus excertos.

C) UM PORTUGUÊS ADOTADO PELO BRASIL

A repetição de Tomás Antonio Gonzaga em todas as obras computadas no Banco de Dados elege o cantor de *Marília*, um português da cidade do Porto, como um dos mais importantes poetas brasileiros.

Francisco de Varnhagen atribuiu a inclusão de Gonzaga em seu Florilégio ao engano de pensar que ele fosse brasileiro, comentando em nota de rodapé:

(1) Ao imprimirmos estas linhas, temos por averiguado um fato, que a conhecê-lo antes houvera privado o Florilégio das obras deste poeta: Gonzaga nascera no Porto, foi batizado na freguesia de S. João; antes de ir a Vila Rica, havia servido em Portugal em três varas diferentes. ⁹⁵

Já para o Cônego Fernandes Pinheiro, que incluiu autores portugueses e brasileiros em seu Curso Elementar de Literatura Nacional, a nacionalidade de Gonzaga parecia detalhe histórico:

95. *Op.cit.*, p. 38.

Foi por muito tempo litigiosa a pátria do desditoso amante de Marília; Portugal e o Brasil reclamavam-no para si fundando-se em razões de grande peso. A certidão porém da sua matrícula na universidade de Coimbra, remetida ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro pelo Sr. José Maria do Amaral, decidiu o pleito em favor de Portugal. ⁸⁸

O fato de Portugal e Brasil reclamarem o nome de Gonzaga como poeta nacional ora do panteon português, ora do brasileiro, talvez seja devido ao seu sucesso no século XIX, com sucessivas edições e traduções em vários idiomas de sua Marília de Dirceu.

Embora ele fôsse natural do Porto, sua participação na Inconfidência Mineira, assim como seus laços familiares e afetivos com o Brasil (fez seus primeiros estudos no Colégio da Bahia, seu avô e seu pai eram do Rio de Janeiro, sua musa Marília era de Vila Rica), tornaram natural a inclusão de seu nome na literatura brasileira.

Provavelmente a presença de Gonzaga era incômoda ao lado de Garção, Quita, Diniz, Filinto Elísio, Nicolau Tolentino, Bocage, devido principalmente à sua ligação com a tentativa de golpe contra a Corôa Portuguesa em 1789. Assim, enquanto os brasileiros tratavam de cultivar seus versos e sua memória, envolvendo em muitas lendas seu romance com Dorotéia de Seixas, apontada como a musa *Marília*, do lado de lá do Atlântico, Gonzaga era conhecido mais como traidor do que como bom poeta.

⁸⁸. Op. cit., p. 529.

Camilo Castelo Branco incluiu Tomás Antonio Gonzaga na parte dedicada aos *Poetas da Colonia Brasileira* em seu Curso de Literatura Portuguesa, e diz ser ele *oriundo do Rio de Janeiro* e ter nascido *na cidade do Porto em 1744*, atribuindo às líras de *Dirceu* mimo e graça de enfado e monotonia, sem originalidade, sem americanismo, sentenciando com metáforas florais:

De tanta moita de flores não se evola um perfume que nos chame a alma cativa às melancolias da saudade. Toda aquela meiguice madrigalesca de Gonzaga é o mais comezinho teor de poetar, e por isso mesmo um ramalhete seco de frivolidades que só podem reverdecer e subsistir favorecidas pela preocupação e pela toada que de oitiva vai derivando de pais a filhos. 97

Camilo descreve os poetas inconfidentes como covardes, *Todos deploráveis na sua grande miséria*, lembrando que o cantor de *Marília* casara-se em Moçambique, declarando ao tribunal eclesiástico que nunca havia prometido casamento a sua pastora.

Ferdinand Denis reprova as metáforas mitológicas e a forma da poesia pastoril de Gonzaga, mas reconhece seu sucesso popular no Brasil, incluindo-o em seu Resumo de História Literária do Brasil:

Seja como for, Gonzaga é um poeta nacional; reproduzidos por toda a parte, seus cantos enchem de vida as solidões mais remotas do

97. BRANCO, Camilo Castelo. Curso de Literatura Portuguesa. Parte II. Lisboa, Livraria Editora de Mattos & Cia., 1878. p. 250.

Brasil. Merecem ser conhecidos, e foram traduzidos em francês, com muita graça e elegância, pelos Srs. de Monglave e P. Chalas. 88

A Lira XXVIII 89 de Gonzaga que aparece no Curso Elementar de Literatura Nacional, na Seleção Literária e na Antologia Nacional é apresentada com o corte das três últimas oitavas. Vejamos a lira completa:

Alexandre, Marília, qual o rio,
que engrossando no inverno tudo arrasa,
na frente das coortes
cerca, vence, abrasa
as cidades mais fortes.
Foi na glória das armas o primeiro;
morreu na flor dos anos, e já tinha
vencido o mundo inteiro.

Mas este bom soldado, cujo nome
não há poder algum que não abata,
foi, Marília, somente
um ditoso pirata,
um salteador valente.
Se não tem uma fama baixa e escura,
foi por se pôr ao lado da injustiça
a insolente ventura.

O grande César, cujo nome voa,
à sua mesma Pátria a fé quebranta;
na mão a espada toma,
oprime-lhe a garganta,
dá senhores a Roma.
Consegue ser herói por um delito;
se acaso não vencesse, então seria
um vil traidor proscrito.

88. DENIS, Ferdinand. Resumo da História Literária do Brasil. Trad. e Apud. CESAR, Guilhermino. Op.cit., p. 67.

89. Na 1a. edição da Parte I (1782) de Marília de Dirceu o número desta Lira é 27 e na edição feita por Rodrigues Lapa (1857) o número da Lira é 45.

O ser herói, Marília, não consiste
em queimar os impérios: move a guerra,
espalha o sangue humano,
e despovo a terra
também o mau tirano.
Consiste o ser herói em viver justo:
e tanto pode ser herói o pobre,
como o maior Augusto.

Eu é que sou herói, Marília bela,
seguindo da virtude a honrosa estrada:
ganhei, ganhei um trono,
ah! não manchei a espada,
não o roubei ao dono!
Ergui-o no teu peito e nos teus braços;
e valem muito mais que o mundo inteiro
uns tão ditosos laços.

Aos bárbaros, injustos vencedores
atormentam remorsos e cuidados;
nem descansam seguros
nos palácios, cercados
de tropa e de altos muros.
E a quantos nos não mostra a sábia História,
a quem mudou o fado em negro opróbrio
a mal ganhada glória!

Eu vivo, minha bela, sim, eu vivo
nos braços do descanso e mais do gosto:
quando estou acordado,
contemplo no teu rosto,
de graças adornado;
se durmo, logo sonho e ali te vejo.
Ah! nem desperto nem dormindo, sobe
a mais o meu desejo! 100

A primeira parte da Lira, composta de quatro oitavas, é dedicada à crítica de dois conquistadores, que tomaram o poder graças ao bom desempenho de suas espadas, chamando *Alexandre de ditoso pirata* e *César de ser herói por um delito*.

Na quarta oitava *Dirceu* descreve a *Marília* sua concepção de herói, *Consiste o ser herói em viver justo*, uma espécie de herói iluminado pela razão. Rodrigues Lapa comenta que esta poesia era indicativa da *tendência civilista de Gonzaga, que desadorava o poder militar.* 101

Nas três últimas estrofes, o poeta se concentra no ser amado, seu verdadeiro troféu de herói. O fato do herói civilizado ter escolhido como trono o peito e os braços de *Marília*, onde descansa acordado ou dormindo, cheio de gosto e desejo, parece explicar o expurgo desta segunda parte do poema nas compilações escolares. Os comentários do Cônego Fernandes Pinheiro no Curso Elementar sobre as idéias do poema podem ser ilustrativos deste corte:

Que sã moral, que nobres pensamentos não se exalam da lira XXVIII, em que explica a sua amante o caráter da verdadeira heroicidade! 102

Certamente os pios comentários do Cônego não se aplicariam às três últimas estrofes, sendo imprescindível a pasteurização. É de se esperar que os compiladores escolares estivessem preocupados em passar a imagem do herói cortês, civilizado, necessária como exemplo para a formação do ideal de *gentleman* do século XIX, avesso às armas e à violência.

101. *Idem, ibidem, p. 80.*

102. *Op. cit., p. 388.*

Assim como as três últimas estrofes da lira de Gonzaga foram cortadas por estarem carregadas de sensualismo e amor carnal, o excerto de Quincas Borba de Machado de Assis também foi expurgado na Antologia Nacional por motivo parecido. Os quatro primeiros parágrafos suprimidos do Capítulo XXVIII de Quincas Borba referem-se à paixão "enrustida" de Rubião por Sofia, esposa do amigo Palha, e Rubião parece decidido a cultivar este amor proibido:

- É tão bonita! e parece querer-me tanto! Se aquilo não é gostar, não sei o que seja gostar. Aperta-me a mão com tanto agrado, com tanto calor... Não posso afastar-me; ainda que eles me deixem, eu é que não resisto. 103

Parece evidente que certos assuntos que atentavam contra os bons costumes deveriam ser terminantemente proibidos aos alunos secundaristas. O que sobra do capítulo de Quincas Borba é a descrição do cachorro de mesmo nome e seu dia-a-dia com Rubião.

D) O INDIANISMO

Fausto Barreto e Carlos de Laet, preocupados em não omitir nenhuma das culminâncias da pátria literatura, compilaram alguns excertos indianistas que já tinham se tornado clássicos em 1895. Entre os autores escolhidos, os textos mais importantes e emblemáticos do indianismo são os

103. ASSIS, Machado de. Quincas Borba. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, s/d, p. 58.

de Basílio da Gama, Santa Rita Durão, Gonçalves Dias e José de Alencar. Os autores e excertos indianistas até a 7ª. edição da Antologia Nacional são apresentados na seguinte ordem:

(nome do autor, título do excerto, título da obra)

- 1) José Martiniano de Alencar (1829-1877)
 - a) Iracema - Iracema (1865)
 - b) A Prece - O Guarani (1857)
- 2) José Vieira Couto de Magalhães (1837-1898)

O idioma Tupi - O Selvagem (1876)
- 3) Sebastião da Rocha Pita (1660-1738)

Combate entre os portugueses e os índios no Rio de Janeiro - História da América Portuguesa (1730)
- 4) Fernão Cardim (1540-1625)

Costumes dos índios - Do Princípio e Origem dos índios do Brasil (publicado em português em 1881)
- 5) Domingos José Gonçalves de Magalhães (1811-1882)
 - a) O Amazonas - Confederação dos Tamoios (1856)
 - b) Rio de Janeiro e Nápoles - Confederação dos Tamoios
- 6) Antonio Gonçalves Dias (1823-1864)
 - a) Canto do Piaga - Primeiros Cantos (1846)
 - b) Canção do Tamoio - Últimos Cantos (1851)
- 7) Luis José de Junqueira Freire (1832-1855)

O hino da Cabocla - Inspirações do Claustro (1855)
- 8) Frei José de Santa Rita Durão (1722-1784)
 - a) Exórdio - Caramurú (1781)
 - b) Idéia de Deus - Caramurú
 - c) Moema - Caramurú
- 9) José Basílio da Gama (1740-1795)
 - a) Exórdio - Uruguai (1769)
 - b) Lindóia - Uruguai

José de Alencar é apresentado pela Antologia Nacional apenas como o cantor indianista de Iracema e dO Guarani, que provavelmente tinham mais peso para a amostragem da

literatura nacional do que seus romances urbanos ou regionalistas.

O primeiro excerto escolhido é o capítulo II de *Iracema*, completo, onde a *virgem dos lábios de mel* é apresentada ao leitor e onde há o primeiro encontro dela com o homem branco, Martim. A idealização romântica do índio tem neste capítulo um forte exemplo. Na *Antologia*, ao contrário do romance, o capítulo aparece com o título "Iracema e o guerreiro branco", como uma espécie de sinopse do que virá em seguida.

A amostragem do *Guarani* na *Antologia Nacional* é toda descritiva, não há diálogo e, curiosamente, Peri não aparece no trecho selecionado. O título do excerto, "A Prece", é o mesmo do capítulo VII, de onde foi tirado, entretanto os compiladores cortaram as cenas seguintes à descrição da prece.

"A Prece" mostra *uma cena ao mesmo tempo simples e majestosa*, como queria Alencar, era a hora sublime do ocaso e da ave-maria, quando todos se reuniam, ajoelhavam-se e oravam. Era também a prova de que os colonizadores brancos de valor como o fidalgo D. Antonio de Mariz (e os seus), mesmo em terras tão remotas e selvagens, cultivavam a doutrina cristã, condição fundamental para a posse da terra. Este excerto ressalta portanto o homem branco e seus costumes ao invés de focalizar o índio.

O único excerto do Brigadeiro Couto de Magalhães na Antologia Nacional é de estudo antropológico sobre a língua tupi, onde exalta a extensão geográfica que ela ocupou, descreve o contato do autor com a tribo *Gradahús* e aponta a importância da aprendizagem da língua indígena para a efetiva catequização.

Já Rocha Pita comparece com dois excertos, o primeiro com a descrição do Brasil e de Portugal na época do descobrimento e o segundo, fala dos índios em apenas dois parágrafos numerados (33 e 34). Ele trata da conquista do Rio de Janeiro pelos portugueses, numa espécie de exaltação da colonização, onde o autor incorpora apenas um ponto de vista, retratando os portugueses como nós: *Logo senhoreamos toda a enseada, e em prosequção da vitória penetramos o continente, matando no alcance muitos gentios.*

O jesuíta Fernão Cardim marca sua presença na Antologia com o excerto que fala do costume dos índios chorarem quando recebem algum hóspede e de como *Costumam estes gentios beber fumo de petigma.*

O brasileiro que abre nossa poesia contemporânea é Gonçalves de Magalhães, Visconde de Araguaia, que comparece com três excertos, os dois primeiros são trechos do poema épico A Confederação dos Tamoiós (1856) e o terceiro é o "Napoleão", exilado, *sentado em cima do rochedo*, trecho de seus Suspiros Poéticos e Saudades (1836).

O Cônego Fernandes Pinheiro em seu Curso Elementar de Literatura Nacional (1862), titula Gonçalves de Magalhães como o *patriarca da nova escola* ¹⁰⁴, entretanto os ataques de José de Alencar à sua Confederação dos Tamoiós, parecem ter reduzido seu brilho de comandante das letras nacionais, sem contudo tirar-lhe o posto de primeiro poeta romântico do Brasil.

Os dois excertos da epopéia indianista de Gonçalves de Magalhães que aparecem na Antologia Nacional são as descrições do rio Amazonas, *O das águas gigante caudaloso*, e da cidade do Rio de Janeiro que *excede em galas/ Na grandeza sem par muito te excede!* comparada com Nápoles. Talvez os autores da Antologia optaram por trechos descritivos de paisagem da Confederação dos Tamoiós, porque Magalhães não podia ser considerado grande "pintor" indianista depois dos cantos de Gonçalves Dias.

Gonçalves Dias aparece na Antologia Nacional como o cantor dos índios por excelência, apesar de incluírem também seu poema "O mar". Entretanto, a famosa "Canção do Exílio", que cairia como uma luva numa antologia que apregoava a escolha dos assuntos que entendessem com a nossa terra, não foi escolhida. Provavelmente os alunos do curso secundário já traziam decorados desde o curso primário os famosos versos da terra onde o sabiá canta nas palmeiras.

104. *Op.cit.*, p. 541.

Se por um lado José de Alencar ataca Gonçalves de Magalhães em suas Cartas Sobre a Confederação dos Tamoios, por outro tece elogios rasgados ao poeta maranhense:

Não falo das poesias nacionais do Sr. Gonçalves Dias, que, apesar de não haver escrito uma epopéia, tem enriquecido a nossa literatura com algumas dessas flores que desabrocham aos raios da inspiração, e cujos perfumes não são levados pela aura de uma popularidade passageira.

O autor dos *Últimos Cantos*, de "I-Juca Pirama" e dos "Cantos Guerreiros" dos índios está criando os elementos de uma nova escola de poesia nacional, de que ele se tornará o fundador quando der à luz alguma obra de mais vasta composição. 105

Assim como a amostragem de Alencar na *Antologia Nacional*, a de Gonçalves Dias privilegia cantos indianistas, apresentando-os antes da poesia "O mar", pois o "Canto do Piaga" e a "Canção do Tamoio" tornaram-se uma espécie de símbolo da nossa nacionalidade. No resumo bio-bibliográfico, os compiladores da *Antologia* dizem que Gonçalves Dias *Com imensa felicidade explorou o veio poético do indianismo, e tanto e tão bem, que depois dele parece esgotado.*

"O hino da cabocla", único trecho compilado do ex-benedictino Junqueira Freire, dá voz a uma índia que se diz *virgem, débil e fraca, mas que sabe com destreza cravar setas no peito dos reis.*

105. ALENCAR, José Martiniano de. Cartas Sobre a Confederação dos Tamoios por Ig.. 7a. carta de 12.08.1858. In *Obras Completas*, Rio de Janeiro, Aguilar, vol.4, p.905.

Os excertos de Basílio da Gama e de Santa Rita Durão, especialmente o da morte de *Lindóia* e o da morte de *Moema*, que se repetem em todas as compilações usadas neste trabalho (Apêndice 4) têm comentários mais extensos, principalmente no Caramuru, onde a amostragem subverte a heroína do poema, Paraguaçu, ao destacar Moema.

D.1. O CARAMURÓ (1781) DE FREI JOSÉ DE SANTA RITA DURÃO

Frei José de Santa Rita Durão (1722-1784), mineiro de Cata-Preta, dado a conhecer pela crítica romântica como poeta de uma só obra, Caramuru (1781), escreveu também cartas e sermões, entre eles, o sermão pregado em Leiria no ano de 1759 que responsabilizava a Companhia de Jesus pelo atentado contra D. José ocorrido em setembro do ano anterior.

Em 1761, Durão arrepende-se de sua atitude contra os jesuítas, que foram seus mestres de estudos secundários no Rio de Janeiro, e foge de Portugal. Preso e perseguido na Espanha e na França por anti-jesuítas, consegue chegar à Itália e obter uma audiência com o Papa Clemente XIII em 1763. Regressa a Portugal em 1771 conquistando a cátedra de Teologia na Faculdade de Coimbra.

Frei José de Santa Rita Durão quando introduz seu poema Caramuru com suas "*Reflexões Prévias e Argumento*", parece ter consciência de que sua narração refere-se a um capítulo

da história de Portugal, ou seja, sua expansão marítima, seus descobrimentos e colonização. Compara a campanha portuguesa no Brasil com a da Índia e, conseqüentemente, tenta inserir seu poema na tradição clássica liderada pelos Lusiadas de Camões:

Os sucessos do Brasil não mereciam menos um Poema que os da Índia. Incitou-me a escrever este o amor da Pátria. [...] sendo este poema ordenado a por diante dos olhos aos libertinos o que a natureza inspirou a homens que viviam tão remotos das que eles chamam *preocupações de espíritos débeis.* 108

É provável que Durão esteja também se referindo a Portugal quando fala em *amor da Pátria*, pois ele quer exaltar os *sucessos* da colonização lusa no Brasil, representados no poema por Diogo Alvares Corrêa.

Parece que a crítica romântica interpretou essa pátria como sendo só o Brasil e, ao invés de privilegiar os feitos civilizatórios do herói da epopéia, Diogo-Caramuru, exaltou as passagens que falavam dos índios e de seus costumes.

O maior exemplo desta ótica romântica do poema de Durão é que quando chegamos em 1895 com a Antologia Nacional e olhamos para as obras anteriores, de crítica e história literárias, verificamos que o trecho mais citado do Caramuru (e repetido em todos os Livros estudados neste trabalho) é o

108. DURÃO, Frei José de Santa Rita. Caramuru. (Poema épico do descobrimento da Bahia). Rio de Janeiro, H. Garnier, s.d., p. XIII.

que narra a "morte de Moema" no Canto VI (Estâncias XXXVI - XLIII), considerado de extrema beleza lírica.

Esta repetição insere Moema na galeria das heroínas indígenas que morreram por amor, fundada por Lindóia no Uruguai (1769), e continuada pela Iracema de José de Alencar.

Assim, ou por isso, a obra de Santa Rita Durão será resgatada, eleita e oferecida ao público pelos críticos românticos como uma epopéia genuinamente brasileira. Antonio Candido destaca essa difusão do Caramuru:

É curioso que o *Caramuru*, de Frei José de Santa Rita Durão, haja sido pouco apreciado no seu tempo, indo ter, quase meio século depois de publicado, um papel eminente na definição do caráter *nacional* da nossa literatura. 107

O fato da crítica romântica apoiar sua argumentação do caráter nacional em trechos do Caramuru que descreviam sobretudo os índios e seus costumes, impôs uma certa hipertrofia do elemento indígena no poema. Assim, o trecho mais repetido pelos críticos como uma espécie de amostra do Caramuru, põe em evidência uma personagem secundária, a índia Moema, uma das várias que se considerava esposa de Diogo-Caramuru no poema e não se conformava com a monogamia

107. CANDIDO, Antonio. Literatura e sociedade. op.cit., p. 188.

imposta por ele, morrendo ao tentar impedir a partida de seu "esposo" com a rival Paraguaçu.

Desta forma, parece que a recepção crítica do poema pelos românticos acaba deslocando a personagem central, Paraguaçu-Catarina, que sofrera um processo de "branqueamento" pelo autor, ou melhor, ela é uma índia com características de branca civilizada "*Bem diversa da gente tão nojosa*" ¹⁰⁸, cuja missão era casar-se com Diogo e fundar uma nobre descendência na Bahia, levando como dote a licença dos índios para a exploração colonial.

Esta hipertrofia indígena da crítica romântica, por outro lado, impôs também uma certa atrofia do colonizador enquanto posseiro e agente evangelizador e civilizador no poema e do significado da empresa colonial portuguesa no Brasil, neutralizando o confronto entre brancos e índios.

O primeiro encontro das duas culturas - a branca e a aborígene - no Caramuru, acontece com o naufrágio de Diogo e sua tripulação e, ao contrário do que deveria ser, os sobreviventes brancos são transformados em cultura inferior, ou melhor, em alimento dos índios.

A primeira cena de canibalismo dá-se no Canto I, Estância XVII:

Correm, depois de crê-lo, ao pasto horrendo,
E, retalhando o corpo em mil pedaços,

108. Caramuru, op.cit., Canto II, Est. LXXVIII, p. 62.

Vai cada um famelico trazendo,
 Qual um pé, qual a mão, qual outros os braços;
 Outro na crua carne iam comendo,
 Tanto na infame gula eram devassos;
 Tais há que as assam nos ardentes fossos,
 Alguns torrando estão na chama os ossos.

Na Estância seguinte (XVIII), Durão execra a atitude dos índios, mas também lembra que na antiguidade européia, representada pela figura de Saturno, a antropofagia já ocorria:

Que horror da humanidade! ver tragada
 Da própria espécie a carne já corrupta!
 Quando não deve a Europa abençoada
 A fé do Redentor, que humilde escuta!
 Não era aquela infamia praticada
 Só dessa gente miseranda e bruta:
 Roma e Cartago o sabe no noturno
 Horrível sacrifício de Saturno. (4) [nota do autor]

Tal lembrança suscita que o autor tentava inserir os ameríndios na mesma tradição dos antepassados europeus, mas por outro lado, sendo ele frei da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho e vivendo numa época de dúvidas evangélicas (Ilustração, Pombal contra os Jesuítas), fazia alusão ao "caos da Europa" antes de sua cristianização, fortalecendo também a fé no catolicismo, enquanto doutrina civilizadora. Vejamos a explicação de Durão em sua nota de rodapé, ao final da estância XVIII:

(4) *Saturno*. - Os antigos Italianos foram, como se colige de Homero, antropófagos; taes eram os Lestrigões e os Liparitanos. Os Fenícios e os Cartagineses usaram de vítimas humanas, e Roma própria nos seus maiores apertos. São espécies vulgares na história.

Pode-se concluir que na ótica de Santa Rita Durão a evangelização dos ameríndios, quer seja ela feita pelos jesuítas ausentes no poema, quer pelo colonizador português, representado pela figura de Diogo Alvares Correa, veio transformar verdadeiras feras em gente, ou seja, o descobrimento da América trouxe ao continente o Evangelho do catolicismo e os hábitos civilizados dos colonizadores, que condenavam o canibalismo e a poligamia.

A discussão sobre o canibalismo, que certamente existiu enquanto prática ritual de algumas nações ameríndias, ganha outro tom quando tomamos o ponto de vista dos não-católicos, como *Jean de Léry, um calvinista francês que viveu no Brasil na década de 1550*, citado por Claude Lévi Straus nos seus Tristes Trópicos.

Luiz Felipe de Alencastro, historiador, professor do Instituto de Economia da UNICAMP e pesquisador do CEBRAP, em artigo no jornal Folha de São Paulo de 12 de outubro de 1991, analisa os comentários de Jean de Léry e ressalta que o canibalismo dos ameríndios deu pretexto para que os governos da Espanha e de Portugal autorizassem a escravidão dos índios pelos colonos:

Prova da barbárie e, para alguns, da natureza não-humana do ameríndio, a antropofagia condenava as tribos que a praticavam a sofrer pelas armas portuguesas a "guerra justa" e a escravidão [...] Neste contexto, um dos autores renascentistas que escreveram sobre o Brasil, o calvinista francês Jean de Léry, morador do Rio de Janeiro na 2ª. metade da

década de 1550, elabora uma reflexão original que retira o canibalismo do âmbito da animalidade para integrá-lo à história humana e, mais ainda, à história européia de seu tempo.

Testemunha e quase vítima dos massacres do dia de São Bartolomeu (24.08.1572), ponto alto das guerras de religião na França, Léry compara a violência dos tupinambás e a dos católicos franceses que naquele dia fatídico trucidaram e, em alguns casos, devoraram seus compatriotas protestantes: (Especial I, p. 7)

Se por um lado a propaganda do canibalismo ameríndio na Europa através de relatos de viajantes e de obras como a do alemão Hans Staden que incluía várias gravuras (ilustrando pedaços do corpo humano sendo comidos pelos índios), facilitava a empresa colonialista, na medida em que se obtinha autorização para escravizar os índios, por outro lado, podia funcionar também como uma espécie de freio simbólico de possíveis ataques de "piratas" que não tinham licença da Coroa portuguesa para explorar sua colônia.

No poema do Caramuru o colonizador português Diogo Alvares, depois de escapar "milagrosamente" de ser comido pelos índios, consegue domá-los pela sua ignorância e medo em relação à tecnologia bélica civilizada do ferro e da pólvora. Os índios em grande número, mas enfraquecidos pelo medo do fogo que Diogo faz brotar da lamparina e do fuzil, crêem ser ele uma entidade enviada por Tupã. Diogo percebe seu poder e ao obter respeito e confiança do chefe Gupeva ganha *status* de chefe tribal. Ganha inimigos também, como o índio Jararaca, seu mais ferrenho opositor e rival amoroso. Por causa da ascendência de Diogo sobre Gupeva e sua tribo,

Jararaca se une a outros chefes indígenas para expulsar o homem branco e casar-se com Paraguaçu, uma espécie de prêmio que simbolizava a posse da terra.

Durão retrata os inimigos de Diogo de forma caricatural e grotesca. Jararaca, por exemplo, depois de ficar com o pé preso na terra por uma flecha, foge para o mato sem um pedaço do pé. Depois, numa contra-ofensiva, é morto por Diogo com um tiro, quando ameaçava a vida de Taparica, pai de Paraguaçu. Outros chefes inimigos são descritos no Canto IV como Cupaiba "*que os míseros que abraça/ Devora vivos na batalha ardente*" (Est. XV), Urubú "*monstro horrendo e cabeludo,*" (Est. XVI), Sambambaia "*e até grudando as plumas pela cara,/ Nova espécie de monstro excogitára.*" (Est. XVIII), etc.

Apesar do discurso de Jararaca (Canto IV, Estâncias XXXII-XXXIX), que tenta unir as várias tribos contra Diogo e Gupeva, antevendo a aniquilação da nação Tupi pelos invasores, a guerra e a vitória do homem branco são inevitáveis. O confronto sangrento entre os prós-Diogo e seus inimigos, narrado nos Cantos IV e V, é raramente selecionado nas antologias. Tal ausência pode ser indicadora da preferência dos compiladores por trechos mais amenos, que mencionem a terra sem fazer referências às batalhas de disputa por ela.

Através da amostragem do Caramuru nas antologias aqui estudadas (Banco de Dados), ficam patentes os esforços da crítica e dos compiladores para esconder suas passagens de canibalismo, providência mais que necessária para que o índio pudesse figurar como *topos* de uma nova literatura que se pretendia "civilizada".

Francisco Adolfo de Varnhagen no seu Florilégio da Poesia Brasileira reafirma alguns conceitos prescritos por Ferdinand Denis, dando destaque para o caráter civilizatório da literatura e, talvez por este motivo, parece não concordar que seja eleito como símbolo nacional qualquer tipo de índio:

Lancemos as vistas para o nosso Brasil. [...] Deus o faze bem, para que os poetas, em vez de imitarem o que lêem, se inspirem da poesia que brota com tanta profusão do seio do próprio país, e sejam antes originais - americanos. [...] A América, nos seus diferentes estados, deve ter uma poesia, principalmente no descritivo, só filha da contemplação de uma natureza nova e virgem; [...] O contrário podia comparar-se ao que, para buscar originalidade, desprezasse todos os elementos da civilização, todos os preceitos da religião, que nos transmitiram nossos pais. Não será um engano, por exemplo, querer produzir efeito, e ostentar patriotismo, exaltando as ações de uma caterva de canibais, que vinha assaltar uma colônia de nossos antepassados só para os devorar? 109

Varnhagen publicou em Lisboa, em 1845, os Épicos Brasileiros, contendo O Uruguai e o Caramuru, e incluiu em 109. Op.cit., "Ensaio Histórico Sobre as Letras no Brasil", p. 15.

seu Florilégio da Poesia Brasileira quatro excertos do Caramurú, elogiando-o por ser um *poema mais acabado que o Uruguai* e que *oferece um tipo de resignação cristã, e de virtudes conjugais.* 110

Apesar de suas simpatias pelo Caramurú de Durão, parece que Varnhagen não gostava da idéia de que alguns índios tidos como canibais e não-civilizados pudessem representar o papel de heróis. Talvez ele tenha sonhado em corrigir a obra de Durão, pois no Tomo III do mesmo Florilégio, em 1853, Varnhagen incluiu uma composição de sua própria lavra, intitulada O matrimônio de um Bisavô ou O Caramuru (Romance Histórico Brasileiro),¹¹¹ que narra *um conto de amores* da Bahia, onde Diogo e Paraguaçu convencem o pajé Uívia, pai de Paraguaçu, a não matá-lo e a aceitar sua união.

D.2. O URAGUAI (1769) DE BASÍLIO DA GAMA

José Basílio da Gama, famoso pelo seu poema épico O Uruguai, publicou também outros poemas em homenagem a figuras ilustres da corte portuguesa. Em 1791, compôs o poema Quitúbia, que trata de um herói negro que lutou ao lado dos portugueses em Angola na guerra contra a Holanda. É raro encontrar nas antologias trechos deste último poema,

110. Idem, *ibidem*, p. 35.

111. VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. O Caramurú, romance histórico brasileiro. Rio de Janeiro, Tip. de Pinto e Sousa, 1859, 32p.

talvez porque seja considerada poesia fraca, ou ainda porque sua ação se passa na África, mas também não se pode desprezar o fato do herói do poema, Quitúbia, ser um regulo africano, distante da paisagem idílica do Novo Mundo e do ideal heróico buscado pelos críticos brasileiros, o índio idealizado brasileiro.

Ao contrário do Caramuru onde a primazia heróica está somente com o homem branco, Diogo Alvares Correa, pois os índios opositores são retratados de forma grotesca e os índios aliados como medrosos, no Uruguai de José Basílio da Gama, ela é desproporcionalmente dividida entre brancos e índios (Gomes Freire de Andrada e Sepé-Cacambo-Lindóia) contra um inimigo comum, os jesuítas (Balda).

Deixando de lado a visão estrábica de Basílio da Gama sobre os acontecimentos históricos, onde ataca a Companhia de Jesus para bajular o Marquês de Pombal, assunto retomado pelo cinema americano recentemente, no filme "A Missão" com Robert de Niro, onde jesuítas e índios são tratados como vítimas da ganância de portugueses e espanhóis, o poema épico O Uruguai parece concentrar-se mais na exaltação da campanha portuguesa, representada por Gomes Freire Andrade:

MUSA, honremos o Herói que o povo rude
 Subjugou do Uruguai, e no seu sangue
 Dos decretos reais lavou a afronta. 112

112. GAMA, José Basílio da. O Uruguai. Rio de Janeiro, Agir, 1984, Canto I, p. 20.

O Primeiro Canto é quase todo destinado à apresentação dos homens brancos numa espécie de parada militar, com descrições de fardas coloridas, armas e bandeiras. Encarregados de fazer cumprir o Tratado de Madri, que dava a Portugal o território das Missões em troca da colônia do Sacramento, que ficaria com os espanhóis, estes homens são liderados pelo general Andrade para conter *as desordens de povos confinantes*.

Ainda no Primeiro Canto, os índios são tratados como *rebeldes povos, bárbaros, índios rudes, índios atrevidos, rebelados povos*.

A resposta do general Andrade a Cacambo no Canto II dimensiona a contenda entre o trono e os jesuítas pela posse das terras que já não mais pertenciam aos índios, então transformados em vassallos pela força da fé ou da espada:

Fez-vos livres o céu, mas se o ser livres
 Era viver errantes e dispersos,
 [...]
 Viver do acaso, eu julgo que inda fôra
 Melhor a escravidão que a liberdade.
 Mas nem a escravidão, nem a miséria
 Quer o benigno rei que o fruto seja
 Da sua proteção. Esse absoluto
 Império ilimitado, que exercitam
 Em vós os padres - como vós, vassallos -
 É império tirânico, que usurpam.
 Nem são senhores, nem vós sois escravos.
 O rei é vosso pai: quer-vos felices.
 Sois livres, como eu sou; e sereis livres,
 Não sendo aqui, em outra qualquer parte.
 Mas deveis entregar-nos estas terras.
 Ao bem público cede o bem privado.
 O sossêgo de Europa assim o pede.
 Assim o manda o rei. Vós sois rebeldes,
 Se não obedeceis; mas os rebeldes,

Eu sei que não sois vós - são os bons padres,
 Que vos dizem a todos que sois livres,
 E se servem de vós como de escravos.
 Armados de orações vos põem no campo
 Contra o fero trovão da artilharia,
 Que os muros arrebatá; e se contentam
 De ver de longe a guerra: sacrificam,
 Avarentos do seu, o vosso sangue.
 Eu quero à vossa vista despojá-los
 Do tirano domínio destes climas,
 De que a vossa inocência os fez senhores. 113

A a ignorância dos índios em relação aos brancos, vista no Caramurú como superstição, índice de barbárie e explicação da empresa colonialista, é tratada no Uruguai como "inocência", enquanto a posse das terras é disputada entre portugueses e jesuítas. Esta diferença fundamental talvez seja a chave para entender a força poética do índio no poema de Basílio da Gama, enquanto elemento da natureza, que vai determinar sua ascendência heróica, apesar das intenções do autor de enaltecer os feitos dos portugueses, presentes até nas visões de Lindóia. Assim, o índio, espoliado pelo branco jesuíta, sucumbe ao poder militar luso-espanhol, numa espécie de martírio cristão.

Por outro lado, é notório também o esforço da crítica do século XIX em criar mitos que simbolizassem o caráter nacional, privilegiando o índio e a natureza. Não se trata de negar o valor do Uruguai e o despreendimento de Basílio ao compôr uma epopéia de forma inovadora com 5 cantos em versos decassílabos sem rima, quando a regra clássica indicaria 10, 12 ou 24 cantos em versos decassílabos ou

alexandrinos rimados, mas sim de reconhecer o papel importante da crítica e da história literária que o elegeram como exemplo da literatura nacional.

Almeida Garrett na introdução do Parnaso Lusitano (1826) escreve:

O Uruguai de José Basílio da Gama é o moderno poema que mais mérito tem na minha opinião. Cenas naturais mui bem pintadas, de grande e bela execução descritiva; frase pura e sem afetação, versos naturais sem ser prosaicos e, quando cumpre, sublimes sem ser guindados; não são qualidades comuns. Os brasileiros principalmente lhe devem a melhor coroa de sua poesia, que nele é verdadeiramente nacional e legítima americana." 114

Não se pode esquecer que a crítica literária era dirigida à elite letrada, recém-apartada politicamente da metrópole, carente de discurso indicativo da diferença entre os dois países que justificasse a Independência, ao mesmo tempo empenhada na construção de um passado literário e de uma literatura nacional contemporânea que fosse indício de civilização nos trópicos.

Ferdinand Wolf, ao comentar a epopéia do vate mineiro, expressa a importância do julgamento da crítica romântica sobre O Uruguai enquanto obra formadora do nosso caráter nacional:

114. GARRETT, Visconde de Almeida. "História Abreviada da Língua e Poesia Portuguesa", introdução ao Parnaso Lusitano. Apud. CEBAR, Guilhermino. Op.cit., p. 81.

É possível, no trato de semelhante matéria, que José Basílio haja atendido à sua aversão pelos jesuítas e ao desejo de comprazer a Pombal, mas não é menos importante assinalar que escolhera um assunto patriótico, e soube encontrar em seu país os elementos de uma epopéia. Celebra, em verdade, a vitória das armas portuguesas e espanholas, mas faz incidir o interesse principal sobre os indígenas, por meio de pinturas de caracteres e de costumes, por episódios atraentes e descrições magníficas. Malgrado seu, talvez, manifesta simpatia pelos vencidos, pelas vítimas do engodo. Com toda razão, certamente, José Basílio buscou os elementos épicos em seu próprio país. Conseguiu despertar o interesse por esse país e suas particularidades, e não contribuiu pouco, por isso mesmo, a abrir caminho ao sentimento nacional. 115

Assim, parece muito natural que os excertos mais citados fossem aqueles que mencionassem os índios, principalmente o que narra a "morte de Lindóia", como foi constatado no estudo feito entre algumas obras no Banco de Dados. Neste contexto, Lindóia poderia representar a heroína americana, cujo fim trágico a inseria na galeria de heroínas lendárias que se perpetuaram no imaginário coletivo do ocidente: Cleópatra, Dido, Inês de Castro, Joana D'Arc, Julieta, etc. 116

A Antologia Nacional selecionou dois trechos do Uruguai de Basílio da Gama: o primeiro, chamado de "Exórdio", traz os 20 primeiros versos do Canto I, onde o poeta anuncia o

115. WOLF, Ferdinand. Apud CESAR, Guilhermino. Op. cit., p. 155.

116. Na Seleção Nacional de Caldas Aulete também aparece o excerto da "morte de Lindóia" com o sugestivo título "Morte de Cleópatra Guarani".

assunto do poema e reverencia a campanha pombalina na região das Missões. O segundo, intitulado "Lindóia", reúne 58 versos do Canto IV, que narram a morte da infeliz indígena, ou melhor, descrevem a tristeza de seu irmão, Caitetú, ao encontrá-la recostada num cipreste com uma serpente que passava em seu corpo. Caitetú mata a serpente com uma flecha certa, mas descobre que era tarde, Lindóia estava morta com uma picada no peito.

VI - CONCLUSÃO

Neste trabalho, tentei apresentar a *Antologia Nacional* como manual literário e como objeto editorial de sucesso. Procurei destacar em todas as etapas de estudo os pontos de convergência com o ensino, com a literatura e com a história literária.

A comparação interna entre suas edições revelou alterações significativas como a mudança de editora, a permanência sistemática de autores e excertos e o acréscimo de autores contemporâneos, a maioria brasileiros, depois de falecidos.

A comparação externa com obras de história literária e compêndios anteriores, apontando a repetição de alguns autores e excertos, parece ter dimensionado os pressupostos de seleção da *Antologia Nacional* inserindo-a na tradição literária comprometida com a construção e consolidação do caráter nacional da literatura brasileira.

A elaboração do Banco de Dados e seus respectivos relatórios estatísticos apontaram a repetição de três autores importantes do século XVIII, segundo alguns críticos do século XIX, fundadores da literatura nacional. Nas análises que fiz dos excertos repetidos destes autores, tentei destacar os esforços da crítica e da história literária do século XIX em eleger as obras de Basílio da

Gama e de Santa Rita Durão como exemplos de poesia brasileira colonial, enquanto tentavam a naturalização de Gonzaga como poeta brasileiro, dada a popularidade dos versos de Marília de Dirceu.

Ficaram, assim, claras as sugestões de que a Antologia Nacional teve papel importante no projeto de consolidação da nacionalidade pela afirmação da literatura brasileira, quer através do progressivo aumento de autores brasileiros, quer através da sequência escolhida (inversão cronológica) para apresentação dos autores e textos, quer ainda através do tema privilegiado nos trechos compilados, que davam preferência aos excertos que tematizassem o Brasil, repetindo trechos que se tornaram mitos da nossa nacionalidade.

É interessante salientar que este aspecto nacionalizador da Antologia, aliado à sua longa adoção, a partir do Colégio Pedro II, instituição modelo, irradiadora dos Programas de Ensino oficiais, são elementos vitais para a compreensão dela tanto como produto editorial de sucesso, quanto como mantenedora do mesmo índice de nacionalidade, tornando-se objeto culturalmente relevante ao longo de sua existência.

A alquimia de tal combinação resultou num livro fundamental: atesta-o não somente a grande quantidade de edições, que o torna doutrina literária e linguística de

inúmeras gerações de brasileiros, mas ainda, o registro de seu peso na formação da sensibilidade literária de escritores que participaram ativamente da vida cultural brasileira, e o fato dela reunir certos mitos da nacionalidade, fazem da *Antologia Nacional*, hoje, uma espécie de museu literário.

Creio que o ponto de convergência mais importante é o que sintoniza a *Antologia Nacional* com o projeto da crítica e da história literária do século XIX, de construção da nacionalidade. Este projeto inicialmente foi encabeçado por uma *intelligentsia* oriunda das classes dominantes, que iria se identificar e mesmo seria patrocinada e desenvolvida pelo Estado, na figura do Imperador Pedro II.

Luiz Felipe de Alencastro, em artigo da revista do CEBRAP, preocupado em matizar alguns traços históricos do autoritarismo político brasileiro, discute a marginalização do elemento popular na nossa Independência, perdido na malha densa de uma sociedade heterogênea e ameaçada na sua unidade territorial. O jogo político restrito à classe dominante, incutia a idéia de que o Brasil existia enquanto nação graças à ação de suas elites, ressaltando que:

No espírito das classes dominantes, essas clivagens culturais justificavam a recusa dos direitos de cidadania às camadas da população dessocializadas em virtude da organização do trabalho. Até recentemente a proibição do voto aos analfabetos ilustrava essa recusa à cidadania.

Assim se consolidava a ideologia "civilizadora", difundida entre os altos

funcionários do Estado, que atribuía às classes dominantes a tarefa histórica de "civilizar" a população brasileira. 117

A diferença de momento histórico e cultural, no final do século XIX, marcado pela Abolição do trabalho escravo e pela Proclamação da República, provavelmente tinha deslocado o discurso que imputava aos bacharéis seu fardo, ou seja, a tarefa histórica de "civilizar" a população brasileira, para os textos dos mesmos bacharéis e doutores apresentados nas seletas escolares do tipo da *Antologia Nacional* 118, que teriam como missão preparar os futuros bacharéis.

Considerando que a maioria das escolas de nível secundário dos inícios e meados da nossa República preparava sobretudo a classe dominante para os cursos superiores de direito, medicina e engenharia, presume-se que a imagem de cidadão desejada era a que correspondia ao cidadão das elites. Assim, a formação do cidadão apregoada nos textos das leis do ensino secundário reflete a preocupação oficial com a formação da classe dominante:

O Ginásio Nacional tem por fim proporcionar à mocidade brasileira a instrução secundária e fundamental necessária e suficiente não só

117. ALENCASTRO, Luiz Felipe de. "O Fardo dos Bacharéis" In Novos Estudos CEBRAP. São Paulo, no. 19, Dez. de 1987, p. 70.

118. Foram reunidos na Antologia Nacional, entre outros, excertos dos seguintes bacharéis em direito: Francisco de Sales Torres Homem, Francisco Otaviano de Almeida Rosa, os 2 José Bonifácio de Andrada e Silva (o tio e o sobrinho), José de Alencar, Visconde de Ouro Preto, Franklin Távora, Barão do Rio Branco, Joaquim Nabuco, Eduardo Prado, Raul Pompéia,

para o bom desempenho dos deveres de cidadão, mas também para a matrícula nos cursos de ensino superior e obtenção do grau de bacharel em ciências e letras. 119

Jeffrey Needell analisa o ensino secundário de colégios tradicionais do Rio de Janeiro como instituições da elite:

Higher education in the Second Reign (1840-89) and the Old Republic (1889-1930) was generally the preserve of families of wealth and position. [...]

The assumption was that a boy would get the basic intellectual formation necessary for a bureaucrat or statesman (a foundation to which he would probably add the *bacharelado* from the Faculty of Law at either Recife or São Paulo). The *colégio* also provided the humanist culture required for a European gentleman. [...]

It is within this context that the Colégio Pedro II and the Collège de Sion are most illustrative. Each was, in its day, the model for the secondary education of elite children. 120

É como se a Antologia Nacional formasse os futuros bacharéis do século XX através dos excertos dos bacharéis do século XIX, combinados aos excertos clássicos dos séculos XVI, XVII e XVIII com os quais estes últimos também se formaram.

Gonçalves Dias, Alvares de Azevedo, Castro Alves, França Junior, Rui Barbosa, Silvio Romero, Vicente de Carvalho.

119. Decreto no. 2.857 de 30 de março de 1898 que aprova o regulamento para o Ginásio Nacional [Colégio Pedro II] e ensino secundário. Atos do Poder Executivo. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1898, p. 349.

120. NEEDELL, Jeffrey D. A Tropical Belle Époque. Elite culture and society in turn-of-the-century Rio de Janeiro. Cambridge, Cambridge University Press, 1987, p. 52-54.

É neste sentido que a *Antologia Nacional* dialoga com o projeto "civilizatório", embutido no projeto de construção da nacionalidade e na eleição de um *corpus* de autores e trechos representativos da literatura pátria, preparando as gerações dirigentes futuras, oferecendo textos exemplares (expurgados de tudo que possa corromper) de autores canonizados pela história literária, que não raramente atuaram na política brasileira.

A intenção, porém, não é esgotar o assunto, faltaria a discussão de outros aspectos, principalmente a análise aprofundada de todos os excertos que aparecem na *Antologia Nacional*, a qual poderá esclarecer muitos pontos levantados nesta dissertação.

Seria o caso de verificar, por exemplo, se existe algum descompasso entre as estéticas literárias apresentadas, como o Romantismo, e o ensino de Literatura, mais preocupado com o ensino da língua e atrelado ao ensino da retórica, talvez porque fôsse indispensável para a formação dos futuros bacharéis. Provavelmente a permanência da *Antologia Nacional* nos currículos da escola secundária indique também a permanência do ensino conservador da língua, da retórica, da literatura e da história literária.

Quanto ao modelo didático que a *Antologia Nacional* procura copiar, talvez fosse o caso de pesquisar antologias latinas, francesas e portuguesas do século XIX, algumas

usadas no Brasil e mencionadas nos Programas de Ensino do Colégio Pedro II.

Andei folheando algumas seletas literárias usadas concomitantemente com a Antologia Nacional no curso de português do Colégio Pedro II e verifiquei que alguns excertos são repetidos nas várias obras. A repetição dos excertos e de algumas práticas escolares podem indicar uma certa pedagogia da repetição.

Por outro lado, a análise dos textos da Antologia Nacional e dos textos que se repetem em outros compêndios, assim como o estudo da forma de organização das seletas, levando-se em conta as instituições educacionais que as abrigam, poderão contribuir para a formação das imagens de leitura e de leitores ideais que estas antologias tentavam propagar através de seus excertos pelo viés da educação.

São Paulo, 20 de novembro de 1992.

Marcia de Paula Gregorio Razzini

VII - BIBLIOGRAFIA

ALENCAR, José Martiniano de. O Nosso Cancioneiro. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1962.

_____. Cartas Sobre a Confederação dos Tamoios, por Ig. In Obras completas. Rio de Janeiro, Aguilar, v. 4.

ALMEIDA, José R. P. de. História da Instrução Pública no Brasil (1500-1889). Trad. Antonio Chizzotti. São Paulo, INEP-PUC SP, 1989.

AULETE, F. Julio Caldas. Seleção Nacional. Lisboa, Parceria Antonio Maria Pereira, 1912, 1915, 1920.

BANDEIRA, Manuel. Antologia dos Poetas Brasileiros da Fase Romântica. Rio de Janeiro, INL, 1949.

_____. Itinerário de Pasárgada e Crônicas da Província do Brasil. In Obras Completas. 4a. ed., Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1977.

BARBOSA, Januário da Cunha. Parnaso Brasileiro. 1831.

BARBUDA, Pedro Julio. Literatura Brasileira. Bahia, Estabelecimento dos Dois Mundos, 1916.

BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de. Antologia Nacional. 4ª. ed., Rio de Janeiro, Viúva Azevedo & Cia., 1903.

_____. Antologia Nacional. 6ª. ed., Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1913.

_____. Antologia Nacional. 8ª. ed., Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1918.

_____. Antologia Nacional. 22ª. ed., Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1939.

_____. Antologia Nacional. 33ª. ed., Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1956.

_____. Antologia Nacional. 42ª. ed., Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1966.

BARRETO, Fausto e SOUZA, Vicente de. Seleção Literária. 2ª. ed., Rio de Janeiro, s/e, 1892.

BASBAUM, L. História Sincera da República (das origens a 1889). São Paulo, Fulgor/Ed. Alfa Omega, 1968.

_____. Historia Sincera da República. (de 1889-1930). São Paulo, Ed. Alfa Omega, 1968.

BERTHAUT, H. e GEORGIN, Ch. Histoire Illustrée de la Littérature Latine. 6ª. ed., Paris, Librairie A. Hatier, 1947.

BLAKE, Augusto Vitorino Alves Sacramento. Dicionário Bibliográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1893.

BOSI, Alfredo. História Concisa da Literatura Brasileira. São Paulo, Ed. Cultrix, 2a. ed., 1975.

BRANCO, Camilo Castelo. Curso de Literatura Portuguesa. Lisboa, Liv. Ed. de Mattos Moreira & Cia., 1876.

BRANDÃO, Roberto de Oliveira. A Tradição Sempre Nova. São Paulo, Ática, 1976.

CAMPOS, Agostinho de. Paladinos da Linguagem. Antologia Portuguesa. Paris/Lisboa, Livraria Aillaud e Bertrand, 1921.

CANDIDO, Antonio. A Educação Pela Noite e Outros Ensaios. 2a. ed., São Paulo, Ática, 1989.

_____, Formação da Literatura Brasileira. Belo Horizonte, Itatiaia, 6a. ed., 1981, 2 vol.

_____, O Método Crítico de Silvio Romero. São Paulo, EDUSP, 1988.

_____, e CASTELLO, J. Aderaldo. Presença da Literatura Brasileira. Rio de Janeiro, Bertrand, 3a. ed., 1988.

CARDOSO, Wilton. Um Livro e Uma Época. in "Miscelânea em Homenagem ao Prof. Antonio José Chediak", inédito, 1989.

CARPEAUX, Otto Maria. História da Literatura Ocidental. 2ª. ed., Rio de Janeiro, Ed. O Cruzeiro, 1966.

CARVALHO, Ronald de. Pequena História da Literatura Brasileira. Rio de Janeiro, f. Briguiet & Cia., 5a. ed., 1935.

CÉSAR, Guilhermino. Historiadores e Críticos do Romantismo. São Paulo, EDUSP, 1978.

CHARTIER, Anne-Marie e HÉBRARD, Jean. Discours sur la lecture 1880-1980. Paris, BPI-Centre Georges Pompidou, 1989.

CHARTIER, Roger. A História Cultural. (entre práticas e representações). Lisboa, Difel, s.d.

_____, "As Práticas da Escrita" in História da Vida Privada. Trad. Hildegard Feist. São Paulo, Companhia das Letras, 1991, vol. 3., p. 113-161.

CHEDIAK, Antonio José. Carlos de Laet. O Polemiata. São Paulo, Ed. Anchieta, 1942.

COSTA, Emilia Viotti da. Da Monarquia À República. São Paulo, Ciências Humanas, 1979.

COSTA, J. C. Peguesa História da República. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 3a. ed., 1974.

CRUZ COSTA, J. Contribuição À História das Idéias no Brasil. 2a. ed. São Paulo, Civilização Brasileira, s/d.

DARNTON, Robert. O Beijo de Lamourette. Trad. Denise Bottmann. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

DORIA, Escragnolle. Memória Histórica. (Comemorativa do 1º. Centenário do Colégio Pedro Segundo 1837-1937). Rio de Janeiro, Ministério da Educação, 1937.

DURÃO, Frei José de Santa Rita. Caramuru. Poema Épico. Rio de Janeiro, Garnier, s/d.

FAUSTO, B. História Geral da Civilização Brasileira. O Brasil Republicano (sociedade e instituições). Rio de Janeiro/ São Paulo, Difel, 1977, Tom. III.

FERREIRA, Antonio. Poemas Lusitanos. Lisboa, Livraria Sá da costa Ed., 1900.

FERREIRA, José Maria de Andrade. Curso de Literatura Portuguesa. Lisboa, Livraria Ed. de Mattos Moreira & Cia., 1875.

GOMES, Sônia de Conti. Bibliotecas e Sociedade na Primeira República. São Paulo, Pioneira/INL, 1983.

HALLEWELL, Laurence. O Livro no Brasil. São Paulo, T.A. Queiroz/EDUSP, 1985.

Histórico da Livraria Francisco Alves. Rio de Janeiro, Ed. Paulo de Azevedo Ltda., 1954.

LAFETA, João Luiz. 1930: A Crítica e o Modernismo. São Paulo, Duas Cidades, 1974

LIMA, L. de O. Estória da Educação no Brasil (de Pombal a Passarinho). Rio de Janeiro, Ed. Brasília, 3a. ed., s.d.

LOPES, Pe. Francisco Leme. Carlos de Laet - Textos Escolhidos. Rio de Janeiro, Livraria Agir Ed., 1964.

MACHADO, Diogo Barbosa. Biblioteca Lusitana. Lisboa, Imprensa Nacional, 1741-1759.

MALVEIRA, Antonio Nunes. Fausto Carlos Barreto, o reformador dos cursos de Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Caderno 4 dos Cadernos Avulsos da Biblioteca do Professor do colégio Pedro II, 1984.

MATOS, Cláudia Neiva de. Gentis Guerreiros. O Indianismo de Gonçalves Dias. São Paulo, Atual, 1988.

MORAIS FILHO, Mello. Curso de Literatura Brasileira. 4ª. ed., Rio de Janeiro, Garnier, 1902.

MOTTA FILHO, Cândido. Introdução ao Estudo do Pensamento Nacional. O Romantismo. São Paulo, Hélios, 1926.

NAVA, Pedro. Balão Cativo. Memórias 2. 4ª. ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.

_____. Chão de Ferro. Memórias 3. 2ª. ed., Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Ed., 1976.

NEEDELL, Jeffrey. A Tropical Belle Epoque. Cambridge, Cambridge University Press, 1987.

NOGUEIRA, Ataliba. Centenário de Carlos de Laet. São Paulo, Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, 1958.

PINHEIRO, Cônego Joaquim Caetano Fernandes. Curso Elementar de Literatura Nacional. Rio de Janeiro, Garnier, 1862.

Programas de Ensino do Colégio Pedro II. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1893-1898.

QUINTILLEN, M. F. Institution Oratoire. Texte Etabli et Traduit par Jean Cousin. Paris, Les Belles Lettres, 1975.

RIBEIRO, João e ROMERO, Silvio. Compêndio de História da Literatura Brasileira. Rio de Janeiro, Francisco alves, 2ª. ed., 1909.

RIZZINI, Carlos. O Livro, O Jornal e A Tipografia no Brasil. Ed. Fac-similar. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1988.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. História da Educação no Brasil. 13ª. ed., Petrópolis, Vozes, 1991.

ROMERO, Silvio. História da Literatura Brasileira. 2ª. ed., Rio de Janeiro, Garnier, 1902.

SILVA, João Manuel Pereira da. Parnaso Brasileiro. Rio de Janeiro, Laemmert, 2 vol., 1843-1848.

SOTERO DOS REIS, Francisco. Curso de Literatura Portuguesa e Brasileira. São Luis do Maranhão, 1866-1873.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. Florilégio da Poesia Brasileira. Lisboa, Imprensa Nacional, 3 vol., 1850-1853.

VENTURA, Roberto. Estilo Tropical. História Cultural e Polêmicas Literárias no Brasil. São Paulo, Cia. da Letras, 1991.

VERÍSSIMO, José. História da Literatura Brasileira. Rio de Janeiro, José Olympio, 3a. ed., 1954.

WERNECK, Eugênio. Antologia Brasileira. 7ª. ed., Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1918.

WOLF, Ferdinand. Le Brésil Littéraire. Histoire de la Littérature Brésilienne. Berlin, A.Asher & CO., 1883.

_____. O Brasil Literário. História da Literatura Brasileira. Tradução, prefácio e notas de Jamil Almansur Haddad. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1955.

APENDICE 1

Autores e excertos apresentados na seqüência que foram selecionados em cada Livro, ou seja, é como folhear cada Livro.

Legenda:

Rec = record - número de entrada na digitação

LIVRO 1 - Parnaso Brasileiro (1843-48)

LIVRO 2 - Florilégio da Poesia Brasileira (1850-53)

LIVRO 3 - Curso Elementar de Literatura Nacional (1862)

LIVRO 4 - Le Brésil Littéraire (1863)

LIVRO 5 - Seleção Literária (1887-92)

LIVRO 6 - Antologia Nacional (1895) 1ª. edição

LIVRO 7 - Antologia Nacional (1913) 6ª. edição

LIVRO 8 - Antologia Nacional (1915) 7ª. edição

LIVRO 9 - Antologia Nacional (1942) 25ª. edição

Nac = nacionalidade - B (brasileiro) e P (português)

Autor - nome completo do autor

Obra - nome do excerto ou primeiro verso compilado

APENDICE 3

Autores em ordem alfabética pelo primeiro nome e quantidade de excertos em cada Livro consultado. É possível visualizar quais os autores que comparecem com mais ou com menos excertos em cada Livro.

Alexandre de Gusmão 1 1 1 3 3 3 3 5 5 6 6 6, por exemplo, comparece com três excertos no Livro 1, quatro excertos no Livro 3, dois excertos no Livro 5 e três excertos no Livro 6.

Legenda:

Nac = nacionalidade - B (brasileiro) e P (português)

Autores - nome completo do autor em ordem alfabética

Livros - número do Livro repetido para cada excerto

LIVRO 1 - Parnaso Brasileiro (1843-48)

LIVRO 2 - Florilégio da Poesia Brasileira (1850-53)

LIVRO 3 - Curso Elementar de Literatura Nacional (1862)

LIVRO 4 - Le Brésil Littéraire (1863)

LIVRO 5 - Seleção Literária (1887-92)

LIVRO 6 - Antologia Nacional (1895) 1ª. edição

LIVRO 7 - Antologia Nacional (1913) 6ª. edição

LIVRO 8 - Antologia Nacional (1915) 7ª. edição

LIVRO 9 - Antologia Nacional (1942) 25ª. edição

AUTORES	LIVROS
ALEXANDRE DE GUSHAD	1 1 1 3 3 3 3 5 5 6 6 6
ALEXANDRE HERCULANO	3 3 5 5 5 5 6 6 6 6 6
ALFREDO ESCRAGNDLLE TAUNAY	7
ALMEIDA GARRETT	3 5 5 5 5 6 6 6 6
ALPHONSUS DE GUIMARAENS	9 9 9
ALUISIO BONCALVES DE AZEVEDO	9
ALVARO TEIXEIRA DE MACEDO	2 4 4 4
ANGELA DE AMARAL RANGEL	2 2
ANONIMO	1
ANTERO DE QUENTAL	7 7 7
ANTONIO AUGUSTO DE QUEIROGA	1 1 1 2 2 2 4
ANTONIO CAETANO DE SOUSA	3 3 3
ANTONIO CARLOS ANDRADA	3
ANTONIO CORDEIRO DA SILVA	2
ANTONIO DA SILVA TULIO	6
ANTONIO DE CASTRO ALVES	5 6
ANTONIO DE MACEDO COSTA	6
ANTONIO DINIZ DA CRUZ E SILVA	3 3 3 3 3 3 3 3 3 3 3 3 6 6
ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO	3 5 5 5 5 6 6 6 6
ANTONIO FERREIRA	3 3 3 3 3 3 3 5 5 5 6 6
ANTONIO FRANCISCO OUTRA E HELO	3 6
ANTONIO BONCALVES DIAS	1 1 3 3 4 4 4 4 4 4 5 5 5 6 6 6
ANTONIO BONCALVES TEIXEIRA E SOUSA	1 1 1 3 3 3 3 4 4 4
ANTONIO JOSE DA SILVA	2 3 3 3 3 4 4 4 4 6
ANTONIO JOSE VAZ	2
ANTONIO MARIANO ALBERTO DE OLIVEIRA	9 9 9 9 9 9 9
ANTONIO HENDES BORDALO	2 2 2
ANTONIO PEREIRA DE SOUSA CALDAS	1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 2 2 2 2 2 2 2 2 3 3 3 3 3 4 4 4 4 6 6

MAC AUTORES

LIVROS

P	ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS	3 3 3 3
P	ANTONIO SERPA	3
B	ARTUR AZEVEDO	7
B	AUGUSTO DE CARVALHO RODRIGUES DOS ANJOS	9 9 9
B	BARAO DE PARANAPIACABA	5 5 5 8
B	BARAO DO RIO BRANCO	7
B	BARTOLOMEU ANTONIO CORDOVIL	1 2 2
B	BENTO DE FIGUEIREDO TENREIRO ARANHA	2 2
B	BENTO TEIXEIRA PINTO	2
P	BERNARDIM RIBEIRO	3 3 3 3 3 5 5 5 6 6 6
B	BERNARDO VIEIRA RAVASCO	1 1
P	BULHAO PATO	3
P	CAMILO CASTELO BRANCO	6 6 6
B	CARLOS DE LAET	5 5 5
B	CASIMIRO JOSE MARQUES DE ABREU	6
P	CICLO BRETAO	9 9 9 9
B	CLAUDIO MANUEL DA COSTA	1 2 2 2 2 2 2 2 2 2 2 2 2 2 2 3 3 3 4 4 4 4 4 6
B	CONEGO FRANCISCO XAVIER DA SILVA	2
P	D. AFONSO HENRIQUES	3
P	D. AFONSO II	9
P	D. AFONSO III (DEDICADO A ELE)	3
P	D. DINIZ	3
P	D. DUARTE	9 9
P	D. SANCHO I	3 3
P	DAMIAD DE GOES	3 3 5 6
P	DIDGO BARBOSA MACHADO	3 3 3 3 3 6

AUTORES	LIVROS
DIOGO BERNARDES	3 3 3 3 3 3 3 5
DIOGO DO COUTO	3 5 6 6
DIOGO GRASSON TINOCO	2
DOMINGOS BORGES DE BARROS	1 1 1 1 1 1 1 1 2 2 2 2 2 2 2 2 2 2 2 2 2 2 2 2 2 4 4 4
DOMINGOS CALDAS BARBOSA	2 2 2 2 2 2 2 2 2 2 2 2 2 2 4 4 4 9 9
DOMINGOS DOS REIS QUITA	3 3 3 3 3 5 6
DOMINGOS JOSE GONCALVES DE MAGALHAES	1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 3 3 3 4 4 4 4 4 4 4 4 5 5 6 6 6
DOMINGOS MAXIMIANO TORRES	3 3 3 3
DOMINGOS VIDAL BARBOSA	1
DUARTE NUNES DE LEAO	6
ECA DE QUEIROZ	7
EDUARDO PRADO	7
EUCLIDES DA CUNHA	7
EUSEBIO DE MATOS	2 4 4
FERNAO ALVARES DO ORIENTE	3
FERNAO CARDIN	6
FERNAO LOPES	9
FERNAO LOPES DE CASTANHEDA	3
FERNAO MENDES PINTO	3 6 6 6
FILINTO ELISIO	3 3 3 5 6 6
FIRMINO RODRIGUES SILVA	1 1 1 1 1 1
FRANCISCO ADOLFO DE VARNHAGEN	3 4 6
FRANCISCO BERNARDINO RIBEIRO	1 1 1 2 2 2 4
FRANCISCO DE MORAIS	3 3 3 3 5 5 6 6
FRANCISCO DE SA DE MENEZES	3 3 3 6
FRANCISCO DE SA DE MIRANDA	3 3 3 3 3 3 3 3 5 5 6 6 6

AUTORES

LIVROS

FRANCISCO DE SALLES TORRES NUNEN	6
FRANCISCO DIAS GOMES	3 3 3 3
FRANCISCO FERREIRA BARRETO	2 2
FRANCISCO MANUEL DE MELO	3 6 6
FRANCISCO OTAVIANO DE ALMEIDA ROSA	6 6 6
FRANCISCO RODRIGUES LOBO	3 3 3 3 3 3 3 3 3 3 3 5 6 6
FRANCISCO VILELA BARDOZA (PARANAGUA)	1 1 1 1 1 1 1 2 2 2 2 2 2 2 2 3 4 4
FRANKLIN TAVORA	7
FREI AMADOR ARRAYS	3 3 8
FREI ANTONIO BRANDAO	8
FREI FRANCISCO DE MONTE ALVERNE	3 3 3 3 3 3 3 3 4 5 6 6 6 6
FREI FRANCISCO DE PAULA SANTA GERTRUDES	2 2
FREI FRANCISCO DE S. TERESA J. SAMPAIO	3 3 3 6
FREI FRANCISCO DE SAO CARLOS	1 1 1 1 2 2 2 2 2 2 2 3 3 4 4 6
FREI HEITOR PINTO	3 3 3 3 3 5 6 6
FREI JOAO BATISTA DA PURIFICACAO	2
FREI JOSE DE SANTA RITA DURAO	1 1 1 1 2 2 2 2 3 3 3 3 3 3 3 3 3 4 4 5 6 6 6
FREI LUIS DE SOUSA	3 3 3 3 3 5 5 5 5 5 5 5 6 6 6 6
FREI MANUEL DE SANTA MARIA ITAPARICA	2 2 2 2 2 2 2 4 4
FREI VICENTE DO SALVADOR	6
GABRIEL PEREIRA DE CASTRO	3 3 3 3 5 6
GARCIA DE RESENDE	3 7
GASPAR JOSE DE MATOS PINENTEL	2
GERVASIO LOBATO	7
GIL VICENTE	3 3 5 6
GONCALO SOARES DA FRANCA	2 2
GONCALVES CRESPO	6

AUTORES

LIVROS

JOAQUIM JOSE TEIXEIRA	1 1 1 1 1 4 4 4
JOAQUIM MANUEL DE MACEDO	3 3 3 3 3 4 4 4 4 4 4 6 6 6
JOAQUIM MARIA MACHADO DE ASSIS	5 7 7 7 7 7
JOAQUIM NORBERTO DE SOUSA E SILVA	1 1 1 1 1 3 3 3 4 4 4 4 4 7
JOAQUIM PEDRO DE OLIVEIRA MARTINS	6
JOSE AGOSTINHO DE MACEDO	3 5 5 6
JOSE BASILIO DA GAMA	1 1 1 1 2 2 2 2 2 3 3 3 3 3 3 3 3 3 3 4 4 5 6 6
JOSE BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA	1 1 1 1 1 1 2 2 2 2 2 2 2 2 2 2 2 2 2 2 3 4 4 6
JOSE BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA-MOCO	6
JOSE CARLOS DO PATROCINIO	7
JOSE DA NATIVIDADE SALDANHA	1 1 1 1 2 2 2 2 3 4 4
JOSE DA SILVA MENDES LEAL	3 3 6
JOSE ELOY OTTONI	1 1 1 1 1 1 1 2 2 2 2 2 2 2 2 2 2 2 2 2 4 4 4
JOSE ESTEVAO CUELHO DE MAGALHAES	6
JOSE FREIRE DE SERPA	3
JOSE JOAQUIM CORREIA DE ALMEIDA	4 4 4 4 4 4 4
JOSE JOAQUIM DO CARMO	5
JOSE MARIA VELHO DA SILVA	5 5 5
JOSE MARTINIANO DE ALENCAR	5 5 6 6
JOSE PEDRO FERNANDES	2
JOSE PEREIRA DA GRACA ARANHA	9 9
JOSE PIRES DE CARVALHO E ALBUQUERQUE	2
JOSE VIEIRA COUTo DE MAGALHAES	7
JULIO DINIZ	6
LADISLAU DOS SANTOS TITARA	4

AUTORES	LIVROS
LATINO COELHO	5 6 6
LAURINDO JOSE DA SILVA RABELO	6
LUIS AUGUSTO PALMEIRIN	3
LUIS AUGUSTO REBELO DA SILVA	3 5 6
LUIS CARLOS MARTINS PENA	8
LUIS DE CAMOES	3 3 3 3 3 3 3 3 3 3 3 3 3 3 3 3 3 3 5 5 5 5 5 5 5 5 6 6 6 6 6 6 6 6 6 6 6
LUIS GUIMARAES JUNIOR	7 7 7
LUIS JOSE JUNQUEIRA FREIRE	3 3 3 4 4 4 4 6
LUIS NICOLAU FAGUNDES VARELA	6
LUIS PAULINO PINTO DA FRANCA	1 1 2 2 2 3 3 4 4
LUIS RODRIGUES FERREIRA	2 2 2 2 2
MANUEL ALVES BRANCO	1 1 2 2 4
MANUEL ANTONIO ALVARES DE AZEVEDO	3 4 4 4 4 4 4 4 4 4 4 4 6
MANUEL ANTONIO DE ALMEIDA	9 9
MANUEL BOTELHO DE OLIVEIRA	1 1 2 2 2 2 2 2 2 2 3 3 3 4 8
MANUEL DE ARAUJO PORTO ALEGRE	1 1 1 3 3 3 3 3 4 4 6 6 6 6
MANUEL DOS SANTOS	2
MANUEL FERREIRA DE ARAUJO GUIMARAES	2 2
MANUEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA	1 1 1 1 1 1 2 2 2 2 2 2 2 2 2 2 2 2 2 2 3 3 3 3 4 4 4 4 4
MANUEL JOAQUIM RIBEIRO	2 2 2 2 2 2
MANUEL MARIA BARBOSA DU BOGAGE	3 3 3 3 3 3 3 3 3 3 3 3 3 3 3 3 5 5 6 6 6 6 6
MANUEL ODORICO MENDES	1 1 1 1 1 4 6
MANUEL PINHEIRO CHAGAS	7
MARIANO JOSE PEREIRA DA FONSECA	4
MARID PEDERNEIRAS	9 9 9
MARTIN FRANCISCO ANDRADA	3

AUTORES	LIVROS
MELD NORAES FILHO	5
MOUSINHO DE QUEVEDO	3 3 3 3 5 5 6 6
NICOLAU TOLENTINO DE ALMEIDA	3 3 3 6
OLAVO BRAS MARTINS DOS GUIMARAES BILAC	9 9 9 9 9 9 9 9
PADRE ANTONIO DE SA	3 3 3
PADRE ANTONIO JOSE GOMES DA COSTA	2
PADRE ANTONIO VIEIRA	3 3 3 3 3 3 3 3 3 3 3 3 3 3 3 5 5 5 5 5 5 5 6 6 6
PADRE JOAO DE LUCENA	3 5 5 6
PADRE JOSE DE OLIVEIRA SERPA	2 2 2
PADRE MANUEL BERNARDES	5 6 6 6 6 6 6 6 6
PADRE SILVERIO DE PARAPEBA	2
PADRE TEODORO DE ALMEIDA	3 5 5
PAULO JOSE DE HELLO	1
PAULO JOSE DE MELO AZEVEDO E BRITO	2
PEDRO ANTONIO CORREIA GARCAO	3 3 3 3 3 5 6
PEDRO DE ANDRADE CAMINHA	3 5
PEDRO JOSE DA COSTA BARROS	2
PEREIRA DA CUNHA	3
RAINUNDO DA MOTA AZEVEDO CORREIA	7 7 7 7 7
RAINUNDO DE FARIAS BRITO	9 9
RAUL POMPEIA	7
RODRIGO DE SEIXAS BRANDAO	2 2
RUI BARBOSA	9 9 9 9 9 9
SALVADOR DAS NEVES	2
SEBASTIAO BORGES DE BARROS	2 2
SEBASTIAO DA ROCHA FITA	2 2 2 2 3 4 5 5 6 6

AUTORES

LIVROS

SILVESTRE DE OLIVEIRA SERPA	2 2 2
SILVIO V. DA SILVEIRA R. ROMERO	8
SIMAO PEREIRA DE SA	2
TOMAS ANTONIO GONZAGA	1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 2 2 2 2 2 2 2 2 2 2 2 3 3 3 3 3 4 4 4 4 4 4 4 4 4 5 6
TOMAS ANTONIO RIBEIRO FERREIRA	7 7 7
TOMAS RUBI DE BARRROS BARRETO	2 2
TROVADORES	9 9 9 9 9 9 9 9 9 9
VICENTE AUGUSTO DE CARVALHO	9 9 9 9
VICENTE DA COSTA TAQUES GOES E ARANHA	2 2
VISCONDE DE DURO PRETO - AFONSO CELSO	7

APENDICE 4

Distribuição estatística de excertos dos 3 escritores que aparecem em todos os Livros consultados:

Frei José de Santa Rita Durão
José Basílio da Gama
Tomás Antonio Gonzaga

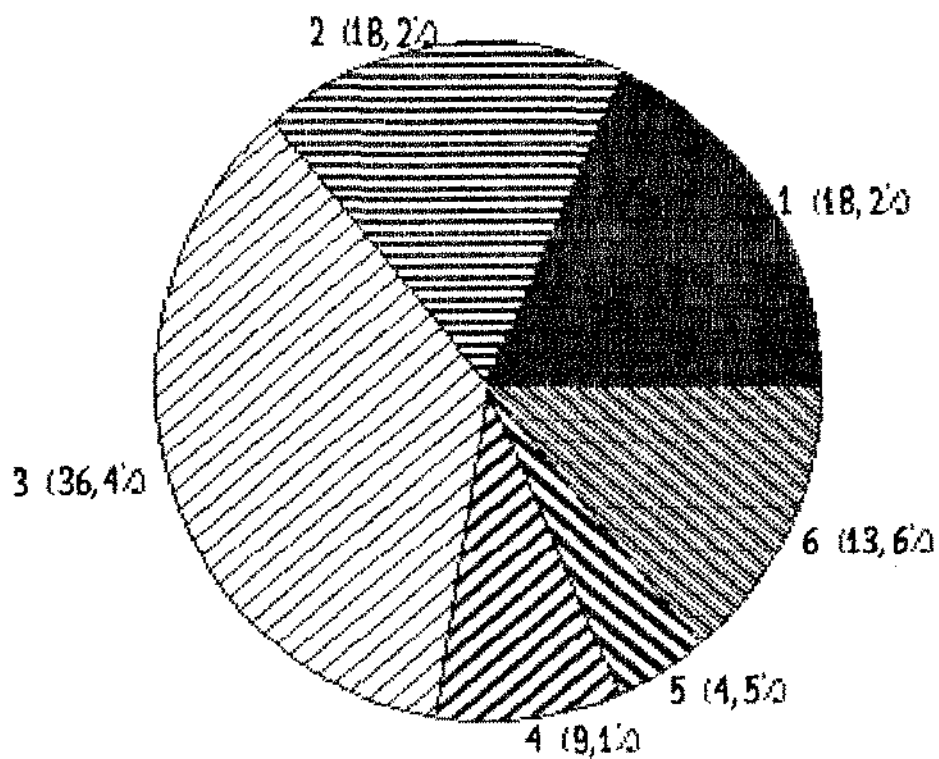
Legenda:

- LIVRO 1 - Parnaso Brasileiro (1843-48)**
- LIVRO 2 - Florilégio da Poesia Brasileira (1850-53)**
- LIVRO 3 - Curso Elementar de Literatura Nacional (1862)**
- LIVRO 4 - Le Brésil Littéraire (1863)**
- LIVRO 5 - Seleção Literária (1887-92)**
- LIVRO 6 - Antologia Nacional (1895) 1ª. edição**

FREI JOSÉ DE SANTA RITA DURÃO

Distribuição estatística dos excertos:

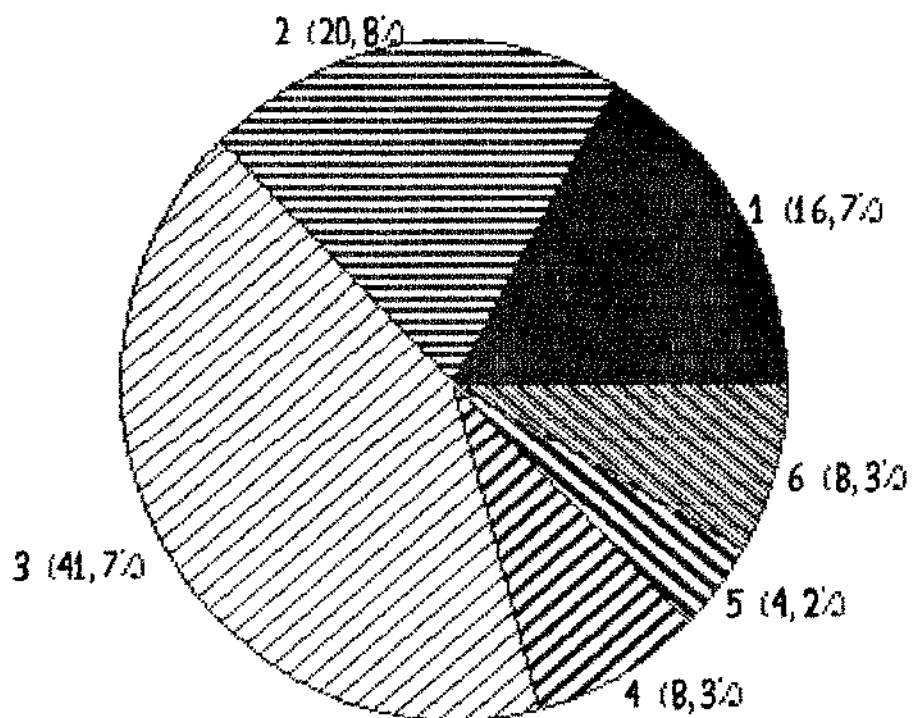
LIVRO 1	-	18,2 %
LIVRO 2	-	18,2 %
LIVRO 3	-	36,4 %
LIVRO 4	-	9,1 %
LIVRO 5	-	4,5 %
LIVRO 6	-	13,6 %



JOSÉ BASÍLIO DA GAMA

Distribuição estatística dos excertos:

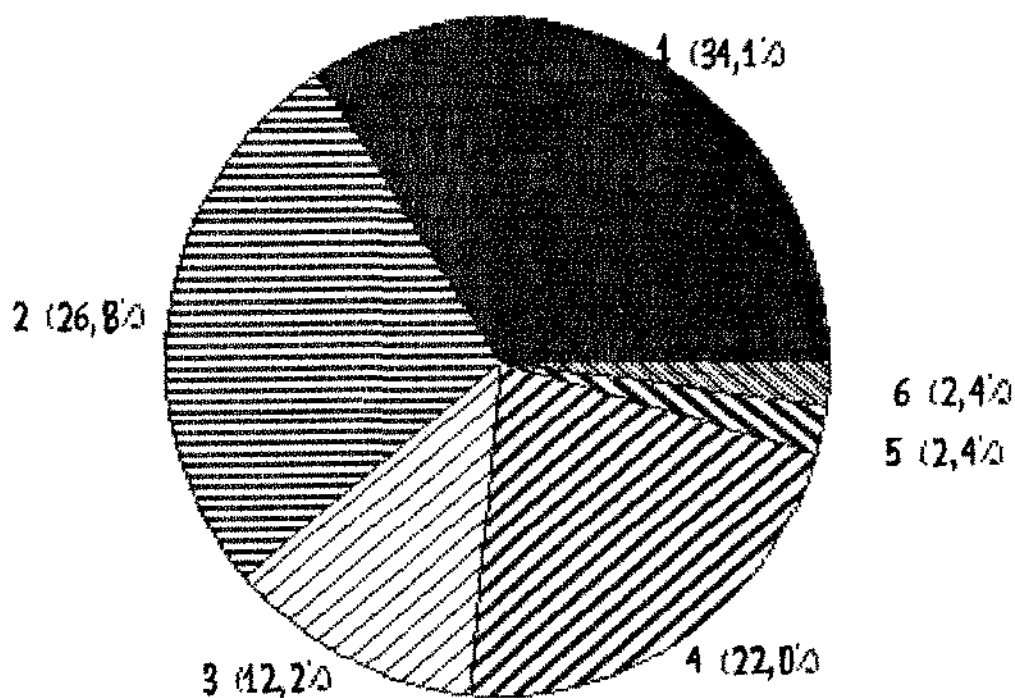
LIVRO 1	-	16,7 %
LIVRO 2	-	20,8 %
LIVRO 3	-	41,7 %
LIVRO 4	-	8,3 %
LIVRO 5	-	4,2 %
LIVRO 6	-	8,3 %



TOMAS ANTONIO GONZAGA

Distribuição estatística dos excertos:

LIVRO 1	-	34,1 %
LIVRO 2	-	26,8 %
LIVRO 3	-	12,2 %
LIVRO 4	-	22,0 %
LIVRO 5	-	2,4 %
LIVRO 6	-	2,4 %



XEROCÓPIAS

- 1 - página de rosto 4ª. edição da **Antologia Nacional**
- 2 - página de rosto 6ª. edição da **Antologia Nacional**
- 3 - prova de português do Colégio Pedro II com *Análise Lógica*
- 4 - idem, continuação
- 5 - prova de português do Colégio Pedro II com ditado usando a **Antologia Nacional**
- 6 - idem
- 7 - idem
- 8 - idem
- 9 - Ata de *Exames de Preparatórios* do Colégio Pedro II
- 10 - idem
- 11 - idem
- 12 - idem
- 13 - anúncio Jornal do Comércio (RJ) de 02.01.1916, p. 16
- 14 - anúncio de jornal A Manhã (RJ) de 14.04.1927, p. 6
- 15 - anúncio Jornal do Comércio (RJ) de 02.01.1916, p. 16
- 16 - idem

ANTHOLOGIA NACIONAL

OU

COLLEÇÃO DE EXCERPTOS

DOS

PRINCIPAES ESCRIPTORES DA LINGUA PORTUGUEZA

DO 19° AO 16° SEculo

POR

FAUSTO BARRETO

E

CARLOS DE LAET

Precedida de uma introdução grammatical e antremlada de breves noticias bio-bibliographicas

4.ª EDIÇÃO

Adoptada no Gynnasio Nacional, na Escola Normal do Distrito Federal, no Collegio Militar e em outros estabelecimentos de ensino, tanto d'esta Capital como dos Estados.

Registro N.º

7920

Ano de 1917

RIO DE JANEIRO

Livraria da Viuva Azevedo & C.ª, editores

33, RUA DA URUGUAYANA, 33

1903

ANTHOLOGIA NACIONAL

OU

COLLECCÃO DE EXCERPTOS

DOS

Principaes escriptores da lingua *Portugueza*
Alves
Do 19.^o ao 16.^o seculo.

POR

FAUSTO BARRETO e CARLOS DE LAET

Precedida de uma introdução grammatical
e entremetida de breves noticias bio-bibliographicas.

*Adoptada no Collegio Pedro II, na Escola Normal do
Districto Federal, no Collegio Militar e em outros estabe-
lecimentos de ensino, tanto d'esta Capital como dos
Estados.*

6.^o EDIÇÃO

FRANCISCO ALVES & C^{ia}
RIO DE JANEIRO
166, RUA DO OUVIDOR, 166
S. PAULO
65, RUA DE S. BENTO, 65
BELLO HORIZONTE
1033, RUA DA BAHIA, 1033

AILLAUD, ALVES & C^{ia}
PARIS
96, BOULEVARD MONTFARNASSE, 96
(LIVRARIA AILLAUD)
LISBOA
73, RUA GARRETT, 73
(LIVRARIA BERTRAND)

1913

2

[Handwritten signature]

Rio de Janeiro 12 de Julho de 1882.

David Jones Jardim Junior idade de 14 an
natural da provincia de S. Paulo, sob a resp
sabilidade do Sni.º Lameira de Andrade.

Trei Luiz de Souza, annaes de D. João III.
pagina 58.

Lingua Portuguesa.

Trecho.

Mas chegando por fim de novembro d
anno de 22 a Lisboa segundo embaixado
e foi o Doutor Barbosa, que vinha para
acompanhar e servir a rainha D. Leonor
em lugar do secretario Barroso, e entrara
pela a sala, onde el rei estava, sua alteza
deixou estar assentado, até o Doutor chega
a elle, e lhe offerrece a carta que trazia
de crempo, e começar a fallar. Então se
levantou, e acouvia em pé.

Analyse Logica.

Este trecho é composto de 2 períodos. os
completos porque forma sentido completo
terminar em pontos finais.

1.º Período -

1.ª oração: Mas chegando por fim de novembro d'este anno d
22 a Lisboa segundo embaixador - Subj - adversati
pela conjunção mas a qual é adversativa
elle occulto pela figura ellipse -
chegando - adj - intrans - regular - pers - da primeira
conjunção nota de conjunção - ar -

[Vertical handwritten notes on the left margin]

Comp. Circunst. de tempo - por fim de novembro
..... época determinada - d'este anno de 22 -
..... de lugar onde se Lisboa -

..... modo segundo embaixador -

II^a oração E foi a Doutor Cabrera - Principal copulata
porque está ligada a outra pela conjunção
da primeira classe a qual é - e

Suj: o Doutor Cabrera - Simples e incompleto
é simples porque é um só sujeito, é incompleto
porque não tem complementos que o modifiquem -

Verb: foi - subit. tomado na significação de ser
é da segunda conjugação pela figura

III^a oração Que vinha - Incidente explicativa - Simples
e incompleta -

Suj: Que - referindo ao Doutor Cabrera -

Verbo: vinha - adj. intransitivo irregular porque
não segue todos os tempos a conjugação
que pertence pessoal - = *veniebat* -

IV^a oração para acompanhar e servir Sub. Circunst.
de fim para que - elliptica -

Sujeito: elle - idem referindo ao Doutor Cabrera

Verbo: a acompanhar - adj. intrans. regular
que segue todos os tempos a conjugação e
pertence - pess. - no infinito -

V^a oração e servir a rainha D. Leonor - idem com
já tractamos, porque está ligada pela
conjugação de e outra mais esta frase em lugar de
.....

Suj: idem - como a da outra antecedente

Verb: servir - adj. trans. irregular - pess. - no
infinitivo -

Comp. Objectiva - a rainha D. Leonor -

..... Circunst. de modo - em lugar do secretario Barriolo -

27

817+1049-34
gr. 9

Ped, 6 de março de 1915

Senhor R. Medial

Dictado de seguinte trecho

July. lina
gr. B

Quincas Borba! Exclamou, abrindo-lhe as portas. O cão atirou-se fóra. Luce alegria! Luce entusiasmada! Luce saltos em volta do anel! Chegou a lambeder-lhe as mãos de contentes, mas Rubião dá-lhe um tapete que lhe dói; elle recua um pouco, triste, corre a candelas entre as janelas; depois o senhor dá um estalido com os dedos, e ei-lhe que volta serenamente, corre a sussurrar alegria.

2

Locega! Locega!

"Quincas Borba" vai atroz d'elle pelo jardim fóra, contorna a casa, ora andando, ora aos saltos.

Laboreia a liberdade, mas não perde o arce de vista.

Senhor Rodrigues Medial

(Antologia p. 93-94)
6º ed.

166 | : unno.

Ant. J. de Barros Disciplina

7

Exame de Admissão ao collegio Pedro II
2 de Março de 1921

Roberto de Aguiar da Costa

Ponte nº 2

Anthologia Nacional pag. 115

Jo. 2
Jo. 1
Jo. 5
Jo. 1

al de port
g. 1
Medic
g. 5
Jo. 1

Nota-lo ao esquicimento, vivia o bravo barão de Suro-Lago ignorado nos suburbios de Porto Alegre, ao entregue as affeições da familia. Tragava em silencio a injustica de que fora victima, quando a presença do exalce fundador do imperio, despertando entre os chios-grandencas o amotido enthusiasmo, fu-lo cabir do seu retiro para offerer a patria como simples soldado a sua espada gloriosa. Infelizmente a presença do imperador, se muitos beneficios levou ao exercito, não pôde todavia produzir todas as vantagens que era de esperar; e a sua volta súbita e innesperada fez com que a provincia recabisse na mesma prostração em que estivera antes mergulhada. Foi assim que muito difficilmente se pôde recolher o producto de uma subscrição popular agenciada por durante a presença do principe, com o fim de auxiliar as urgencias do estado nas despezas da guerra, e que dos homens que se haviam offerido para reunir voluntarios destinados a engrasar os filheiros do exercito, apenas o barão de Suro-Lago cumpriu a sua promessa.

Exame de admissoes ao Collegio Pedro II
de 1848 de 1848

Oswaldo Guaranhy de Figueiredo

Pont. 1.º: Antheologia Nacional, pag. 115

9.º
1.º
2.º
3.º
4.º
5.º
6.º
7.º
8.º
9.º

Botado ao esquecimento, vivia o bravo
Barão do Selto Largo ignorado nos qu-
burbios de Porto Alegre, só entregue
as affeições da familia. Tragdeva em
silêncio a injustica de que fora
victima quando a presença do ex-celso
fundador do Imperio, esperantando
em os seus Regrândes o amor
peccido e enthusiasmo, pelo sahir
do seu retiro para offerer a patria
como simples soldado a sua espada
gloriosa. Infelizmente a presença
do Imperador e muitos Beneficios
levou ao exercito, não pôde todavia
produzir todas as vantagens que
era de esperar; e a sua volta sub-
ta e inesperada fez com que
a provincia recadasse na mesma
prostracção em que estivera antes
merquethada. Foi assim que mu-
difficilmente se pôde resolver o
producto de uma subscripção popular
agenciada durante a presença do
Principe com o fim de auxiliar
as urgencias do Estado nas despesas
da guerra, e que dos homens que
se haviam offercido para reunir
voluntarios destinados a engrossar
as fileiras do exercito, apenas o

Externato do Gymnásio Nacional

EXAMES DE PREPARATORIOS

ACTA

Nos ~~quatro~~ dias de Junho de 1884, presente a commissão examinadora abaixo assignada, fez-se a chamada dos candidatos ao exame de Portuguez.

De accordo com as instrucções em vigor, procedeu-se aos exames, cujo resultado foi o seguinte:

- Domingos de Sousa Leite aprovado plenamente
- Alfredo Ferreira Alegria inh. diri, reprovado
- Henrique Ferreira Alegria aprovado simplesmente
- João Vaz Pinto aprovado simplesmente
- Francisco Ravisio Lemos inhabilitado
- George Lagoy inhabilitado

O Presidente,

Augusto Brazili

Os Examinadores,

Luiz Carlos Barreto
Antonio...

Observações

Externato do Gymnásio Nacional

EXAMES DE PREPARATORIOS

ACTA

Nos 16 dias de Junho de 18 94, presente a commissão examinadora abaixo assignada, fez-se a chamada dos candidatos ao exame de portuguez

De accordo com as instrucções em vigor, procedeu-se aos exames, cujo resultado foi o seguinte:

<u>Julião Rayzel de effeudo Saue</u>	<u>simplesmente</u>
<u>Raul Ruyes Daltro</u>	<u>plenamente</u>
<u>José effeudo de Arago Jones Junior</u>	<u>Inhabilitado</u>
<u>Octavio de Toledo Bandeira de effeudo</u>	<u>Inhabilitado</u>
<u>Luizinho Ribeiro de Almeida</u>	<u>Inhabilitado</u>
<u>Arnaldo de Lameira</u>	<u>Inhabilitado</u>

O Presidente,

Agostinho Pereira

Os Examinadores,

Francisco Carlos Basso
Francisco Ruyes Junior

Observações

.....
.....
.....
.....
.....

Externato do Gymnásio Nacional

EXAMES DE PREPARATORIOS

ACTA

Nos vinte dias de Junho de 1874, presente a commissão examinadora abaixo assignada, fez-se a chamada dos candidatos ao exame de portuguez

De accordo com as instrucções em vigor, procedeu-se aos exames, cujo resultado foi o seguinte:

Jose Maria da Cunha Lobo	Plenamente
Carlota Emilia de Almeida	Distinção
Antelia Cardoso	Inhabilitado
Aristides Ferreira Caixe	Simplemente
Alvaro Nazareth	Inhabilitado
Arthur de Araujo Braga	Plenamente

O Presidente,

afonso de albuquerque

Os Examinadores,

Francisco Carlos Barreto
Francisco Pinheiro Guimarães

Observações

.....

.....

.....

.....

.....

Externato do Gymnasio Nacional

EXAMES DE PREPARATORIOS

ACTA

Nos 21 dias de Junho de 1894, presente a comissão examinadora abaixo assignada, fez-se a chamada dos candidulos ao exame de portuguez

De accordo com as instrucções em vigor, procedeu-se aos exames, cujo resultado foi o seguinte:

Antonio Thoms Soares da Cruz	Simplymente
Raul Ribeiro Rodrigues Torres	Inhabilitado
Eugenio de effensey	Inhabilitado
Fausto Fereira de Aguiar	Inhabilitado
Carlos Ramos	Inhabilitado
Pio Lopes el Coutinho	Inhabilitado

O Presidente,

Augusto Cruzillo

Os Examinadores,

Fausto Carlos Barreto
Francisco Ribeiro Guimarães

Observações

.....
.....
.....
.....
.....

escriptorio

do predio n. 93, da
ca-se na rua Sete de

AÇA

E declara ás praças
tado de Minas que,
auxiliares e interes-
lezerra da Cunha e
ida, resolveu dar in-
suas LEITURIAS
nardino Ribeiro da
isco de Paiva, aquel
criptorio, e este se-
de distribuição em

de S. Francisco

ar, lado da sombra,

corrente, em notas do tabellão Dr. Paula
Costa, comprou aos Srs. Silva Pereira
& Comp., sua fabrica de Cerveja Central,
sitá á rua Marechal Floriano Peixoto nu-
mero 45, que passou a denominar-se

FABRICA DE CERVEJA PORTUGAL

para onde pede a vallosa protecção que
sempre lhe dispensaram, bem como aos an-
tigos freguezes e amigos da extincta fir-
ma.

Rio de Janeiro, 31 de Dezembro de 1915.

Francisco Alves Ramalho.

Admissão ao Collegio Pedro II

Um grupo de estudantes da Escola Po-
lytechnica iniciará no dia 5 de Janeiro, um
curso para preparar candidatos á matricula
no 1º anno do Collegio Pedro II; informa-
se e trata-se na rua da Alfandega n. 48, 1º
andar, de 1 ás 3 horas. com o Sr. Annibal
Bomfim.

56, RUA DO

CA

Compra-se uma co-
um só pavimento, em
Cattete, Laranjeiras e
aceitam intermediario
na rua Pereira da S.
Laranjeiras.

UM CAV

preciza de uma b
em casa onde II
toda a independ
Offertas a C. /

APARTMENT

Nice rooms facing
good board, bathing;
mero 98.

Agora não se discutem preços!

4 - Rua da Alfandega - 124

- E -

8 - Rua Uruguayana - 160

(quina de Alfandega) Telephone Norte 1244

MANCAES
E CAIXAS DE ESFERAS
"F.A.G."
PARA TRANSMISSÕES



COMPLETO
ORTIMENTO
DE
CAIXAS DE
ESFERAS

STEINBERG & CIA
RIO DE JANEIRO
AVENIDA DO BRANCO
CASA Nº 1281
RUA DE LIMA STEINBERG

PARA
AUTOMOVEIS
E TODOS
OS FINS
INDUSTRIAES

BAR E RESTAURANTE A CARTA
ABERTO TODA A NOITE
JOÃO OTERO SEOANE

AV. NIEMEYER N. 2

LEBLON

Ponto mais agradável para pic-nics e descanços diários

TEL. IP. 336

CAPAS PARA AUTOS

BUICK, DODGE, STUDEBAKER,
OAKLAND, etc. 95\$
FORD, TYPO 1926 . . . 75\$
CHEVROLET, TYPO
926 85\$
CAPAS PARA PNEUS 30\$

GARAGE COOPERATIVA

Largo do Machado, 27
Tel. B. M. 3813
EDUARDO SCHNABL



LIVRARIA FRANCISCO ALVES
Livros escolares e academicos
Quilador, 165-167

AULAS A DOMICILIO

Professor habilitado lecciona, para exames no Pedro II, portuguez, arithmetica, geographia e historia. Cartas ao Professor - Rua Silva Rego, 35, c. 25, Riachuelo.

Professor de Linguas

Recentemente chegada de São Paulo, com longa pratica do magisterio naquella e nesta cidade, accella aulas de Portuguez, Francez e Ingles, em collegios e casas particulares. Prepara candidatos para exames linguas no Collegio Pedro II. Apresenta as melhores referencias sobre a sua idoneidade moral e profissional. Aulas de musica e piano por professora competente. Rua Asamor n. 23, casa IV, Lins de Vasconcelos.

Para Anemias e Opliação, e Anemil e Anemil Tostes, sera purgante.

"Permitonium"

Poderoso Fortificante, abre o appetite, engorda e dá força. Vende-se em todas as farmacias. Um vidro 32000. Depositario: Dr. Maria P. Becker, Rua dos Andaraes, 43, Lab. Homopathicus Albert Lopez, rua Eng. de Denton, 26

ALFAIATARIA PRIMOR

Entrada de estação
Costumes de ca-
semira superior,
preto, azul . . . 70\$
Costume de Pana-
má 70\$
Calças de flanela
superior 45\$
D. de brim bran-
co, sup. 35\$

Rua MARCHEL FLORIANO, 113

Injeção Brasileira
o mais efficaz remedio no trata-
mento da Gonorrhéa
PHARMACIA BRASILEIRA
URUGUAYANA N. 105

LOJA

DYNAMOGENOL

GERADOR DA FORÇA

anemia	Hysterismo	Impotencia	Perda seminal	Dores de cabeça
anemia	Nervoso	Falidez	Convalescencia	Frequencia geral
anemia	Vertigens	Insomnia	Magreza	Suores nocturnas

Curso Superior de Admissão às Escolas

43 CARIOCA 43

DISPOSIÇÕES GERAES

Este Estabelecimento, assaz acreditado pela seriedade do seu ensino e pelo grande numero de alumnos que já tiveram ingresso nas Escolas Superiores, está confiado á dedicação de abalizados e conhecidos professores e é destinado á matricula na Escola Normal e Escolas Superiores.

O CURSO PREPARATORIO — Constando de Portuguez, Francez, Inglez, Latim, Geographia, Arithmetica e Algebra, funciona das 10 ás 13 horas, sendo de 30\$ a sua mensalidade; materia avulsa, 10\$000.

O CURSO SUPERIOR — Constando de todas as materias do curso gymnasia, funciona das 12 ás 17 horas, sendo de 50\$000 a mensalidade para a matricula geral; materia avulsa, 10\$000.

O CURSO NOCTURNO — Constando de Portuguez, Francez, Inglez, Latim, Arithmetica, Algebra, Geometria e Escripção Mercantil, funciona das 19, ás 22 horas, sendo sua mensalidade de 30\$000 para a matricula geral; materia avulsa, 10\$000.

CORPO DOCENTE — Dra. Peceguero do Amaral, Lima Mindello, Silva Marques, Bandeira de Mello, Mendes de Agular, Hildegardo Noronha, Mario Rumitti, Leal Costa, Gomes Ribeiro, Mario Rezende e Mr. Niculso.

N. B. — As aulas de Mathematicas para a Escola Polytechnica funcionam no edificio desta Escola e estão confididas á proficiencia do Dr. Maurício Joppert, Director — ANTONIO NEVES.

CURSO PREPARATORIO

PARA

Admissão nas Escolas Superiores

Estão abertas as matriculas deste Curso que funciona, parte no edificio da Escola Polytechnica, e parte no predio da rua do Theatro n. 37, onde está instalada a Secretaria, que se acha aberta das 2 A'S 4 HORAS DA TARDE.

As aulas para os exames de preparatorio no Collegio Pedro II e os vestibulares nas Escolas Polytechnica e Naval e Faculdades de Medicina e Direito commecarão a funcionar de accordo com os novos horarios no dia 5 DE JANEIRO.

Do Corpo Docente fazem parte os seguintes professores: Drs. E. Itaja Gabaglia, Carvalho e Mello, Heitor Bustamante e Everardo Backheuser, da Escola Polytechnica; Lima Mindello, da Escola do Realengo; Gastão Ruch e Alvaro Espinheira, do Collegio Pedro II; Monzenhor Fernando Rangel, Raul Guedes e F. A. Raja Gabaglia.

O Director, Dr. Luiz de Carvalho e Mello
F. A. Raja Gabaglia, Secretario.

COLLEGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

91, RUA VISCONDE DE IBITURUNA, ANTERIO CAMPO ALEGRE

INTERNATO, SEMI-INTERNATO E EXTERNATO

Este antigo estabelecimento de instrucção, fundado em 1888 e que funcionou 19 annos no predio da rua Haddock Lobo n. 437, transferiu sua sede para o magnifico, vasto e hygienico palacete da rua Visconde de Ibituruna n. 91.

Disposto de pessoal habilitadissimo e estando o estudo das linguas estrangeiras a cargo de professores de r especia nacionalidade, divide-se o seu curso em quatro secções: infantil, primario, medio e secundario.

Para informações e prospectos na rua Campo Alegre n. 91, e na livreria Alveas—Rua do Ouvidor n. 186. Admittem-se meninos externos e internos até 10 annos.
Reabertura das aulas á 11 de Janeiro.

CURSO PROPEDEUTICO

Fundado a 1 de Julho de 1911 Director — Dr. Washington Garcia

RUA DA CARIOCA N. 71 — TELEPHONES: 863 CENTRAL E OFFICIAL

Habilita para todos os preparatorios no Collegio Pedro II, no vestibulo das Faculdades e nas Escolas Militares. Outrossim prepara alumnos da Escola Normal, candidatos a concursos, ao commercio, etc. Ambos os sexos. Taxa fixa 30\$ mensaes.

PARTOS, DOENÇAS DAS SENHORAS

O DR. VIEIRA SOUTO

Chefe da Maternidade da Santa Casa de Misericordia, dá consultas das 3 ás 6 horas

RESIDENCIA: RUA DOS VOLUNTARIOS DA PATRIA N. 89 — TELEPHONE N. 1.700 — SUL

Consultorio: Primeiro de Março n. 47 das 3 ás 6 horas

EXTERNATO GABALDA

162, Rua 7 de Setembro, 162, sobrado

Está reorganizado todo o corpo docente.

Abriam-se as matriculas para os novos cursos do preparatorio, Cursos nocturnos.

Raios X

O DR. JORGE AFFONSO FRANCO

de 2 ás 4 — Largo da Carioca 15 — Radioscopias e Radiographias de precisão. Tratamento das molestias pela electricidade — Raios X a domicilio — Operações.

dados a concursos, ao commercio, etc. Ambos os sexos. Taxa fixa 30\$ mensaes.

PARTOS, DOENÇAS DAS SENHORAS

O DR. VIEIRA SOUTO

Chefe da Maternidade da Santa Casa de Misericordia, dá consultas das 3 ás 6 horas

RESIDENCIA: RUA DOS VOLUNTARIOS DA PATRIA N. 69 — TELEPHONE N. 1.700 — SUL | Consultorio: Primeiro de Março n. 47 das 3 ás 6 horas

EXTERNATO GABALDA

162, Rua 7 de Setembro, 162, sobrado

Está reorganizado todo o corpo docente.

Abriam-se as matriculas para os novos cursos de preparatorios. Cursos nocturnos.

Raios X

DR. JORGE AFFONSO FRANCO

de 2 ás 4 — Largo da Carioca 15 — Radioscopia e Radiographias de precisão. Tratamento das molestias pela electricidade — Raios X a domicilio — Operações.

Pensionat du Sacré Chœur de Marie

Admite alumnas internas, semi-internas e externas. Lecionam-se todas as materias do curso primario e do curso gymnasiual.

Tambem se ensina francez e inglez pratico, musica, pintura, trabalhos de fantasia e bordados.

Actualmente o collegio funciona na rua Gustavo Sampaio, 156, Leme.

No proximo meza de Março mudará para a rua dos Tomieiros, 52, Copacabana, onde está agora a «Pensão Occidente».

TUMORES DOS SEIOS E DO VENTRE

Molestias de senhoras e das vias urinaarias Hernias—Hydroceles—Operações em geral

Dr. Joaquim Mattos

Cirurgião effectivo de Hospital da Saude — 17 annos de pratica

Consultorio: rua Rodrigo Silva n. 5, entre as ruas da Assembléa e S. José. De 1 ás 4 horas.

COLLEGIO PROGRESSO

Para meninos

II LARGO DO MACHADO II

Reabertura das aulas, a 3 de Janeiro.

COLLEGIO FARIA

645—PRAÇA DA REPUBLICA—60

Cursos: Primario, medio e secundario

Reabrem-se as aulas a 4 do corrente

A' PRAÇA

Declaramos que vendemos, nesta loja, a

LIVRARIA ALVES

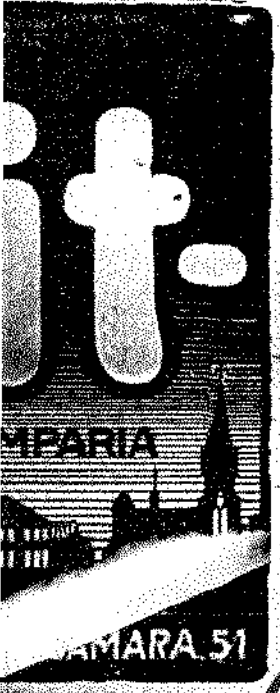
Fundada em 1854

RUA OUVIDOR 166 | RUA S. BENTO 65

RIO DE JANEIRO | S. PAULO

Esta casa tem um grande sortimento de livros de ensino primario, secundario e superior, os quaes vende por preços barataes; assim como giz, ardores, mapas, lapis, globos, cadernos, para escripta, desenho, etc. Remettem-se catalogo gratis para todo o Brazil

MATHEMATICA



OS 5801-Central

MOS